

VELHAS CASAS

X

Casa de Sezim

(II)

(Continuação do Vol. XXXV, pág. 328)

Devagar, com esplendor, põe-se o sol. O céu, um largo céu, muito azul, nuvens cor de rosa a brincarem entre os raios dourados. A folgar, cheios de ânimo, partiram os fidalgos. Arrastaram mais gente: velhos, novos, sacerdotes, algumas mulheres armadas de foices e paus, todos a «mostrarem que prestão para morrer gostosos no serviço de V. Magestade»⁽²²²⁾. Depressa! Para a Frente! Para a Frente!

Morre o sol entre as nuvens pretas, enormes, a encherem o horizonte.

— «Ai meu senhor, não me lebe! Quem bai colher o binhinho! Ai meu senhor! Sou doente. Pelas «armas» deixe-me ficar! Ai meu Senhor!...». — «E o prebilégio? E o prebilégio? Somos caseiros da Senhora da Oliveira. Ele não bai, boa! Ai meu Senhor!...».

Atiram-se ao chão. Rogam. O lavrador, a mulher, os filhos, mocetões e tremerem como folhas ao vento. Lá vai a leva. Mais uma, os soldados a venderem as toucas e saias das mulheres e depois as armas, a deixarem-se ficar pelos caminhos, dizimados pela fome e doença⁽²²³⁾.

⁽²²²⁾ «*Relaçam*», citada na nota 220. Há um exemplar na Bib. da Sociedade Martins Sarmento; foi publicado na *Revista de Guimarães*, vol. especial com.º dos Centenários da Fundação e Restauração de Portugal, MCMXL.

⁽²²³⁾ «1641. Em 1-IV os capitães desta vila requerem que lhes fossem dados os socorros precisos para eles e soldados, porquanto já haviam ido duas companhias para guarda da vila de Melgaço, tendo, para a grande jornada, os soldados vendido as saias e toucas das mulheres, não chegando lá muitos, por adoccerem com fome e ficarem pelo caminho», pág. 169 no L.º mencionado na nota 207.

Ares pesados, a terra sufocada, assombrada aqui e além por relâmpagos. Escaramuças, sortidas, entradas «a parecerem mais de bandoleiros que de soldados» (224). Gente sem disciplina, sem comando, a rastejar pelas veredas, a fugir com os despojos. Chicotes a zunirem, a estalarem nas costas dos mais temerosos, a obrigá-los a combater. Do outro lado da raia impiedosas mãos de oficiais, tomadas de fúria, estrangulam soldados apavorados a recusarem o combate (225). Terras da fronteira, aldeias cobertas de colmo e paz, a saque, a arderem inocentes!

A Guerra. O horror da Guerra. Pior ainda é ver os castelhanos a entrarem, a Pátria mais uma vez a correr perigo. Vamos! Marche-mos com a Companhia de Ordenanças de Frei Pedro Cirne de Sousa (226). Entre os fidalgos vai também o Capitão Dionísio do Amaral Barbosa, já experimentado em vários rebates, filho mais novo de Gregório do Amaral. Avante! Sempre a direito, rumo ao Castelo de Lindoso. Prestes, a cumprir a ordem: juntar-se aos de Braga, entrar pela Galiza.

Na iminência daquele monte, o inimigo! Avistam-se 200 homens; tem mosquetes, arcabuzes e outras armas. Pelo vale, junto ao Lima, avançam mais 400. Portugueses são só 70. Não se hesita. escala-se o monte. Ataca-se como «leões os peitos descobertos».

— «Atirai inimigos, que lá vos imos buscar! Atirai!».

A primeira carga. Desbaratam-se as trincheiras castelhanas. No encaço, as forças de Guimarães. Mais um reencontro, continuam a fugir. Vamos! Pela Galiza adentro, a marchar a saquear seis lugares,

(224) L.º citado na nota 221, Livro Quarto, p. 238—«Varias entradas de hũa & outra parte—».

(225) V. nota anterior, p. 243 — «Ganhamos redutos & o forte principal».

(226) F.º de Manuel Cirne Pereira, sr. do Morg.º e Paço de Gominhões em S. João das Caldas de Vizela, Guimarães, e de sua mulher D. Antónia de Sousa Alcoforado, Herd.ª, e bisneto na varonia de Manuel Cirne, Feitor em Malaca e Flandres, Com.or na O. de Cristo, Sr., por compra, do concelho de Refoios, chamado da Agrela e que na ocasião do banquete oferecido em Bruxelas pelo Imperador Carlos V ao Legado do Papa, Embaixador de Portugal e outros grandes, perfumou a cidade, mandando arder fogueiras de canela, a alardear a riqueza de Portugal; sucesso que D. João III muito lhe agradeceu, e de sua m.er D. Filipa Brandão Soares, Herd.ª do Paço de Gominhões. Além da citada «*Relaçam*» escreveu Pedro Cirne de Sousa a «*Relaçam do que tem obrado Rodrigo Pereira de Souto Maior alcaide Mor de Caminha*». Foi Capitão-Mor de Guimarães, acompanhou as suas tropas nestas campanhas e foi um dos que aclamaram D. João IV no Porto. Depois de enviuar de sua m.er D. Antónia de Madureira, Herd.ª, professou na Ordem de Malta. Hoje é sr. do Paço de Gominhões seu 9.º neto António de Carvalho Rebelo de Menezes.

a espalhar o medo ⁽²²⁷⁾. Nesta entrada «q se fez por Castro Labo-reiro foi Dionísio do Amaral dos primeiros que se empenhou com os inimigos e ajudou a por fogo em vários lugares com tão particular valor que se lhe atribuiu grande parte do bom sucesso desta empreza» ⁽²²⁸⁾.

Duas léguas acima de Melgaço fica Lamas de Mouro «terra da Galiza» já tomada pelos portugueses. Para reforçar a defesa: a hoste vimaranense, duas companhias pagas, outros sóidados. Queimam o reduto, esperam com balas, pólvora e cordas o adversário que não chega. Agora o objectivo é Pedrenda, entre Porto de Cavaleiros e Ponte das Várzeas, bem guarnecida pela exército castelhano. Entram os portugueses pela Portela do Homem, por Lindoso, avançam de Melgaço. Atacam. Há quem fuja, há quem roube, há quem combata com valentia. Vencemos. Fazem-se prisioneiros. Ardem as vilas de Lobios e Compostela. «Tomam-se assim num só dia nove redutos rompendo ao inimigo dentro dos seus mesmos quartéis e fortificações» ⁽²²⁹⁾. Dionísio do Amaral «cumpre como devia».

A desalojar os galegos passa-se em escaramuças o ano de 1642.

1643. Viole Datis, aventureiro francês, comanda os terços vimaranenses; apronta barcos para atravessar o Minho. Governador das Armas de Entre Douro e Minho é o Conde de Castelo Melhor. Para dar «felice principio ao seu governo resolve tomar a villa de Salvatierra», fronteira a Monção. Espalha-se entre os espias castelhanos. — «Alarmado, atacado, Trás-os-Montes pede socorro! Para lá vai tudo!». Então desenrola-se o plano.

A meia noite, em silêncio, Castelo Melhor, Viole Datis e 250 homens cruzam o rio. Salta em terra a infantaria. Gritos, rebates de sinos, de tambores, de cornetas estremunham Salvatierra. Estão os portugueses dentro da vila, acorrem com ardor os castelhanos. No Minho encalha um barco. Castelo Melhor, água até aos peitos, ajuda a livrá-lo. Luta-se. Depois de incendiarem a vila, retiram-se os nossos só com 14 baixas.

⁽²²⁷⁾ «Relaçam», na nota 220.

⁽²²⁸⁾ «Serviços do Capitam Dionizio do Amaral», doc. no Arq. Part. da Casa de Sezim, perg.^o onde se lê no verso: R no L.^o 53 dos registos da fazenda del Rey Nosso Senhor — L.^o da Chancelaria da O. de X.^o.

⁽²²⁹⁾ Carlos de Passos — «Relaçam do que em sustancia comtem a carta que o General Dom Gaspar Coutinho escreveu a Sua Magestade de 12 do presente mes de setembro de 1641 sobre a entrada que o exercito da Provincia do Douro e Minho fez em Galiza segunda feira que forão nove do dito mez», in *Revista de Guimarães*, vol. LI, 1941.

Desiste o Governador das Armas da Galiza de vingar o desaire, mas pejeas e escaramuças irrompem por todos os lados. Atacam os portugueses o fortim da Lapela, intentam dismantelar um reduto frente a Caminha, ganham Tamugem, Ferreiros, Pereiros e Gozende. A 13 de Agosto convoca Castelo Melhor a gente mais «luzida» da província. Salvatierra torna a ser o objectivo. Defendida com valor é por fim rendida, depois retomada. Viole Datis morre em combate. Cruzam-se as balas, rompem cutiladas, fortifica-se a vila. Prossegue a campanha, a fortuna a pender ora para um, ora para outro lado, os lugarejos queimados, as posições a ganharem-se, a perderem-se, os mortos a tombarem⁽²³⁰⁾. O Capitão Dionísio do Amaral, nestes sucesos, «depois de abraçar muitos lugares e o inimigo se retirar da praça de Salvatierra é hum dos escolhidos para hirem por fogo às portas da casa forte o que com effeito lhe poz animosamente»⁽²³¹⁾.

Entretanto António de Freitas do Amaral, seu primo co-irmão, o provável sucessor ao Morgadio, encontra-se preso em sua casa, na rua Escura, às ordens do Capitão-Mor e da Câmara. Nomeado capitão em 1640, recusa-se a servir na sua antiga companhia. Alega que compete aos novos capitães já eleitos, e não a ele e seus pares, o levarem os soldados para a fronteira. Em breve o soltarão⁽²³²⁾; pode então, com sua mulher e prima Ana Ferraz do Amaral⁽²³³⁾, andar pelas ruas, sair quando lhe apetece, deixar as suas salas transformadas em prisão.

1644.1645.1646. Lá vêm! Lá vêm, outra vez! Vêm por Monterey, avançam por Bragança! Destroem Outeiro e outros povoados. Quem acode a Chaves? Já estão os castelhanos pelo Barroso, queimam dois

(230) L.º citado na nota 221, acontecimentos relatados nas págs. 396 a 412.

(231) V. nota 228.

(232) Na vereação de 12-V-1640 foi nomeado António de Freitas do Amaral capitão para as companhias «estarem aprestadas para as prevenções que S. M. (el-Rei Dom Felipe) ora manda». Foi dos 5 mais votados. «1643 — Em 3-VIII foi apresentada uma carta do Conde de Castelo Melhor, governador das Armas da Província, datada de Valença, ordenando que a Câmara fizesse notificar os capitães de ordenança que o eram no tempo da aclamação de S. M., para servirem nas suas companhias. Em virtude disto foram chamados António de Freitas do Amaral, Paulo de Sá Peixoto e Manuel Peixoto de Carvalho. Nem mesmo Cristóvão Machado Ricunado, El-Rei escusou, apesar dos seus achaques e de ser vereador. Os três não quiseram servir e foram presos em suas casas, às ordens do Capitão-Mor e da Câmara.

Alegaram que estavam exonerados pela eleição dos novos capitães, feita em Câmara, e assim o serviço de S. M. não era prejudicado, porque os novos eleitos levariam os soldados onde fossem necessários. Apresentaram ao Governador os seus agravos, e foram depois soltos», pp. 165 e 174 do L.º citado na nota 207.

(233) V. notas 157 e 201. Ana Ferraz do Amaral † s. g.; por falharem alguns anos nos óbitos da freg.^a da Oliveira desconhecemos a data do falecimento.

lugares, «alastam o dezacerto na província». Seis mil infantas, 3 peças de artilharia, 400 cavalos, o Governador e o Corregedor de Zamora a avançarem em marchas, desde Puebla de Sanábria, a assolar sem piedade Outeiro, já tão sacrificado. No socorro a chegar, hábito arreagado para lhe facilitar os movimentos, acompanhado de dez criados, Fernão de Freitas de Mesquita, Chantre do Porto ⁽²³⁴⁾, primogénito de Gregório do Amaral. Em Guimarães, a descansar das lides na raia minhota, o filho mais novo: Dionísio do Amaral Barbosa. Repicam os sinos! !A 3.6.1646 festeja-se o seu casamento com sua prima Dona Francisca de Matos e Noronha ⁽²³⁵⁾.

E neste ano morre João do Amaral de Castelo Branco, ex cónego, Morgado de Sezim e Casa Nova. E agora a quem pertence Sezim? A seu filho natural o Padre Jerónimo do Amaral? A seu sobrinho António de Freitas do Amaral? Ou a seu irmão mais novo Gregório do Amaral de Castelo Branco, já entrado em anos, prestes a ser avô?

— «A MIM», dizem todos à uma».

— «A MIM, que sou filho, embora ilegítimo».

— «A MIM, que tenho a representação, único varão legítimo de meu defunto Pai, Fernão de Freitas, imediato sucessor».

— «A MIM, único irmão vivo, sou eu o herdeiro».

A mim, a mim, a mim. E a casa de Sezim, num atropelo de papéis, de acções, de barulho, é lançada num grande pleito, a durar muitos anos, a envolver muitas vidas.

Já em Abril Gregório do Amaral de Castelo Branco tomara posse da Quinta de Sezim ⁽²³⁶⁾. Insurge-se seu sobrinho, António de Freitas do Amaral. Vão para Juízo. A primeira sentença favorece António de Freitas. Logo o tio «appela contra um despacho do juiz que mandara despejar a Qt^a de Sezim em que sucedera por morte de seu

⁽²³⁴⁾ Nota 228.

⁽²³⁵⁾ Oliv.^a M 1, Arq. Mun. A. Pimenta. Foram recebidos em casa da contraente pelo Rev. do Baltazar de Mesquita Leborão, Vigário de Silveiras, tio do noivo. Alcançaram dispensa de parentesco, e a tes.ta foi Ant.^o de Freitas do Amaral. A noiva era f.^a de Afonso Martins de Macedo e de sua m.er Isabel Ferraz (v. nota 57), neta pat. de Martim Rebelo de Macedo e m.er Brites Carvalha, e bisneta de Afonso Martins de Macedo, abade de S. Miguel das Caldas de Vizela, sr. de vários prazos na 1.^a metade do séc. XVI (Arq. Part. da Casa de Sezim). Os noivos são parentes, porque os bisavós paternos do noivo, António de Freitas do Amaral e sua m.er Vitória Ferraz do Rego, são trisavós da noiva, (pais de Isabel Ferraz, mãe de António Paes do Amaral, avô mat. da esposada D. Francisca de Matos de Noronha), tiveram dispensa — Arq. Part. de Sezim.

⁽²³⁶⁾ Nota 80.

irmão João»⁽²³⁷⁾. Decide a Justiça: «lança fora todos os opoentes e entrega as chaves de Sezim a Sabina Peixoto», viúva do último Senhor⁽²³⁸⁾.

Nem um ano passa. À rua Escura, casas de António de Freitas do Amaral, «estando ele aí com sua mulher Ana Ferraz do Amaral», chega o tio Gregório do Amaral Castelo Branco, sua segunda esposa Maria da Guerra e três dos seus filhos: o Chantre do Porto, António, também sacerdote e Dionísio do Amaral Barbosa. Frente ao notário confessam «q por fallecimento de João do Amaral Castello Branco ultimo possuidôr e sucessor que foi da Cappela de Basto que foi instituidor Martim Lourenço se louvarão sobre a sucessão somente da Capela de Basto e sobre a qual deles pertencia a dita sucessão, se a Gregório do Amaral de Castello Branco irmão inteiro e legitimo do defunto se a António de Freitas do Amaral seu sobrinho filho legitimo de Fernão de Freitas do Amaral irmão mais velho do defunto q o dito Grego do amaral o qual Fernão de Freitas faleceu primeiro que o dito defunto...». Para «escusarem mais duvidas e demandas de comum consentimento nomeiam tres louvados»: Francisco de Mesquita de Carvalho, morador em Guimarães, o Dr. Paulo de Mesquita Sobrinho, Desembargador na Relação de Braga «e não concordando ambos», como terceiro, o Dr. Luís Alvares Pinto, Chantre da Sé de Braga⁽²³⁹⁾. E, mais uma vez, Dionísio do Amaral Barbosa, filho mais novo de Gregório do Amaral, parte com seus homens em socorro de Melgaço⁽²⁴⁰⁾.

Findam os dias de Gregório do Amaral de Castelo-Branco. A 14.8.1648 abre o tabelião Baltazar Ferreira de Araújo o seu testa-

(237) Arq. Part. da Casa de Sezim.

(238) Este sucesso confirmado em muitos docs., vem citado em Alão de Moraes «*Pedatura Lusitana*», vol. I, Tomo II, Castelbrâcos Cardosos, Freitas e Amaraes de G.es, p. 91 ao referir-se à demanda havida sobre este morgadio.

(239) «Concerto e Compromisso feito entre Greg.º do amaral de Castelbranco e seus f.os e Ant.º de Freitas do Amaral», a 26-3-1646. L.º de notas do Tab. Ant.º Nogueira do Canto (10-2-65), Arq. Mun. A. Pimenta.

(240) Nota 228.

(241) Arq. Part. de Sezim, L.º n.º 9, — Vários títulos. Neste test.º deixa o f.º Dionísio por herd.º, nomeia-lhe o ofício de Escrivão da Câmara e a q.ta de Mascotelos, o casal de Cabeças e o encargo de dar a Isabel, sua f.ª, 500\$000 «para ser freira ou casada e dando-lhe o dito meu erdeiro o mais dote conveniente a escolha será dela» (foi freira, v. nota 205); a esta deixa-lhe também o prazo de Galões para alimentos de «m.ª outra f.ª Luísa da Trindade». Ao f.º António, então paroco em Ovar, umas casa na Rua Nova do Muro; ao f.º Chantre nada deixa, diz apenas «que lhe deve certa quantia de dinheiro q busquei emprestado para as suas letras»; não

mento ⁽²⁴¹⁾ feito a 1.12.1641, para ter tudo preparado «principalmente nesta ocasião de Guerras, por cuja causa vim a esta praça de Melgaço com a minha Companhia avendo rebates perigozos onde posso morrer». Na manda trechos da sua vida esquecidos no tempo. Mesadas para as filhas, quintas para os filhos, bens d'alma e benfeitorias para a mulher. Recomendações: a sepultura na capela de S. Braz, as missas no altar de S. Gregório no mesmo claustro da Oliveira, a deixa a «Domingos ⁽²⁴²⁾ de 50 mil reis para servir a sua Magestade o Senhor Dom João o IV nas partes da Índia ou do Brasil ou neste Reino», e os «escrupulos de ter algumas faltas da Camara assim nas procissões como na continuação das vereações por isso lhe deixo o ordenado do 1.º anno de Escrivão da Camara para as obras da calçada». Logo sua viúva, Maria da Guerra, abre o inventário ⁽²⁴³⁾ do «senhor meu marido e senhor».

se refere ao f.º Maurício. Tirando as vontades expressas no texto, deixa muitos legados entre os quais destacamos 3\$000 para a Irm. do Sant.º Sacramento da Sr.ª da Oliveira «e querendo desempenhar a Cruz que estava empenhada por 7\$300 que faltavão para pagamento da 1.ª tocheira lhe darão mais 1\$300». No rol das dívidas aparece o «alfaiate das Ortas genro do Marca ainda que lhe cuido que não lhe devo nada». Pede para ser sepultado na capela de S. Braz.

⁽²⁴²⁾ Embora não o diga expressamente, penso que este Domingos, a quem deixa 50\$000 para servir Sua Magestade o Sr. Dom João IV, seja seu f.º natural.

A 12-2-1722 + em Vila do Conde «Domingos de Freitas do Amaral, Mestre de Campo que foi no Brasil casado com Maria Correa da Rua da Torre. Sua herd.ª foi sua f.ª unica Dona Rosa casada em Azurara com João Cerveira», Ob. 4 Vila do Conde, Arq. Dist. do Porto. À f.ª D. Rosa Maria Josefa Freitas do Amaral dá o pai em dote para casar, a 19-6-1721, 8 mil cruzados, e outros dois mil que espera que lhe venham do Rio de Janeiro do engenho que lá vendeu, L.º de Notas do Tab. Manuel dos Reis Gandavo, 6.ª série, L.º n.º 16 do 1.º Cartório (Tabs. de Vila do Conde, Arq. Dist. do Porto). D. Rosa Maria Josefa de Freitas do Amaral + 21-5-1734 com 40 anos de idade (*O Vila do Conde*); não encontrei em Vila do Conde o seu assento de nascimento nem o do casamento de seus pais. Do seu casamento a 17-7-1721 com João Cerveira Tinoco, nat. de Azurara, «mordomo do Bispo Conde e que chegou a habilitar-se para Familiar do S.to Officio», houve geração, tratada em Bertino R. S. Guimarães, E. de Andrea da Cunha e Freitas e Serafim Gonçalves das Neves — «Azurara», pp. 232, 233, 249, 250 e 251. Por não ter dados sobre a ascendência do Mestre de Campo Domingos Freitas do Amaral não posso dizer se é o Domingos citado no texto; cronologicamente, pode ser. Em meados do séc. XVI Manuel de Freitas do Amaral (quem seria?) «homem forado e cavalleiro fidalgo» casa no Brasil c. g.; não vejo nenhum Domingos na sua descendência, in *Jaboatão — Catálogo Genealógico*, p. 206.

⁽²⁴³⁾ Arq. Part. de Sezim. Neste inventário M.ª da Guerra diz que seu marido teve do 1.º matrimónio (vivos): o Chantre; António, pároco em Ovar; Dom Maurício, religioso; Dionísio do Amaral Barbosa, e as duas freiras. É curiosíssima a lista dos haveres de Gregório do Amaral.

Agora a agitada raia minhota parece adormecida, em grande sossego, «tão pouco viva a guerra q quase parecia q não avia diferença entre as duas Nações». Diferenças que se abrem, que se discutem a tiros de canhão, à cutilada no Brasil, em Marrocos, no Alentejo, no desenrolar da Guerra da Aclamação. A Gregório do Amaral de Castelo Branco sucede seu primogénito Fernão de Freitas de Mesquita, Chantre da Sé do Porto, a disputar com seus primos a posse dos vínculos de Sezim e Casa Nova.

Muito antigamente o Chantre duma Sé, duma Colegiada, regia os coros, entova os salmos, dirigia toda essa pleiade de vozes que enchiam as naves e os claustros. Murmúrios cavos quase a brotarem das pedras, cânticos agudos em louvores e glórias, mãos a regerem enlevadas. Depois o chantrado passou a ser só uma dignidade honorífica. Não chega até nós o seu eco. Na história de Sezim, no tempo do Dr. Fernão de Freitas de Mesquita, Chantre da Sé do Porto, só ouvimos o rumor das guerras, das disputas, a abafar a música sacra, o cantochão, o gregoriano. E as notas leves, a soarem mais adiante, «de algumas meninices de moço cometidas no princípio» da sua vida.

Primeiro, a demanda intentada por seu primo António de Freitas do Amaral. Corre na Relação do Porto, há agravos, há sentenças. A 11.11.1655 António de Freitas do Amaral, segunda vez casado está com sua mulher, Dona Joana de Abreu, na sua quinta de Vila Verde, herdada da primeira esposa. Aí também encontramos o Reverendo Jerónimo do Amaral, o filho legitimado de João do Amaral, cuja morte fez estalar o pleito. Deixemo-lo desabafar. «Como filho q era pretende aver direito a sucessão do Morg^o de Cezim e benfeitorias delles sobre o que já pendia demanda e agravos na Casa da Suplicação». No caso de a vencer faz de tudo pura e irrevogável doação a António de Freitas do Amaral ou a seus filhos «isto pellas boas obras serviços e por sempre o ajudar nos seus negócios e por elle doador se conformar com sua consciencia e authoridade e melhoramento da Familia...». Em troca pede que lhe façam os bens da alma e enquanto vivo lhe dêem todos os anos «para seu alimento e assistencia», 30\$000 em três pagas, 100 medidas de pão meado, 40 de trigo, 2 «marrãs das melhores», 10 galinhas e 3 pipas de vinho⁽²⁴⁴⁾.

Discutem os letrados, os advogados. A sentença vem a 26.8.1656 do Desembargo do Paço. «Recebem os embargos os embar-

(244) «Doação que faz o P.^e Jerónimo do Amaral a Ant.^o de Freitas do Amaral desta v.^a», L.^o de notas do Tab. Domingos da Cunha (12-4-21), Arq. Mun. A. Pimenta.

gantes fol. 324 por sua materia, & autos, & por elles o ju'gão por provados, & revogão a sentença embargada, & referindo ao agravo, aggravados são os aggravantes pelos Desembargadores da Relação do Porto, em confirmarem a do Juiz, em a qual houve por provados os embargos do excipiente aggravado; revogando sua sentença, vistos os autos., & como por elle se mostra, que a posse que o agravado tomou do morgado da contenda depois do fallecimento de seu pay Gregorio do Amaral, é viciosa & atentada por estar sequestrada pelo Juiz & corregedor de Guimarães...» ⁽²⁴⁵⁾. Habeis jurisconsultos, num latim ⁽²⁴⁶⁾ fluente cheio de citações, esgrimem as suas argumentações reproduzidas por Pegas. Perdemos por vezes o calor das palavras entre as togas, os longos corredores, os meandros da justiça. Provada por muitas sentenças o sequestro de Sezim pelo juiz de Guimarães, a entrega das chaves a sua viúva, quando da morte de João do Amaral, discutem se Gregório do Amaral podia ou não ser possuidor de bens sequestrados, se o Reverendo Chantre sucessor a seu pai pode ou não tomar posse desses bens por morte do seu progenitor, se a pode tomar não como herdeiro mas como não tendo tido parte no sequestro, se António de Freitas tem ou não direito à quinta de Sezim, uma vez ter seu pai falecido há muito e ele por sua própria autoridade não poder civilmente tomar o morgadio. Invocam mais leis, explicam razões. Sentenciam: «*que o sequestro dos bens do morgado que se trata fique em seu vigor*». Paga as custas o agravado, o Reverendo Chantre.

E a guerra? «A Província de Entre Douro e Minho parece q se poupava para sustentar a grande guerra q tolerou nos ultimos anos della ⁽²⁴⁷⁾». Em 1657 o general espanhol Don Vicente Gonzaga, com trinta mil homens ataca Valença. A vila resiste. De Guimarães, na companhia do Capitão Manuel Velho, chega Dionísio do Amaral Barbosa, «com alguns criados obrando com satisfação athe de todo se retirar da Província o exercito contrario» ⁽²⁴⁸⁾. Voltará. O rio Minho no seu plácido correr verá ainda mais combates, mais escaramuças, misturará ainda mais as suas águas com os brados da guerra que não finda.

⁽²⁴⁵⁾ Manuel Álvares Pegas — «*Opusculum de Maioratus*», Lisboa Olyssipone MDCXCV — Typ. Michaelis Deslandes — Cap. 10, pp. 233-241.

⁽²⁴⁶⁾ O Rev.º Padre Américo Pinto Ribeiro por, favor e pacientemente, traduziu-me as deliberações desta sentença, o que aqui mais uma vez lhe agradeço.

⁽²⁴⁷⁾ Nota 221, p. 747.

⁽²⁴⁸⁾ Nota 228.

Mais uma sentença: a última deste longo pleito. Arrancada das folhas do «*De Majorato*», aqui a transcrevemos, monótona, sem cor, a explicar as voltas no domínio do Morgado de Sezim: «*No feito do Reverendo Fernando de Freitas de Mesquita com António de Freitas e o Padre Jerónimo do Amaral Escrivão Manuel Gomes Pinheiro se deu a sentença seguinte:*

Acordão os do Desembargo & — Agravado he o agravante Fernão de Freitas de Mesquita por o Juiz, das auçoens novas da Relação e Casa do Porto, em julgar pertencer o Morgado da Casa Nova de Basto instituido por Martim Lourenço ao opponente agravado Antonio de Freitas do Amaral e o morgado da Caza de Sezim fundado por Affonso Vasques Peixoto ao outrossim agravado o Padre Jeronimo do Amaral como filho legitimado do ultimo possuidor João do Amaral revogando sua sentença vistos os autos e como o beneficio da representação de que o dito opponente se pretende ajudar entre os transversais, que nam forem descendentes dos instituidores (quaes são estas partes) onde a Ley do Reyno manda guardar o que he disposto por direito comum, conforme e ele não tem lugar, e assim consecutivamente não fica pertencendo a sucessão do dito morgado da Casa Nova a António de Freitas do Amaral por quanto cessando a representação, nam se admite a consideração de melhor linha, nem também se deve deferir a sucessão do outro vinculo e morgado da quinta de Sezim ao agravado o Padre Jeronimo do Amaral, filho dispensado do sobredito João do Amaral ultimo possuidor, por ser mais commum e verdadeira resolução practicado na occurrencia de casos semelhantes, que os filhos naturaes regularmente não sucedem nos morgados, não sendo vocação dos fundadores. quando ha parentes legitimos, aos quaes pertença a sucessão, como nestes termos he o agravante mormente sendo os instituidores nobres, e não se provar em forma concludente, que Afonso Vasques Peixoto fosse ilegitimo o que visto e concordarem os pretendentes na forma de se deferir a sucessão destes morgados simultaneamente, e concorrem na pessoa do dito agravante as qualidades de legitimo e parente mais chegado ao ultimo possuidor, requeridas pela Ley do Reino, julgão e declarão pertencer-lhe os ditos morgados, e paguem os agravados as custas dos autos — Lisboa 14 de Março de 1660 — Leyte, Homem, Cabral, Belo» (249).

(249) Manuel Álvares Pegas — «*De Majoratu*», Tractatus de Exclusionione Inclusionione, successione e Eractione Maioratus, Pars Secunda, Ulyssipone, Typographia Michaelis Deslandae, MDCLXXXVII, pp. 337-342.

Seguem-se as deliberações em latim, fundamentos da sentença.

Desde 14 de Março de 1660 Senhor de Sezim e Casa Nova é o Reverendo Fernão de Freitas de Mesquita, Digníssimo Chantre da Sé do Porto.



Perdidos por sentença os senhorios de Sezim e Casa Nova, resta a António de Freitas do Amaral a representação⁽²⁵⁰⁾ da linha primogénita e legítima. Cortamos então a história da Casa de Sezim para continuar até aos nossos dias a geração de António de Freitas do Amaral onde segue essa linha, apesar dos pleitos, apesar das decisões dos tribunais. Apanhamo-la num bom momento, nos baptizados dos filhos de António de Freitas do Amaral e de sua segunda mulher Dona Joana de Abreu, natural de Viana, filha do Sargento-Mor Francisco de Abreu Soares⁽²⁵¹⁾, a bater-se com valentia nesta guerra da aclamação. Dona Ana Giralda é a primeira, logo seguida por um Fernando, a morrer menino, Dona Catarina, Dona Antónia e, por fim, Francisco⁽²⁵²⁾. Baptizados onde se juntam como padrinhos os de Vila Pouca, os Leites do Cano, os Golias, os tios de Viana. E Guimarães a regorgitar de movimento, as passagens de Schomberg, dos Condes de S. João e da Torre, de D. Lourenço de Lima, de Pedro Jacques de Magalhães. os refrescos e doçarias a obsequiar os grandes aqui hospedados⁽²⁵³⁾, as roupas finas a sairem

(250) V. nota 238.

(251) F.^a de Francisco de Abreu Soares, Sarg.^o-Mor em Guimarães em 1656, e de sua m.er Ana Cação de Brito (rec. nos Arcos de Valdevez) e irmã do Rev. Álvaro Soares de Brito, Abade dos Arcos, Soalhães, Prelado de Santa Cruz do Douro, Comissário do Santo Offício, instituidor do vínculo de S. Martinho (v. nota 265). Segundo Gayo, era neta pat. de Álvaro Soares de Abreu e Joana de Neiva, e mat. de Gaspar Mendes Aranha e m.er Helena de Guimarães de Brito. «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», Tomo XII, Costas § 139 e Tomo II, Aranhas & 61.

(252) D. Ana Giralda n. a 15-12-1659. Seus pad.os foram seu tio mat. António Gomes de Abreu e D. Joana, m.er de Rui de Sousa da Silva; Fernando, a 15-1-1661, afilhado de seu tio-avô Afonso da Costa de Neiva e de D. Brites, m.er de Gaspar Leite; D. Antónia Luísa foi bap. a 1-2-1662. Os pad.os foram Francisco de Abreu da Silva e Catarina Golias; Francisco foi bap. a 14-5-1665, afilhado de António Barbosa de Brito, Tenente General, nat. do Porto, e de Margarida de Freitas, mor.^a no Tournal. N.^o 2 Olv.^a. Não encontrei o assento do bap. de Catarina.

(253) Em Out. de 1665 estavam alojados pelas casas particulares de Guimarães 4 400 cavalos do comando do Marquês de Schomberg, assim como o Marquês e a sua tropa. No L.^o citado na nota 207 vem a verba da despesa camarária com a estadia do Marquês, seu irmão e 8 homens da sua comitiva, nos 5 dias que estiveram em G.es: 1 quarto de boi, 6 lombos, 2 carneiros, 12 galinhas, 2 almudes e 5 canadas

dos baús, as pratas a brilharem, os armários de louça a abrirem-se... Ai! Lá escorrega uma travessa da Índia. Fica em cacos. — Tragam uma das outras; já andava em uso há bastante tempo! Há muitas, graças a Deus! Também a fortuna de António de Freitas do Amaral não estremece muito com a perda da demanda: intacta está toda a herança de sua primeira mulher⁽²⁵⁴⁾, todos os bens de seus pais⁽²⁵⁵⁾.

Mas já a 9.11.1672 Dona Joana de Abreu, viúva de António de Freitas do Amaral, por dívidas vende o que lhe tocou nas partilhas feitas com os filhos: todo o património do falecido Reverendo Jerónimo do Amaral, doado a seu marido na altura da questão⁽²⁵⁶⁾. Profetas no Convento das Dominicanas, em Aveiro, as filhas, Dona Ana Giralda e Dona Catarina de Abreu⁽²⁵⁷⁾. Em Guimarães, na sua casa da Rua Escura, sucessor de todas as quintas e casas de

de vinho maduro, 6 caixas de doce grandes, 30 pães, espécies, lenha, louça grossa e fina, aluguer dos panos de seda com que se armaram as casas, velas de cera e sebo e mais um próprio que o Marquês mandou a Viana. Tudo isto importou em 20\$350 reis. No refresco e alojamento oferecidos pela Câmara ao General Jacques de Magalhães gastaram-se 11\$820 reis em 6 caixas de doce, peixe fresco, azeite, vinagre, etc., louça fina, louça de barro, lenha e velas. Aos Condes de S. João e da Torre ofereceram na sua passagem pela vila 6 caixas de doce e 1 prato de ovos reais.

(254) V. notas 157 e 201.

(255) Bens que constam do seu dote, (nota 157).

(256) «Venda que faz António Gomes de Abreu como p.dor de sua irmã, Dona Joana de Abreu e Neiva a Tomé de Carv.º». L.º de notas do Tab. André Lopes (10-3-48), Arq. Mun. A. Pimenta. Vende, por ter dívidas, as herdades sitas em S. Cristóvão de Selho, património do P.º Jerónimo do Amaral, já falecido, e que em vida tinha feito doação dele a seu marido António de Freitas do Amaral. Alão de Moraes (v. nota 238) diz que o P.º Jerónimo do Amaral tinha a alcunha de «Mafona», e depois de perder a demanda partira para o Brasil em 1664. António Gomes de Abreu, chamado o «França», foi Comissário de Cav.ª e Mestre de Campo de Inf.ª paga, in «*Catalogo dos varões Ilustres de Vianna do Lima*», ord. por Ant.º Machado de Villas-Boas, pref. de Manuel Artur Norton, ed. do Instituto Cultural Galaico Minhoto, 1984, p. 194.

(257) «Renúnciação de Legítimas das Duas filhas p.ª freiras de dona Joana de neyva a seu tio o abade prelado de Soalhães», L.º de notas do Tab. D.os da Cunha (12-4-34), Arq. Mun. A. Pimenta. Para professarem nas Dominicanas de Aveiro, seu tio, o Rev.do Álvaro Soares de Brito, Abade Prelado da Ig.ª de S. Martinho de Soalhães, Bisp. do Porto, irmão inteiro de D. Joana de Abreu e Neiva, paga-lhes o dote, dispendendo mais de 4 mil cruzados. Em troca de tão grande despesa, D. Ana Giralda e D. Catarina entregam ao tio toda a legítima que tinham herdado do pai e todos os bens que vierem a herdar. Foi a 28-11-1679. Ignoro o destino de D. Antónia Luísa; Gayo diz que casou com António José de Melo. Seu irmão Francisco, em seu testamento, lembra a obrigação de lhe darem anualmente 10\$000 (1726).

seus pais⁽²⁵⁸⁾ o mais novo: Francisco de Abreu Soares, a usar o nome do avô materno, raras vezes a acrescentar Amaral, no abandono dos apelidos paternos, morgadios tirados por sentença.

Coitadinhas! Um choro fraco de crianças atravessa as paredes da casa da Rua Escura. Envoltas em faixas, muito apertadas, bem agarradas por justas toucas⁽²⁵⁹⁾, bocas molhadas do leite das amas. Tão pequeninas e já sem mãe, coitadinhas! Das filhas de Francisco de Abreu Soares e de sua primeira mulher sobrevivem duas: Dona Luísa Josefa, nascida a 1.4.1683, e Dona Josefa Clara⁽²⁶⁰⁾. Mas não sua mãe, Dona Clara de Abreu Pereira, chamada por Deus a 10.10.1684⁽²⁶¹⁾. Passam os anos. Francisco de Abreu Soares casa, novamente, a 25.7.1696, com Dona Joana Carvalho de Vasconcelos, a chegar aos quarenta, filha de Diogo Leite de Azevedo Vieira⁽²⁶²⁾. Repete-se a história: Dona Joana morre a 5.1.1700⁽²⁶³⁾, tendo tido duas meninas: Dona Antónia Florença, a desabrochar para a vida, e

(258) Como sucessor aos pais e no vínculo do tio foi o f.º mais novo, Francisco, creio que o mais velho terá + criança. Muitas vezes os párocos não registavam os óbitos dos menores de quatorze anos.

(259) O costume de enfaixar as criancinhas era geral na época. Os Papas mandavam aos Reis as faixas bentas para os príncipes recém-nascidos, (costume originado na corte de Filipe III, estendido a outras cortes, incluindo a nossa). Apesar da maior parte das pinturas dos presépios mostrarem os meninos nus ou cobertos com leve paninho, encontram-se também meninos enfaixados, em diferentes épocas; :resépio num mosaico bizantino na igreja de Martorana, Itália, o de Jorge Afonso no Museu Grão Vasco, de Viseu, in «*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*», Presépio; o de Georges de La Tour: «A Adoração dos Pastores» (2.º quartel do séc. XVII) no Louvre, repr. na «*Enciclopédia Universal da Arte*», vol. 6, No «nascimento de Nossa Senhora» (escola portuguesa do séc. XVIII no Museu Alberto Sampaio, em Guimarães) preparam-se as aias para enfaixar a recém-nascida.

(260) «A 22-4-1683 Bap. o m.to Rev.do Abade perlado a Luísa, f.ª de Fr.co de Abreu Soares e sua m.er D. Clara de Abreu pi.ª meus freguezes m.ores na Rua Escura e naceo a primeiro deste dito mez forão padrinhos Fr.co Lopes de Carvalho e sua irmã D. Joana (Olv.ª, N.º 3) (e que mais tarde será sua madrastra). Nos livros, de G.es não encontro o nascimento de D. Joana; já era + em 1726 pois o pai, no seu test.º, include-a nos sufrágios.

(261) «Deixou 2 ou 3. f.as menores» (O. 1, Olv.ª). Era f.ª de António de Abreu Pereira, F.C.R., e de sua m.er D. Luísa Pereira Maciel, neta pat. de Leonel de Abreu Pereira e m.er Clara de Antas Maciel, e mat. de Diogo Barbosa Pereira e m.er Margarida Maciel de Brito, in *Gaio*. Uma irmã de sua mãe, a Madre Soror Mariana do Espírito Santo, pelas suas muitas virtudes é mencionada a p. 105 do livro referido na nota 256.

(262) C. 1. Olv.ª. Para a sua ascendência ver o meu «*Velhas Casas (VIII)*», .. Casa do Cano ou Salvador, texto e nota 103.

(263) «ficou 1 f.ª de entre ambos...». (O. 1. Olv.ª), v. nota anterior.

Dona Maria, quase a não viver⁽²⁶⁴⁾. Na rua Escura um viúvo, Francisco de Abreu Soares, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, senhor do vínculo de S. Martinho⁽²⁶⁵⁾,

(264) «Por justificação que se lhe fez Muito Reverendo Senhor Doutor Provisor... de Braga, Consta nascer nesta freguezia e nella baptisada Dona Antónia Florença f.^a leg.^a de Francisco de Abreu Soares e de sua m.er Dona Joana de Vasconcelos, m.ores na Rua Escura aos 20-6-1697 sendo pad.os António Soares de Brito e Dona Mariana Coutinho de Carvalho». N.º 7, Olv.^a, justificação feita a 8-9-1761. No n.º 3 está o bap de Maria, f.^a dos mesmos pais; pad.os são Teotónio Soares, m.or em Braga, e a mesma mad.^a «sogra do pai da Bap.^a»; celebrante foi o Abade de Revorêda. Deve haver confusão de datas. Maria + antes da mãe.

(265) «A cabeça do vínculo de S. Martinho era a Capela de Nossa Senhora do Pilar, cuja fundação se ignora, na freg.^a do Salvador de Tagilde. Seu adm.or ,Francisco de Abreu Soares do Amaral, obrigado à celebração d'uma Missa annual, dotou-a em 1714 com o campo da Herdade pertencente à sua q.ta de Sub-Bouças, na mesma freg.^a, e em 1747, em virtude do seu testamento, foram-lhe unidos novos rendimentos, com mais obrigações, e um foro imposto no Casal do Carvalho, em S. Romão de Arões. Consta dos livros paroquiais que esta capella foi suspensa do exercicio do culto em 1767 por estar arruinada; em 1815 suas imagens foram levadas para a Igreja Paroquial. Em 1841 passou com as propriedades anexas para o senhor Gaspar Pereira Leite de Magalhães e Couto» in J. G. d'Oliveira Guimarães — «*Guimarães e Santa Maria*», p. 97. O mesmo autor em — «Tagilde, Memória Histórica Descritiva», in «*Revista de Guimarães*», vol. XI, ano 1894, diz mais que a capella está situada junto à Casa de Sub-Bouças, e dá o nome de todos os seus administradores desde Francisco de Abreu Soares. O mesmo repete no seu manuscrito — «Guimarães, apontamentos para a sua história (concelho)» aí dá Francisco de Abreu Soares como inst.º do vínculo.

A 20-8-1813 foi feita a medição de q.ta de Sub-Bouças cita nas freg.as de Tagilde e S. Faustino de Vizela: «Casa torre com suas Loges cazas de serventias e gado e cazas de... e huma capella de São Martinho e hum Lagar de Azeite...». O último emprazamento antes desse fôra feito a 11-6-1761 a D. Clara Joana de Amorim (neta de Francisco de Abreu Soares); seguiram as vidas até se extinguirem, renovando-se sempre de pais para f.os, e assim se faz em 1813. Quem empraza é o Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, emprazando aos mesmos a q.ta de Bouças, em Tagilde, e na p. 99 o casal do Augueiro, em S. Miguel de Vilarinho. L.º da Nota Privativa para os Prazos dos Mosteiros extintos e unidos ao de S. Vicente de Fora de Lisboa, Tab. José Leite Duarte, Arq. Mun. A. Pimenta (11-2-3). Todas estas q.tas constam do dote de Ana do Amaral Ferraz (notas 157 e 201). O inst.or do vínculo não foi Fr.co de Abreu Soares, mas sim seu tio, o Rev.do Álvaro Soares de Brito, Abade de Soalhães, Prelado de Santa Cruz do Douro e Comissário do St.º Officio. Fidalgo Capelão de Sua Magestade que a 10-5-1691, nas notas do Tab. Nicolau de Abreu, «para sempre enq.to o mundo durar» institue o morgadio vinculando parte da casa da rua Escura, as q.tas de Vila Verde e Torre, os casais de Bouça e Pizão Moinhos e Tapada de Queima Terra com obrigação (além doutras) duma Missa na Capela de S. Mart. O suc. é Fr.co de Abreu Soares, seu sobr.º e só no caso da completa extinção da sua descendência em linha legítima natural, bastarda ou espuria, é que passará p.^a a geração de Luis Gomes de Abreu f.º de seu irmão Avulsos da Colegiada (5-5-47) Arq. Mun. A. Pimenta).

Comissário Geral de Cavalaria na Província do Minho, Vereador da Câmara de Guimarães⁽²⁶⁶⁾, e duas filhas, as que restam. A morgadinha, Dona Luísa Josefa de Abreu, e sua meia irmã, Dona Antónia Florença, catorze anos mais nova, ambas senhoras da herança de suas mães⁽²⁶⁷⁾, administrada por seu pai e tutor.

A Torre levanta-se lá atrás, com serventias para a rua da Cadeia. A casa, pegada às que fazem canto da Rua Escura para a Sapateira, tem graça com «baranda, esquadra e portal debaixo da baranda he arco de pedra», rexió a pateo, feita «em chãos alagados por seus antepassados»⁽²⁶⁸⁾. Em 1705 mais obras: Francisco de

(266) Foi efémera a sua passagem pela Câmara. Nomeado a 1-1-1697, foi substituído a 26-2. do mesmo ano; (v. L.º citado na nota 207). A 3-10 foi eleito Procurador às Cortes e arbitraram-lhe 15\$000 para os custos da viagem, mais 1\$500 por dia; partiu a 25-10. Tinha também o cargo de ofício de Escrivão das Sizas, como o fôra seu pai; nele fôra nomeado a 5-6-1680 por sua mãe «por um Alvará de S. M. que lhe fizera mercê de conceder a propriedade do dito ofício a um dos seus f.os e nomeava nele a Francisco». L.º de notas do Tab. D.os da Cunha (12-4-34), Arq. Mun. A. Pimenta. Foi também Provedor da S.ta Casa da Misericórdia.

(267) Os bens da mãe de D. Luísa Josefa eram no Alto Minho. Como tutor de sua f.ª D. Antónia administra seus bens a 21-4-1714. Tab. Braz Lopes (14-1-23) além destes há outros bens móveis e de raiz por parte de sua mãe, (v. nota 274).

(268) A casa da Rua Escura é muito antiga nesta família. Aí vivia a Sr.ª Isabel de Carvalho, viúva de Fernão de Freitas do Amaral, (a 4-9-1594 aí † Filipa de Freitas (M. 1, Olv.ª), talvez sua f.ª ou cunhada) v. nota 174. Nela continuou seu 4.º f.º, o que tinha o mesmo nome que o pai, casado com Catarina de Neiva; a casa seguiu na sua geração. A 14-10-1621 Fernão de Freitas do Amaral e m.er Catarina de Neiva, alugam-na por espaço de 4 anos e por 12\$500 anuais, ao Rev. do Arceidiago Jerónimo Saraiva. L.º de notas do Tab. João de Abreu, (12-3-3), Arq. Mun. A. Pimenta. Vão então viver para a sua q.ta da Torre, na freg.ª de Fareja, donde a 16-2-1622 (mesmo l.º) dão a outorga a uma doação feita por seu irmão e cunhado o Chantre Francisco Freitas do Amaral (nota 183). A casa consta do dote de seu f.º Ant.º de Freitas do Amaral, (nota 201). No «Mostrador dos Foros da Colegiada villa e Termo» (4-3-1), Arq. Mun. A. Pimenta, vemos «Rua Escura... Itt a torre do Duque João Piz e Dom Ant.º de Lima hora Ant.º de Freitas p S M ct.º e vinte rs Hora fernão de Freitas hora Ant.º de Freitas do Amaral ct.º e xx rs». E mais adiante (mesma rua): «Itt casas que forão de Vasco de Castro emprazadas a João Pereira apartr.º do c.º e o enxido hora o mesmo Ant.º de Freitas p. S. M vinte rs Hora o mesmo fernão de Freitas hora Ant.º de Freitas do Amaral». No «Tombo Original dos Prazos da Villa» (1678), (1-4-21a), Arq. Mun. A. Pimenta, está a descrição da casa: «Reconhecimento da Torre e casas da Rua Escura. Terra que se fez rexió e pateo da mesma casa, pertencentes a Fr.co de Abreu Soares, Cav.º Prof. na O. de Cristo e sua m.er Dona Clara de Abreu» (1682). Medindo-a por varas, diz ser: «Casa Torre que lhe fica para trás para a banda da Rua da Cadea que dizem fora do Duque João Pires e de Dom António de Lima e depois de seu pai António de Freitas do Amaral e seus antecessores e está esta torre pegada às traseiras que fazem canto na rua Sapateira e viela que à face della vem dar

Abreu Soares aumenta-a⁽²⁶⁹⁾. Fica a fachada mais grandiosa, mais à altura do casamento de sua filha mais velha, Dona Luísa Josefa de Abreu, com D. Lourenço Manuel de Amorim, Comendador de

a rua da Cadea, para onde tem a dita Torre serventia pella logea e em sima janellas». — «Paga o mesmo outro senço por casas que forão de Vasco de Crasto que alagarão seus antepassados (de Ant.^o de Freitas) e do chão della fizerão rexio e pateo da casa onde vivem. Fica junto e pegada às casas do canto da rua Sapateira que o faz vindo para a rua Escura aonde vive João Fernandes que a casa fica à parte sul e do norte confronta com terra dos ditos chãos com casa baranda e esquadra della da casa do Reconhecete cujo portal debaixo da dita baranda he arco de pedra». Esta é a parte da casa que pagava fôro. A parte livre (e parece que vinculada) não é descrita.

Face a este documento é difícil resistir à tentação de não dar nesse ano uma volta pela rua Escura. «No renque do poente a mão esquerda vindo da rua dos Mercadores», no mesmo «renque a mão direita vindo da Praça», há umas sete casas, de um, de dois sobrados, poucas janelas rasgadas, portas de Arco e tabuleiros, umas de pedra até cima, outras não, quintais a entrarem uns pelos outros, todas medidas por varas e com suas confrontações. A casa Torre continuou de pais para filhos na descendência de António de Freitas do Amaral; aí viveram até 1759 quando mudaram para o Porto. Em 1900 por morte da Condessa e Marquesa de Terena, Marquesa de Monfalm, saiu finalmente da família (adiante).

Descrita na Conservatória como «casa entre a rua das Lamellas antiga rua Escura para onde tem portal e janelas de sacada e a travessa da Cadeia e Serralho para onde tem portas e janelas é de sobrado, telhada, composta de salas, quartos, rocios, lojas e mais dependências», Actualmente não vejo sinais exteriores de torre. A fachada a dar para a rua Escura, hoje Gravador Molarinho, é bonita, setecentista e está bem cuidada. Entra-se por um portal a dar para um pátio exterior armoriado; de lado um lance de escadas, dá a entrada à casa. Do lado da viela a ir dar ao Largo da Cadeia, onde devia ter sido a Torre (traseiras da Casa) está um prédio moderno e sem graça a destoar. Havia aí, não há muitos anos, uma casa quinhentista.

Armando de Matos — «*Pedras de Armas de Portugal*», p. 204 reproduz a fotografia da pedra de armas desta casa, a que chama «casa da família Macedo» (confundindo-a com a dos Almeidas, Morgados na mesma rua) lendo assim o seu brazão: Época, séc. XVII, composição esquartelada. Leitura: Macedo, Homem, Carvalho e Almeida. Elmo com timbre de Macedo e paquife, o que repeti a p. 53 do meu «*Guimarães Terra de Santa Maria*» e me levou a confundir esta casa com outra a p. 46 do meu «*Velhas Casas* (VIII), Casa do Cano ou Salvador», nota 158. Agora, mais documentada, leio: escudo esquartelado: Freitas, Amaral, Carvalho e Ferraz. O timbre, apesar de à primeira vista lembrar o dos Macedos, é de Freitas: «dois braços de leão, de ouro, em pala, segurando nas garras uma flecha de prata». Como há pouco relevo, parecem um só braço.

(269) «Compra q fez Fr.co de Abreu Soares a João de Azevedo desta v.^a», a 10-8-1705, L.^o de notas do Tab. Braz Lopes (22-1-73), Arq. Mun. A. Pimenta. Estas eram «hua morada de casas sobradadas de hum sobrado», na Rua da Cadeia, dízimas a Deus, pagavam foro a N. Sr.^a do Ó do Conv.^o de S. Fr.co e pegavam com a de Fr.co de Abreu Soares. Custaram 30\$000 reis. Aos 21-8-1717 empraça-lhe o Cabido outra casa na Rua Escura, que ele tinha comprado a seu vizinho João de Azeredo do Vale que «oje (10-6.1720) fica o sobrado della metido em a segunda salla de Fr.co

Santa Maria de Airães, Morgado de Fontão e Agrela, neto⁽²⁷⁰⁾ de outro Lourenço de Amorim «soldado velho do Brasil», «herói do cerco a Monção»⁽²⁷¹⁾. Em breve, na rua Escura pelo menos, mais três nascimentos, a alvoraçar as amas, a enlevar o avô: Dom António, vida curta de menino; Dona Clara Joana de Amorim Pereira, a herdar depois a Casa; Dona Joana Clara, a mais nova⁽²⁷²⁾. Correm como contas dos rosários os seus dias entre rezas, dores, festejos. A 2.5.1719 Francisco de Abreu Soares «Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Juiz da Irmandade do Glorioso Santo António» «por ser neces^o e de mt^a benervação», ajusta uma nova tribuna para o altar na capela da Ordem Terceira de S. Francisco, em Guimarães. E logo António Gomes, imaginário, morador no Porto, à Porta dos Carros, e Filipe da Silva, também imaginário do Porto, assistente na Rua do Calvário Velho, ambos

de Abreu», tinha um «pedaço de... que ficava debaixo da janella da mesma casa e do lado poente dava para o Eirado da Cadeia, para onde também davam as outras que já possuía». L.^o de notas do Cabido, Tab. M.el da Silva, (2-1-1), Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽²⁷⁰⁾ Teve por mercê a alcaidaria de Monção. Era f.^o e sucessor de D. António de Amorim Pereira, Com.or de S.ta Maria de Airães, Com.or da O. de Cristo, Mestre de Campo de Auxiliares, Sr. do Morg.^o de Fontão, em Ponte do Lima, e sua m.er D. Mariana Figueiroa, herd.^a; neto pat. de Lourenço de Amorim Pereira, herói do cerco a Monção (El-Rei lhe fez mercê da Comenda de Airães e foro de Fidalgo), Mestre de Campo de Auxiliares, e de sua m.er D. Ana da Rocha Trancoso, neto mat. de Francisco Barbosa de Figueiroa e Sousa, F.C.R., Governador de Caminha, Cav.^o Prof. na O. de Cristo, Sr. do Morg.^o de Agrela, em Monção, e de sua m.er D. Isabel Saraiva, Sr.^a do Morg.^o do Casal Soeiro, nos Arcos de Val-de-Vez. (V. Gayo «*Nobiliário*», Tomo II, Amorim, X 11).

⁽²⁷¹⁾ José Rosa Araújo — «Heráldica do Alto Minho» in «*Arquivo do Alto Minho*»^o vol., 4. Tomos, III e IV, ao transcrever o folheto «Relaçam do que tem obrado Rodrigo Pereira de Soto Mayor», aonde se lê: «...assistindo também nesta fortificação (Caminha) de tanta importancia e traçandoa cõ admiravel arte, (1641) o capitão do exercito Lourêço de Amorim Pereira, soldado velho do Brasil». Ao comandar Monção sofreu um longo cerco de Out. de 1658 a 7-2-1659, resistindo heroicamente. Proposta a rendição, com todas as homenagens, pelo general espanhol, aceitou. Com a guarnição reduzida a menos de metade, famintos e esqualidos, de serem todos estes meses bombardeados de noite e de dia, entregou-se por fim. Foi apontado com seus homens como exemplo de valentia pelos seus adversários.

⁽²⁷²⁾ Nasceu António a 15-11-1711, foi bap. pelo Abade de Ruivães, Ant.^o Pereira de Vasconcelos, e afilhado de D. João Manuel de Noronha com proc. ao avô mat. da criança e de D. M.^a Antónia de Sousa e Abreu, viúva de D. Ant.^o de Amorim Pereira, de Ponte de Lima. D. Clara, a 18-5-1714, bap. pelo Rev.do João de Nápoles, Abade de S. Mart.^o do Campo, o pad.o foi Luís Gomes de Abreu, seu parente, da Vila de Viana (N. 4, Oliv.^a) e D. Joana, a mais nova, a 24-3-1716, afilhada do avô mat. e de sua tia D. Antónia Florença (N. 5, Oliv.^a).

«mestres peritos na Arte», preparam a madeira para a abrir em florões e graça ⁽²⁷³⁾.

Chuva? não. Lágrimas, lágrimas do pai, da irmã, das tias, dela própria. Gonzos a correrem, portas a fecharem-se sem piedade sobre Dona Antónia Florença. Vamos entreabrilas. A 2.10.1720 suas tias maternas, Dona Damiana Maria de Vasconcelos e Dona Mariana de Nápoles e Carvalho «por lhe deverem bons serviços e por tudo a dezejarem gratificar e vella aumentada em suas rendas» fazem-lhe uma doação ⁽²⁷⁴⁾. Têm pena? «Com rezuição de tomar abito de Rellegioza no Conv.º de Santa Clara no Porto» vai partir Dona Antónia Florença; concorre seu pai «com todos os gastos do dote e propinas e enxoval e mais aprestos de casa». Antes de ir, a 5.11.1722, anexa Dona Antónia (ordenam-lhe?) todos os seus bens, salvo uma tença no Almocharifado das Carnes de Lisboa ao Morgadio de S. Martinho ⁽²⁷⁵⁾. Antes de ir aperta (deixam-na?) com força, com desespero, a seu filho D. António já com dois anos e meio ⁽²⁷⁶⁾, filho também de D. Lourenço Manuel de Amorim, marido de sua meia-irmã. Chuva? Não. Lágrimas a molharem as vidas desfeitas, a terra, a lama a bater por vezes em todas as portas humildes e grandes.

⁽²⁷³⁾ «Obrigação a obra do Retabollo de Santo Ant.º desta villa de G.es». L.º de notas do Tab. Braz Lopes (13-3-67), Arq. Mun. A. Pimenta. A obra foi assentada por 270\$000 reis. Ambos os imaginários eram mestres consagrados. Como podemos ver em D. Domingos de Pinho Brandão — *«Obra de Talha Dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto — Documentação 1 — Séculos XV a XVII»*, Porto, 1984, são muitas as suas obras no Porto, Coimbra, Aveiro, Vila do Conde, etc. Não sei dizer se o actual retábulo consagrado a S.to António, na igreja de S. Francisco, «muito belo» (Flávio Gonçalves — *«A Talha na Arte Religiosa de Guimarães»*, Guimarães, 1981, p. 355) é o referido na escritura.

⁽²⁷⁴⁾ «Doação q fazem Donna Damiana M.ª de Vascom.los e Donna Mariana de Napoles e Carv.º a sua sobrinha Donna Ant.ª florença de Vascom.los desta v.ª». L.º de notas do Tab. Braz Lopes (13-3-69). Doam-lhe umas medidas de trigo, uns almudes de vinho e 1 marrã, tudo imposto no Casal do Carvalho, em Arões. Eram irmãs de sua mãe. (V. o meu L.º citado na nota 262).

⁽²⁷⁵⁾ «Doação e deixação de D. Ant.ª florença de Abreu e Vasconcellos desta v.ª», a 5-11-1722, L.º de notas do Tab. Braz Lopes (13-2-71), Arq. Mun. A. Pimenta. Anexando todos os seus bens ao morgadio, põe a seg.te obrigação: 3 Missas de Natal pelas almas de seus pais e mais sucessores no vínculo que pede ao pai seja nomeado em D. Joana, f.ª de sua irmã, e no caso de não poder cobrar a tença no Almocharifado, o adm.or do morgadio lhe desse enquanto viva 50\$000 por ano.

⁽²⁷⁶⁾ Este menino, f.º de D. Antónia Florença e de seu cunhado, é citado nos Nobiliários. Foi bapt.º a 7-4-1720, os pad.os foram D. António de Amorim e D. Joana da Gama. Só em 1744 é que se fez o assento do Bap.º. (N. 6 Oliv.ª). Suponho ser ele (ou seu padrinho?) que morava também na casa da Rua Escura e que em 1752 é padrinho dum sobrinho, mas não apurei mais.

Em sua primogénita, Dona Luísa Josefa de Abreu, nomeia Francisco de Abreu Soares o vínculo de São Martinho, o direito de todos os prazos que possui, a obrigação dos bens d'alma e o pagamento das dívidas. Manda-lhe a distribuição dos legados: 10\$000 aos Padres de S. Domingos, mais dez aos «Padres Capuchos da Villa», 5\$000 para a Misericórdia, outros cinco «para os gastos com a vinda dos pobres» ao enterro. Pede-lhe os sufrágios «conforme as pessoas de sua qualidade» e 30 missas em altares privilegiados; mais outras tantas pelas almas de seus pais, mulheres e filha Dona Joana. Lembra-lhe a mesada para uma tia, irmã dele, Dona Antónia Luísa, o dinheiro a juro no Infantado «avinclado ao Morgadio de S. Martinho», as legítimas entregues por Dona Antónia Florença. Sobre o genro, silêncio. A 30.11.1726, na forma do seu testamento⁽²⁷⁷⁾ vai a sepultar em S. Domingos, Francisco de Abreu Soares.

É também no Mosteiro de S. Domingos que Dona Luísa Josefa de Abreu Pereira, agora Senhora da Casa, «viúva que ficou de D. Lourenço Manuel de Amorim da rua escura», dá, a 7.7.1731 «enterro com grandeza» a seu escravo António da Gama⁽²⁷⁸⁾, Deus a saber quantos serviços, quanta dedicação. Com grandesa, muita mais, com esplendor irá continuar sua casa, unida às maiores do Reino pelo casamento de sua filha e herdeira Dona Clara Joana de Amorim Pereira com Sebastião Corrêa de Sá, filho dos Viscondes de Asseca.

Se não faltassem os assentos de casados de 1728 a 1766 da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, certamente teríamos assistido às bodas de Sebastião Corrêa de Sá, com Dona Clara Joana a 16.8.1734⁽²⁷⁹⁾. E às da outra filha de Dona Luísa Josefa, Dona Joana, com Manuel José Tenreiro de Melo, senhor de Luzim e Lobazim⁽²⁸⁰⁾. Assim não podemos desenrolar com pressa a passa-

(277) Oliv.^a, O. 2, onde está o seu testamento.

(278) Mesmo l.º da nota anterior. D. Luísa Josefa de Abreu já está viúva; seu marido não faleceu em Guimarães.

(279) Esta data vem em Fernando da Silva Canedo — *«A Descendência Portuguesa de D. João II»*, vol. II, Amorim Pereira, Senhores do Morgado de Fontão e Agrelo. O noivo era 10.º f.º dos 3.ºs Viscondes de Asseca, nascera a 17.1.1714 e era neto pat. de Martim Corrêa de Sá, Benevides Velasco, 1.º Visconde de Asseca, Mestre de Campo e General das Armas do Partido de Setúbal que se distinguiu na Guerra da Aclamação, sr. de várias terras, etc., e de sua m.er, a Viscondessa D. Ângela de Melo de Almeida, e mat. de Luís César de Menezes, alcaide mor de Alenquer, Alfêres Mor do Reino, Gov. do Rio de Janeiro, Gov. e Capitão General de Angola e da Baía, etc., e de sua m.er D. Mariana de Lancastre.

(280) Cav.º da O. de Cristo, Fam. do St.º Ofício, Fid. C. R. (1744), sr. dos ditos morg.ºs, era f.º de João Tenreiro de Mello, 5.º Sr. do Morg. de St.ª Luzia, de

deira, armar os panos na Colegiada, perfumar as ruas, ver passar as cadeirinhas, ou então ataviar, enriquecer com rendas e pratos o oratório da casa da Rua Escura pronto para as cerimónias. Podemos imaginar, num correr de pesado reposteiro armoriado de Corrêa, Sá, Velasco e Benevides⁽²⁸¹⁾, a primeira festa: o pai do noivo, Diogo Corrêa de Sá e Benevides, 3.º Visconde de Asseca, Alcaide-Mor do Rio de Janeiro, senhor de muitas vilas e terras em Portugal e Brasil, Comendador da Ordem de Cristo, um dos fundadores da Academia Real da História, orador e poeta, com trabalhos de muito valor. A mãe do noivo, Dona Inês Isabel Virgínia da Hungria de Lancastre, Viscondessa de Asseca pelo seu casamento, filha de D. Luís César de Menezes, Governador do Rio de Janeiro, Angola e Baía⁽²⁸²⁾. E todos os seus irmãos, os sucessores do título, a defenderem os seus direitos no Brasil, os que passaram à Índia, os que entraram em Religião, o que governou Moçambique, as senhoras⁽²⁸³⁾. Ficam-nos os olhos no noivo, 10.º filho dos «Excelentíssimos Biscondes de Asseca» e em sua mana, Dona Rosa Maria Viterbo de Lancastre, por casar também em Guimarães, na casa de Vila Pouca⁽²⁸⁴⁾. E nos doze filhos de

Lobazim, e Casa de Luzinde, em Penalva do Castelo, Fid. C. R. e Mestre de Campo de Auxiliares da Comarca de Moncorvo, e de sua mer. D. Maria Antónia de Melo Simas, sua prima, Herd.^a, neto pat. de Manuel Tenreiro de Melo, Fid. C.R. Gover. de Bragança e das Armas de Trás-os-Montes, sr. de Luzinde, etc., e de sua m.er D. Maria Antónia de Azevedo, Sr.^a do Morg.^o de St.^a Luzia de Lobazim, em Vila-rinho da Castanheira, e mat. de Martim de Mello e Sousa, Capitão de Cavalos, G.or de Castelo de Vide, e de sua m.er D. Mariana Josefa de Castelo Branco, Sr.^a do Morg.^o de Simas. Tiv. uma f.^a única e herd.^a, D. Caetana de Mello = com seu primo co-irmão D. Diogo Corrêa de Sá (adiante). V. Gayo — «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», Costado 77 v.^o do Tomo II de Costados, Morgados de Luzinde e Lobazim.

(281) Escudo esquartelado: no 1.º Corrêas; no 2.º Sás; no 3.º Velascos; no 4.º Benevides. Mercê de 15-1-1666. Reproduzido no 1.º citado na nota seguinte.

(282) Alberto Lamago — «*A Terra Goytacó*», L'edition d'Art — Paris-Bruxelles, 1913, Cap. II. O Domínio dos Assecas, p. 170.

(283) Mesmo l.º acima citado e o referido na nota 279, pp. 249 a 251.

(284) Casou com Francisco Felipe de Sousa da Silva Alcoforado, que n. em Guimarães a 28.5.1702, F.C.R. com tratamento de senhoria, Sr. da Casa de Vila Pouca, em Guimarães, etc., f.º de Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, sr. da dita Casa, M. Fid. da C. R., Mestre de Campo em Guimarães, etc., e de sua m.er D. Isabel Francisca de Lobera e Silva, que † subitamente em Vila do Conde, na rua do Cais, em casa de M.el Pereira, ferrador a 17.8.1723 (O. 4, Vila do Conde, Arq. Dist do Porto), neto pat. de Fr.co de Sousa da Silva Alcoforado, Sr. da Casa de Vila Pouca, F.C.R., e de sua m.er D. Antónia Gabriela de Almeida, da Casa da Cavalaria, e mat. de Jerónimo Brandão da Silva, Cav.º de X.º e de sua m.er D. Patronilha Maria de Lobera. Tiveram 12 f.ºs; (para a sua descendência ver o l.º mencionado na nota 279,

Sebastião Corrêa, (grada figura a assentar praça em 1736, a passar nas ruas da vila em 1748, andor da Senhora da Madre de Deus aos ombros ⁽²⁸⁵⁾), a abandonarem Guimarães por 1759, data em que o Pai, já coronel, é confiado o Governo do Castelo de S. João da Foz, data em que, naturalmente, deixam a Rua Escura, casa onde todos nasceram ⁽²⁸⁶⁾.

pp. 327 a 369, entre eles a poetisa D. Catarina Micaela de Lancastre, Viscondessa de Balsemão, e D. Maria Joaquina de Sousa César de Lancastre, m.er de José Correia de Melo Brandão, sr. do Morg.º dos Correias, na Ilha de S. Miguel, etc., c. g. adiante.

⁽²⁸⁵⁾ V. o meu «*Velhas Casas (VIII)*». Casa do Cano ou do Salvador, p. 46.

⁽²⁸⁶⁾ D. *Inês Luísa* a 16.5.1735, baptizou-a o Rev.do Jerónimo de Távora e Noronha, Deão da Santa Sé do Porto a 29, os pad.os foram o avô pat. e a avó materna que passou proc. a D. Francisco Xavier de Amorim e Sousa, «Com.or de Xavão na Religião de Malta, tio da Bap»; D. *Mariana* a 10.7.1736, b. a 26, afilhada de D. Francisco Xavier de Amorim, «tio da mãe da Bap», e da avó pat. que passou proc. ao avô; D. *Luísa* a 13.10.1737, bap. a 3.11. por Frei António «Ala Religioso de S. Jerónimo, procedente do Real Mosteiro de Belém e assistindo na residência de Margaride», pad.os o tio pat. Martinho Corrêa de Sá, res. em Lisboa com proc. a Fr.co Felipe de Sousa, sr. de Vila Pouca, e a tia mat. D. Joana Antónia; *João* a 24.6.1739, bap. a 15.9. pelo Padre Mestre Frei Cipriano da Rocha, Monge de S. Jerónimo, pad.os foram o «Ill.mo Sr. Conde dos Arcos General das Armas e morador em Viana com proc. a Luís Gomes de Abreu e a tia pat. D. Ana Joaquina de Lancastre com proc. a D. Francisco Xavier de Amorim Com.or de Xavão em Santa Marta»; *Lourenço Manuel* a 5.3.1741, b. a 20 pelo mesmo religioso acima, os pad.os foram os tios Luís José Corrêa de Sá com proc. a Fr.co Felipe de Sousa, e a m.er deste, D. Rosa Maria de Viterbo de Lancastre; D. *Ana Joaquina* a 6.10.1742, b. a 27 por seu tio o Rev.do Frei Salvador Corrêa, Geral da Congregação dos Monges de S. Jerónimo e Mad N. Sr.ª do Rosário, test.ª foi D. António de Amorim; *Diogo* a 14.1.1744, bap. a 17 pelo Rev. do Cônego Cura Luís de Magalhães Pereira, afilhado de seu tio Francisco Felipe de Sousa da Silva e de N. Sr.ª da Madre de Deus, test.ª foi D. António de «Alencastre»; *Martinho*, n. a 12.2.1746, bap. pelo Rev.do Ventura Falcão, Abade de S. Salvador de Tagilde, afilhado do Rev.do Frei João César, Monge da O. de S. Bernardo e de N. Sr.ª da Oliveira; *José Inácio* a 17.7.1747, «Bap. a 30 nesta Colegiada pelo Sereníssimo Senhor Dom José, Arcebispo de Braga», foram pad.os os tios do bap. «o muito Rev.º Frei Francisco Corrêa de Sá, Monge de S. Jer.º», e D. Antónia Florença de Vasconcelos e Abreu, Religiosa no Conv.º de St.ª Clara no Porto, com proc. a D. António de Lancastre «mor. a S. Damaso»; (O N 6) D. *Maria Isabel*, a 17.5.1749, bap. a 2.6 pelo Cônego Preb. da Sé de Braga, Rev.do Afonso Manuel de Abreu, afilhada de «Francisco de Saldanha, de Lisboa com proc. a Dom António de Amorim Pereira, tio da Bap.ª assistente na mesma rua Escura e Dona Isabel Maria Correia Alsassu Botu, m.er de António Gomes de Abreu e Souza, da vila de Viana, que passou proc. ao marido»; *José*, n. a 28.8.1752, bap. a 3.9. o Rev. do Arce-diago de Vila Cova, Rev.do Ant.º de Sá, os pad.os foram o tio Dom António de Amorim e N. Sr.ª do Carmo e finalmente *Francisco*, n. a 18.4.1754, bap. no oratório da casa de seus pais a 11.5. pelo Rev.do José da Natividade, Dom Abade do Mosteiro

Para o Porto, para a cidade onde segue a carreira do pai: Brigadeiro, Marechal de Campo, Governador das Armas do Porto (287). De lá as notícias: Casa Dona Inês Luísa, a filha mais velha, para a Casa de Bertianos (288); casa a sexta, Dona Ana Joaquina, para os Senhores da Trofa (289). Reza a terceira, Dona Luísa, freira no Mosteiro de S. Bento; envelhece a segunda, Dona Mariana Antónia, a mana solteira (290). De Dona Maria Isabel, de D. Martinho, de D. José Inácio, de D. Francisco, o silêncio. Morte geiada a levá-los pequenos, força da vida a cair nas guerras, tempo a passar sem éco nem história? Dos outros quatro: D. João, D. Lourenço Manuel, D. Diogo e D. José muito há que contar, muito que repetir, a recordar a época movimentada dum mundo a mudar.

da Costa, afilhado de seu tio João Corrêa de Sá, de Lisboa, com proc. ao Arceediago António de Eça e N. Sr.^a da Madre de Deus (N 7 Olv.^o).

Canedo (nota 279) só menciona as 3 mais velhas, Diogo e José. No Gayo (nota 270) vêm todos, menos Martinho e José Inácio.

(287) José Barbosa Canaes — «*Costados das Famílias Ilustres*», Lisboa, 1829, Tomo II, Cost. 134 e no Gayo v. nota 270 e Tomo I do 1.^o citado na nota 280, Cost. 256.

(288) = a 22.6.1736 com Gonçalo Pereira da Silva de Sousa e Menezes, Moço-Fid. com exercício, 9.^o Sr. da Vila de Bertianos, Donatário do Couto de Francemil, 1.^o sr. da vila de Bertianos, (elevada a vila por dec. de 13.4.1750, sendo-lhe dada de mercê), Cav.^o Prof. na O. de Cristo, Ajudante de Sala de João de Almada com o posto de T.te. Coronel, Brigadeiro do Exército (1744-96), f.^o de Damião Pereira da Silva de Sousa e Menezes, Fid. da C. R., e sr. de Bertianos, Couto de Francemil e Honra de S. Mart.^o de Valbom, Cav.^o Prof. na O. de Cristo, e de sua m.er D. Luísa Joana de Sousa e Menezes, neto pat. de Gonçalo Pereira da Silva F.C.R., 7.^o sr. de Bertianos e de sua m.er D. Luísa Teodora de Castro, e mat. de Bernardo de Carvalho e Lemos, sr. da vila da Trofa e de Alfarela, e de sua m.er D. Maria Madalena de Sousa e Menezes. Gayo, vol. citado nota 270, Tomo I, Cost. 11. Tiv. 11 f.^{os}, a este estudo só interessam o mais velho e o 2.^o

(289) = com Bernardo Manuel de Lemos e Carvalho, Sr. da Trofa, F.C.R., (primo-co-irmão de seu cunhado Gonçalo, acima), f.^o de Luís Tomaz de Lemos, Sr. da mesma vila, e de sua m.er e prima D. Caetana Rita da Rocha Azevedo; os avós pat. estão citados na nota ant., os mat. foram Pedro de Roxas de Azevedo, do Cons.^o da Fazenda, e sua m.er D. Joana Micaela de Sousa e Menezes. (Cost. 187 do 1.^o acima mencionado). Não tiveram geração. Pinho Leal — «*Portugal Dicionário Antigo e Moderno*», vol. 9, p. 753. Sobre a ascendência desta família e a sua maravilhosa capela tumular v. Aarão de Lacerda — «*O Panteom dos Lemos na Trofa do Vouga*», Porto, 1928.

(290) D. Mariana Antónia † solt.^a «na freg.^a das Mercês, Lisboa, a 15.4. 1833, sendo sep. no Conv.^o dos Caetanos», L.^o nota 279. Gayo (nota 270) diz que D. Luísa Jacinta foi Freira em S. Bento do Porto.

Já biografado, o primogénito, D. João Corrêa de Sá e Benevides ⁽²⁹¹⁾, a assentar praça aos catorze anos, é em 1762 Tenente Coronel do 2.º Regimento de Infantaria do Porto. Campanha da Beira. O Conde de Lippe a reorganizar o exército; lutas contra espanhóis e franceses. Revolta dos Açores a desafiar Pombal. Ilhas azuis e verdes, húmidas de beleza, oito anos a segurar o poder. Guerras das fronteiras no Sul do Brasil. Minuano a soprar pelo Rio Grande. Sacramento a cair; não há tréguas. Longa campanha do Russilhão: sempre «com maior animo frente ao seu batalhão». Regresso em 1795 a continuar o comando do seu regimento. Governador das Armas do Porto, vésperas de morrer solteiro a 4.1.1801. Espada na mão, pronto a servir, Morgado, entre outros vínculos, do de S. Martinho, no termo de Guimarães, sua terra natal.

Como não lembrar seu irmão imediato, D. Lourenço Corrêa de Sá e Benevides ⁽²⁹²⁾, Monsenhor da Patriarcal, Bispo do Porto. Lá vem em cortejo! A entrar solene na Sé Catedral em 1796. Pomposos sermões descritos por Inocêncio, escândalo no pacato burgo. Aonde vai o Senhor Bispo? a cear, a passar a noite com seus manos, em casas de parentes, de conhecidos. Partidas de gamão, de voltarete. Ameno cavaco, as últimas novas. Soalhos brancos de esforçada esfrega a estremecerem, danças, música, por vezes um teatro. Toalhas rendadas. Chá fumegante, bules de prata, bolinhos a derreterem-se na boca. Vozes, ditos a chegarem a Lisboa, à Corte. Repreensão régia. Dona Maria I a abanar a cabeça, a recordar a austeridade dos Príncipes da Igreja. Mais agarrado às suas obrigações, ao andar em visita pastoral falece, a 6.6.1798, Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor Dom Lourenço, Bispo do Porto ⁽²⁹³⁾.

⁽²⁹¹⁾ Manuel Mendes — «Um vimaranense ilustre Tenente General D. João Correia de Sá e Benevides», in «*Revista de Guimarães*», LXVIII, 1958, N.ºs 3-4.

⁽²⁹²⁾ No 1.º citado na nota seg.te e na «*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*», vol. 7 — Correia de Sá e Benevides (D. Lourenço) — por equívoco dizem-no f.º de seu irmão mais velho, D. João.

⁽²⁹³⁾ Fortunato de Almeida — «*História da Igreja em Portugal*», vol. III, pp. 579-580, onde vêm os seus dados biográficos que resumo: Monsenhor da Patriarcal, a pedido de D. Maria II foi eleito vigário capitular da Sé Portuense em 1793. A 4.4.1795 foi nomeado Bispo da mesma diocese, recebeu a Sagração em Lisboa a 21.5.1796, fez a sua entrada solene em agt. Muito dado a visitas e a reuniões, a Rainha, a cujos ouvidos chegaram queixas, mandou adverti-lo. Ao fazer uma visita pastoral † a 6.6.1798 na freg.ª de S. Nicolau de Mesão Frio. Inocêncio — «*Dicionário Bibliográfico*», Tomo V, p. 195, «transcreve da saudação pastoral deste prelado um trecho: tão extraordinário de vaidade que se pode ter como modelo no género». Publicou «*Carta pastoral aos seus diocesanos*», Lisboa 1796.

O outro irmão foi D. Diogo Corrêa de Sá, Governador, como seu pai, do Castelo de São João da Foz. Casou com sua prima co-irmã, Morgada de Luzim, e é o único a ter geração⁽²⁹⁴⁾. E já agora, num correr, o mais novo, o Ilustríssimo Senhor D. José Corrêa, Dom Prior de Cedofeita. De sege, a toda a brida, a 26.12.1796, com sua mana, atravessa as ruas da cidade. Tropeçam os machos, escorregaram nas pedras da calçada. Com susto, são projectados os passageiros. Acodem os das cadeirinhas. Lá os levam, sem pressas, com menos perigo⁽²⁹⁵⁾. Também assim, devagar, às mesuras, tiramos destas páginas os filhos de Sebastião Corrêa de Sá, todos vimaranenses.

D. João Corrêa de Sá Tenreiro de Melo Amorim Pereira, Senhor dos Morgados de Fontão, de Agrela, de S. Martinho de Luzinde, de Labozim, de Cabeço de Vide, Santa Marta de Viana, do Padroado de S. João de Reboredo, nascido a 8.3.1775 no Porto, é o filho de D. Diogo Corrêa de Sá⁽²⁹⁶⁾, sucessor a sua mãe e tio. Casa a 27.11.1799 com sua parenta Dona Maria Ana Xavier Correia de Melo Amorim e Lencastre⁽²⁹⁷⁾, senhora do Morgadio dos Correias da Ilha de S. Miguel, do Prazo do Vale da Cunha em Ancêde e da casa da Rua das Flores, no Porto. Primeiro, duas filhas⁽²⁹⁸⁾. Tudo sorri. O exército francês invade Portugal. Ao nascer, a 6.4.1808, o único varão, D. Diogo⁽²⁹⁹⁾, já há meses se resiste ao invasor num grande erguer da Alma Portuguesa.

O Povo, levantado, em desvario, farto de sofrer, a só querer matar sem ver quem abate. Os chefes militares, a lutarem com garra,

(294) = com sua prima co-irmã D. Caetana Luísa Tenreiro de Melo Simas, herd.^a de grande Casa (nota 280); teve dois f.^{os} D. João, suc. (no texto) e D. Sebastião Corrêa de Sá, † solt.^o em Lisboa a 20.1.1822.

(295) J. de Magalhães Basto — «*Sumário de Antiguidades*», 2.^a ed., Cap. X, pp. 254-255. O episódio deu-se a 26.12.1796. D. José, D. Prior de Cedofeita, † em Lisboa, na Rua dos Caetanos, a 30.1.1815.

(296) L.^o citado na nota 279, p. 286.

(297) F.^a Herd.^a de José Correia de Melo Brandão e Sousa, Marechal de Campo, F.C.R., sr. do Morg.^o dos Correias, na Ilha de S. Miguel, Casa da Rua das Flores, no Porto, de Val de Cunha. na freg.^a de Ancede, Baião, Comandante do 1.^o Reg.^o do Porto e de sua m.er D. Maria Joaquina de Sousa César de Lancastre, neta pat. de Martim Afonso Correia, M. Fid. da C. R., sr. das mesmas casas, e de sua m.er e prima co-irmã D. Jerónima Joaquina de Sousa Soutomaior. Para seus avós mat.^s v. nota 284. D. Maria Ana Xavier n. a 11.5.1784 e † a 24.5.18??, in Álvaro de Azevedo — «*Casas de Baião*», Porto, 1938, Val de Cunha, p. 56.

(298) D. Maria Eduarda, n. no Porto, freg.^a da Sé, a 23.10.1803 e D. Caetana, ambas † solt.^s L.^o da nota 279.

(299) Mesmo l.^o nota anterior.

a organizarem a defesa. Por vezes exaustos, os mortos a juncarem os caminhos, também recuam. O inimigo avança.

«— Mata que é jacobino! Mata que é francês!». Grito selvagem a ouvir-se em Braga, em Tibães, em Esposende, no Porto, por todo o norte. Mata!

A 18.3.1809 D. João Corrêa de Sá Tenreiro de Melo Amorim Pereira, a combater as forças de Napoleão desde a primeira hora, capitão-ajudante do General Freire de Andrade, vai com o capitão Manuel Ferreira Sarmiento, num reconhecimento a St.^o Tirso. «— Mata que é jacobino! Mata que é francês!». Chacinados pela multidão, besta estúpida, levada sabe-se lá por quem, em charcos de sangue, os dois oficiais: os capitães Manuel Ferreira Sarmiento e D. João Corrêa de Sá. Mata! ⁽³⁰⁰⁾.

Tristes, a passearem no jardim do Palácio Fronteira, em Benfica, às portas de Lisboa, sua viúva e mais família ⁽³⁰¹⁾. Áreas do jardim a contornarem canteiros, em arabescos, a formar desenhos, voltas, curvas, juncadas de flores, de sebes, de espinhos. Segue a vida os seus meandros por vezes nada parecidos com os caminhos dum lindo jardim. Casado, mas sem geração, morre a 31.10.1837 D. Diogo

⁽³⁰⁰⁾ Conde de Campo Bello — «*Os Franceses no Porto em 1808*», testemunho de António Mateus Freire de Andrade, Porto, 1945, donde copio das pp. 56 e 57 os seg.tes trechos: «...foião em procura do Engenheiro efizerão o m.mo, os ajudantes de Bernardim q' hera D. João Corr.^a Neto de Sebastião Corr.^a, M.el Ferr.^a Capitam de Cavalos de Chaves hü sogeito benemerito ecom m.t^a inteligencia, e Ayres Pinto, os dous primeiros fugirão p.^a olado de St.^o Tisso aonde se demorarão ajantar, ahi chegou o povo q' os seguia, eos forão tirar da meza ea porta do Mosteiro os matarão sem os deixar Confessar, tratando seus Corpos com amaior emfamia...». Mais adiante refere: «...os ajudantesdo G. se dispersarão dous tomarão adireção de St.^o Tisso, hü deles hera D. João Corr.^a sobr.^o do G. q' foi deste partido D. João Corr.^a ooutro hera M.el Ferr.^a Capp.am de Cavalaria de Chaves, enatural daquela Provincia homem com vantage merecim.t^o, recolhendosse aquele Mosteiro. Passando pelo meio de emmenso Povo q' se achava no terreiro do dito Mosteiro, nada lhe fizerão, antes os Receberão com m.t^o bom modo, estando ameza p.^a comerem, hü Alferes da Ordenança, q vinha no alcance deles, emtrou no Terreiro logo emtrou a amotinar o Povo, acozandoos de falcarios, eem trou no Mosteiro eos foi tirar da meza, os Padres lhe pedirão os deixasse ficar, q' elles Se obrigavão adar conta delles, o tal Alferes Sevirou p.^a o Povo dizendolhe em altas vozes, q'herao huns falcarios, porq'elle tinha visto a D. João comer na Ponte de Salamonde com os Francezes, elhe meteu hua estucada em hua coxa, o Povo Se amotinou Sem mais provas os a Rastarão, p.^a o Patio, os Relegiozos lhe pedirão os deixassem Confessar, anada semobeu o Bruto, a Populaça descarregarão sobre elle matandoos».

⁽³⁰¹⁾ *Memorias do Marquez da Fronteira e d'Alorna, D. Jozé Trazimundo Mascarenhas Barreto*, pub. por Ernesto de Campos d'Andrade, vol. I, Coimbra, 1928, p. 76.

Corrêa de Sá, único filho de D. João, o assassinado em St.^o Tirso. Cai a representação de sua casa em seu primo, o futuro Conde de Bertíandos⁽³⁰²⁾, neto de sua tia avó Dona Inês Luísa, a mais velha das filhas de Sebastião Corrêa, a que casara para Bertíandos⁽³⁰³⁾.

Paga sua mãe, como herdeira, as dívidas⁽³⁰⁴⁾; vende sua mulher, novamente casada, alguns prazos⁽³⁰⁵⁾, dispersa-se a fortuna de

(302) Por morte s. g. de D. Diogo Corrêa de Sá, recaiu a representação dos morgos de Fontão, Agrelo, S. Martinho (Rua Escura) e também a dos Sezim e Casa Nova na descendência de sua tia avó D. Inês Luísa, casada com o 9.^o Sr. do 1.^o Morg.^o de Bertíandos (nota 288). Seu primogénito foi Damião Pereira da Silva de Sousa de Menezes, suc. a seu Pai, F.C.R., Brigadeiro de Inf.^a que tomou parte na Campanha do Russilhão e Catalunha de 1793 a 1795, medalha da Campanha da Guerra Peninsular, conc.do com a Medalha de Ouro, = com sua prima D. Maria Angelina Senhorrinha Justa Pereira Forjaz Eça Montenegro, 9.^a Sr.^a do 2.^o Morg.^o de Bertíandos e da Casa dos Biscainhos em Braga. Dos 12 f.^{os} que tiveram foi mais velho o Dr. João Pereira da Silva de Sousa de Menezes, Suc. a sua mãe, † solt.^o em vida de seu pai; o 2.^o, por seu pai ter falecido a 23.12.1835, foi quem sucedeu na representação dos morgadios de seu primo D. Diogo. Era Gonçalo Pereira da Silva de Sousa de Menezes, II.^o Sr. do 1.^o Morgado e II.^o Sr. do 2.^o Morgado de Bertíandos, suc. a seu Pai e irmão, 1.^o Visconde e 1.^o Conde de Bertíandos, Par do Reino, do Cons. da Rainha D. Maria II, Moço-Fid. com exerc., Lic.do em Leis, Governador Civil de Braga, n. a 10.1.1797 na Casa dos Biscainhos e † a 5.10.1856, casado com D. Teresa Teles da Sylva, f.^a dos Marquesses de Penalva, c. g.

(303) Conde de Aurora — «*O Solar de Bertíandos*», Porto, 1956 e António Lambert Pereira da Silva — «*Nobres Casas de Portugal*», vol. I, Solar de Bertíandos.

(304) «Paga e dist.^o de Custódio José Frz da Silva Negociante desta v.^a a favor da Ex.ma Dona Maria X.^e de Mello, viúva da cidade de Lisboa», a 1.6.1841, L.^o de notas do Tab. Nicolau Teixeira de Abreu, (10-5-16), Arq. Mun. A. Pimenta. É o «Ill.m^o Felisberto Augusto Guedes Coutinho», como mandatário da viúva de D. João Corrêa de Sá, mãe do também falecido D. Diogo Corrêa de Sá, que paga por ordem dela a dívida de 682\$800 que devia seu f.^o ao dito negociante e que ela como sua co-herdeira se obrigara a pagar por escritura no mesmo Tab. a 14.5.1840. Tanto D. Maria Xavier † a 24.5.1862 como o mandatário viviam então em Lisboa na Rua dos Caetanos.

(305) «Venda da Ex.ma Viscondessa de Azurara D. Maria Henriqueta Manoel de Vilhena Saldanha d'Oliv.^a autorizada por seu marido à Ex.ma D. Narcisa Leite de Mag.es m.er do Ill.mo António do Couto Ribeiro», a 1.6.1841. L.^o de notas do Tab. Nicolau Teixeira de Abreu (10-5-16), Arq. Mun. A. Pimenta.

D. Maria Henriqueta Manoel de Vilhena Saldanha de Oliveira e Daun, f.^a dos 1.^{os} Condes de Alpedrinha, viúva, s. g., de D. Diogo Corrêa de Sá, era 2.^a vida nos prazos de seu marido: q.tas de Bouças e Sub-Bouças em Tagilde e S. Faustino de Vizela e casal do Augueiro em S. Miguel de Vilarinho, em virtude de prazos a ele feitos (nota 265) onde se lê: «2.^a vida será a m.er com quem casar». Passou a 2.^{as} nupcias a 22.9.1839 com João Salter de Mendonça, 2.^o Visconde de Azurara, s. g. Pela escritura acima vende, tendo passado proc. ao «Ill.mo Felisberto Guedes Coutinho» as q.tas de Bouças, Sub-Bouças «suas casas pomares campos souts devezas

D. Diogo Corrêa de Sá. Os bens do vínculo, os mais prazos são, no dizer do Abade de Tagilde, de José Machado, do Conde de Alentem⁽³⁰⁶⁾, divididos pelos primos. O Visconde de S. Gil de Perre, mais tarde Conde e Marquês de Terena, filho segundo da Casa de Bertianos, por ser o parente vivo mais velho, anexa à sua casa os morgadios do primo D. Diogo. Calma figura a reorganizar a Universidade de

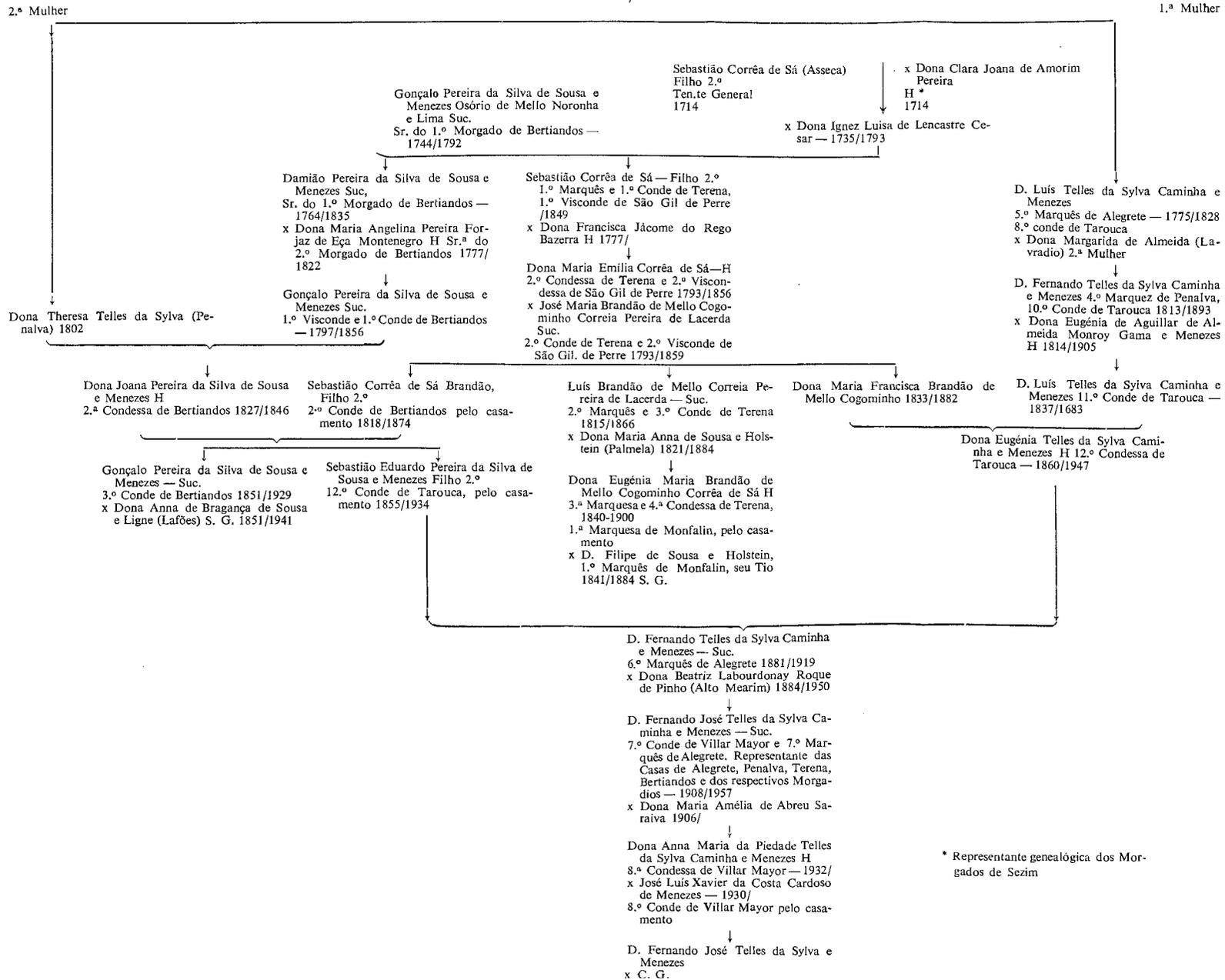
e montados agoas e mais servidoens em que se incluíam as propriedades do Engenho e Figueiredo», por 36.00\$000 aos «Ex.mos António do Couto Ribeiro e sua m.er». A Capela de Nossa Senhora do Pilar fazia também parte das q.tas.

(306) Abade de Tagilde — «Guimarães Apontamentos para a sua história (concelho)», ms, 1884: ao tratar da Capela de N. Sr.^a do Pilar na freg.^a de Tagilde diz: à morte de D. Diogo Corrêa de Sá (a quem acrescenta os apelidos Melo Tenreiro Amorim Pereira) fal.^o s. g., foi «a Casa dividida por Bertianos e Monfalim». Diz mais, no que se equívoca, que as q.tas em Tagilde foram vendidas pela Marqueza de Monfalim. José de Sousa Machado — «*Últimas Gerações de Entre Douro e Minho*», Braga, 1932, II vol., Cost. 134: «Nota — Por morte de D. Diogo, os vínculos de Fontão, Casal-Soeiro, Rua Escura, etc., passaram para Sebastião Corrêa, 1.^o Conde, depois Marquês de Terena e nos prazos de vidas sucedeu sua mãe, D. Maria Xavier, que os deixou à Casa de Bertianos». Conde de Alentem — «*Nobiliário Alentem*», col. e anot. pelo Visconde de Cortegaça, Viana, 1955, fls. 45: «Por falta de sucessão nos bens vinculados sucedeu o parente mais próximo, o 1.^o Conde de Terena e depois Marquês; e os prazos de vidas, por herança testamentária, vieram pertencer à Casa de Bertianos, v. «*Almanaque de Ponte de Lima*» de 1923, pp. 223 e 317».

Num apontamento manuscrito do Abade de Tagilde sobre os bens em G.es de «D. Diogo Corrêa de Sá, Moço-Fid. com exercício, Com.or e Cav.^o Prof. na O. de Cristo já † e sua m.er a Ex.ma D. Maria Henriqueta Manoel de Vilhena Saldanha Oliveira e Daun, «rezidentes na sua casa de Luzinde, Conc. de Penalva do Castelo», consta: «Era senhor de uma casa na rua Escura (onde hoje mora o escrivão Loureiro, parte vínculo e parte livre, casa feita por Francisco de Abreu Soares e sua m.er em várias casas que compraram para edificar esta)», «hoje do Ex.mo Conde de Terena», que também ficara senhor por morte de D. Diogo das «casas e quintal em Vila Verde além da rua de Couros», da q.ta de Vila Verde, freg.^a de S. Sebastião, da q.t.^a da Torre na freg.^a de Fareja, qt.^a da Bouça na mesma freg.^a, Propriedade da Queima na mesma, Moinhos de Pizão e Moinhos do Cabo da Queima idem. Desses haveres possuía então a Condessa de Bertianos a q.t.^a de Palhães, a qt.^a da Laje, a propriedade dos Moinhos de Pizão, e o Eido dos Bacelos, tudo em Fareja, os foros pertencentes ao prazo do Carrazedo, freg.^a de Bucos, Cabeceiras de Basto e os foros que se «pagam à Capella de S. Pedro do Ó, freg.^a de Agilde, conc.^o de Celorico da Beira e os que se pagam à Capela de S. Bartolomeu de Cavez, conc.^o de Cabeceiras de Basto. Tinham já sido vendidas: em 1835, duas casas na Rua da Rainha, uma delas de esquina, em 1836 a q.t.^a do Sardeal em Urgez e a casa e cancela do Sardeal, em 1838 outra casa na Rua da Rainha e em 1841 as propriedades em Tagilde. Haviam também 2 casas no Serralho (travessa da Cadeia), herdadas por D. Maria Xavier, mãe de D. Diogo.

QUADRO GENEALÓGICO
Entrelaçar de gerações
(Alegretes-Penalva) — Bertiaandos-Terenas

D. Fernando Telles da Sylva Caminha e Menezes — Suc.
Sr. das Casas de Alegrete e Penalva; etc. III Marquês de Penalva 1754/1818
x Dona Maria Rosa de Almeida (Lavradio) 1753-1783 — 1.ª Mulher
x Dona Joanna de Almeida (Lavradio) 1767/1811 — 2.ª Mulher



* Representante genealógica dos Morgados de Sezim

Coimbra, Terena ⁽³⁰⁷⁾, Sebastião Corrêa de Sá, como seu avô, é Governador Civil do Porto, vive «no seu palacete» nessa cidade; «Terreiro exterior do Mosteiro de Santa Clara, rua de Santo António do Penedo, a poucos metros da muralha fernandina» ⁽³⁰⁸⁾. A sua descendência, entrelaçada com a de seu sobrinho Bertianos ⁽³⁰⁹⁾, passadas gerações será incorporada à Casa dos seus Maiores.

Nas «Velhas Casas» já passaram ⁽³¹⁰⁾, de relance, estes grandes fidalgos a defenderem a Causa chamada da Liberdade. Agora voltam. A filha e herdeira do 1.º Marquês de Terena, a 2.ª Condessa de Terena, casada com seu primo José Maria Brandão de Melo Cogominho Corrêa de Sá Pereira de Lacerda e Figueiroa, Senhor da Torre da Marca no Porto. E o neto, o 3.º Conde e 2.º Marquês de Terena, vistosa farda na embaixada à coroação da Rainha Vitória de Inglaterra, a visitar Guimarães em 1864, acompanhado do Marquês de Monfalim, seu genro e cunhado ⁽³¹¹⁾. E a Torre da Marca, jardins cheios de japoneiras, seis criados, uns de casaca outros de farda, só para servirem à mesa, capela armada numa das salas grandes, à porta as lindas carruagens e mais tarde «o simples coupé da Companhia, com o seu próprio trintanário de sobretudo preto», a partirem, a levarem a Marquesa de Monfalim, Dona Eugénia, herdeira dos Marqueses de Terena, para os lausperenes, para as novenas, os ser-

⁽³⁰⁷⁾ F.º segundo dos 9.ºs Sr.s de Bertianos, n. a 20.2.1766 e † a 4.7.1849. Chanceler da Relação, Governador das Justiças e Governador Civil do Porto (1834), Prefeito da Prov. do Douro (1835), Reitor da U. de Coimbra (1840) «que encontrou em estado calmitoso depois da guerra civil e inteligentemente reorganizou, foi forçado a abandonar o cargo por causa da revolução de 1846, mas só foi exonerado em 1848», Par do Reino, Visconde de S. Gil de Perre (1824), Conde (1835) e Marquês de Terena (1848), in «*Nobreza de Portugal*», suc. dos vínculos de seu primo D. Diogo, = com D. Francisca Jácome do Lago Bezerra, Sr.ª do Couto de Paredes e das Casas de S. Gil de Pêrre e Torre do Paço, em Viana do Castelo, e da Casa dos Pombais, ou Granjas, em G.es.

⁽³⁰⁸⁾ Pinho Leal — «*Portugal Antigo e Moderno, Dicionário*», Lisboa, 1876, vol. 7, p. 499.

⁽³⁰⁹⁾ V. Quadro Genealógico.

⁽³¹⁰⁾ V. o meu «*Velhas Casas*» (IV), — «Casal dos Pombais a que chamam Granjas», pp. 114 a 119.

⁽³¹¹⁾ «24.1.1864. Visitaram esta cidade e retiraram para o Porto a 26 à noite o Conde de Terena e o seu genro o Marquês de Monfalim»; ... «9.6.1864. Chegaram a esta cidade o Conde de Terena e o Marquês de Monfalim hospedando-se no Hotel Vimaransense». João Lopes de Faria — «*Velharias Vimaransenenses*», in «*Gil Vicente*», vol. XV, n.ºs 1-2 e 5-6, 2.ª série.

mões⁽³¹²⁾, a viver num quadro de luxo a piedade e o bem fazer, muito próxima a Deus pela grandeza da sua alma.

Se os vínculos foram para um filho segundo, a representação continuou na linha primogénita. Caiu também em senhora. Filha e herdeira dos primeiros Condes de Bertíandos, Dona Joana Maria do Rosário Francisca de Sales, Dama das Rainhas Dona Estefânia e Dona Maria Pia, é mulher de seu primo Sebastião Corrêa de Sá de Menezes Brandão, Conde de Bertíandos pelo seu casamento, Torre e Espada ganha em Valença, na guerra da Patuleia, o hino da Maria da Fonte a ecoar pelos montes. Sucede-lhes o primogénito, o 3.º Conde de Bertíandos, Presidente da Câmara dos Pares, casado com Dona Ana de Bragança (Lafões). Tentemos vê-los; subamos ao Largo do Carmo, à casa do Conde de Margaride, na visita Real a Guimarães em Fevereiro de 1887. Há banquete de trinta talheres oferecido a Suas Magestades. Entre o então Príncipe Real D. Carlos e o dono da casa, prova a Condessa de Bertíandos os «petits timbales de gibier a la piemontaise», o «filet de boeuf a l'Abbé de Priscos», o «dinde au cresson»⁽³¹³⁾.

Como os Condes de Bertíandos não tiveram geração, segue a linha no irmão segundo, Sebastião Pereira da Silva de Sousa e Menezes, oficial de Cavalaria, Conde de Tarouca por casar com sua prima Dona Eugénia Telles da Sylva Caminha e Menezes, 12.º Condessa de Tarouca. Na sua farda, a lampejarem de cor e ouro, as medalhas, as condecorações, a Grã Cruz de Carlos III e Afonso XII de Espanha, a da Vitória de Inglaterra, a Coroa da Prússia, de Santa Ana da Rússia, Alberto, o Valoroso de Saxe, Ordem de Mónaco, Grande Oficial da

⁽³¹²⁾ Mariana Cezimbra, R.S.D. — «*Madre Monfalim*», Lisboa, 1945, pp. 60, 169 e outras. D. Eugénia Brandão de Melo Cogominho Corrêa de Sá Pereira do Lago Bezerra de Lacerda e Figueiroa, 3.ª marquesa, e 4.ª Condessa de Terena, 4.ª Viscondessa de S. Gil de Pêrre, e pelo seu casamento Marquesa de Monfalim, f.ª herd.ª dos 2.ºs Marqueses de Terena, n. a 21.5.1840 e † 30.6.1900; foi casada com seu tio mat. D. Filipe de Sousa e Holstein, 1.º marquês de Monfalim, Oficial-Mor da Casa Real, s. g. Em seu testamento a Marquesa de Monfalim deixou os seus bens às sobrinhas de seu marido, suas primas co-irmãs f.ªs dos Marqueses de Cezimbra; os de Guimarães ficaram para D. Teresa de Jesus de Sousa e Holstein Beck, 1.ª mer. do Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão, fal.ª em 23.12.1906, s.g. ficando herd.º seu marido. A casa da Rua Escura pertence hoje ao Dr. Álvaro de Paiva de Faria Castelbranco Leite Brandão, f.º do 2.º casamento do Comandante João de Paiva.

⁽³¹³⁾ A descrição da visita de SS. MM. El-Rei D. Luís, Rainha D. Maria Pia, e de SS. AA. RR. os Príncipes D. Carlos e D. Amélia e do Infante D. Afonso em 1887 a Guimarães e a sua estadia em Casa dos Condes de Margaride encontra-se no jornal «*Religião e Pátria*» de 22.10.1887.

Legião de Honra da França, Comendador de Hohenzollern, Oficial de Aviz, a contarem um pouco os seus serviços aos Monarcas. Ajudante às Ordens e Camarista de Dom Luís, Dom Carlos e Dom Manuel II. Uma imponente e encantadora figura sempre junto aos Reis, vê o Conde de Tarouca, amarfanhado, desesperado, em 5 de Outubro de 1910, o triste desaparecer da Monarquia.

1955. Elvas, a branca Elvas, praça apinhada, frente à Sé. Uma noiva, alta, frágil, bonita, avança pelo braço de seu pai. — Que lindo par! pensam todos.

Ali os criados de libré e cabeleiras, ali as mulheres do campo com braçadas de flores. — «É a nossa Princesa!», ouve-se entre o povo, maravilhado, a olhar.

— «Deve ser a casa portuguesa que mais títulos tem», pensam alguns convidados ao verem Dom Fernando José Telles da Sylva Caminha e Menezes, 7.º Marquês de Alegrete, neto dos 12.ºs Condes de Tarouca e representante dos Marqueses de Penalva e Terena, Condes de Bertandos, Tarouca e Vilar Mayor, Viscondes de S. Gil de Perre, de muitos vínculos e senhorios, levar ao altar sua única filha Dona Ana Maria da Piedade Telles da Sylva Caminha e Menezes, a 19.3, no seu casamento com seu primo José Luís Xavier da Costa Cardoso de Menezes, oriundo de Guimarães, por seu avô paterno, filho do Conde de Margaride ⁽³¹⁴⁾.

Tantas Casas, tantos nomes que representam. Das cidades, das vilas, de muitos lugares de Portugal. Só de Guimarães os Ferreira de Eça, da Casa do Arco, os Vales Peixoto, de Carvalho de Arca, os Bezerras, do Casal dos Pombais ⁽³¹⁵⁾. Talvez tudo isso tenha sido

⁽³¹⁴⁾ Deste casamento é primogénito D. Fernando Telles da Sylva e Menezes, n. a 9.4.1958, c.c.g. V. «Anuário da Nobreza de Portugal».

⁽³¹⁵⁾ Por morte, a 23.5.1881, do 3.º e último Conde de Cavaleiros, D. Rodrigo José de Menezes Ferreira de Eça, neto de D. Rodrigo José António de Menezes, 1.º Conde de Cavaleiros, e de sua m.er D. Maria José Ferreira de Eça e Castro, Sr.ª do Morg.º de Cavaleiros, (Casa do Arco em Guimarães) a representação desse Morg.º caiu na descendência de Martinho Francisco Ferreira de Eça, tio pat. desta Sr.ª, casado com D. M.ª Micaela Pereira Pinto Fagundes, Sr.ª do 2.º Morg.º de Bertandos. São os bisavós de D. Maria Angélica Justa Pereira Forjaz Eça Montenegro, 9.ª Sr.ª do 2.º Morg.º de Bertandos, etc., (nota 203) casada com Damião Pereira da Silva de Sousa e Menezes, (pais do 1.º Conde de Bertandos) Casa onde continuou a representação do Morgado de Cavaleiros e Casa do Arco, em Guimarães.

Além de outros morgadios, João Rodrigo Brandão Pereira de Lacerda e Melo era sr. do Morg.º de Carvalho de Arca na freg.ª de Polvoreira, em Guimarães, que lhe veio por sua mãe, D. Brites Josefa do Vale Peixoto. Foi seu neto José Maria Brandão de Melo Cogominho Corrêa Pereira de Lacerda, suc., marido da 2.ª Condessa

lembrado por quem viu passar o 7.º Marquês de Alegrete e sua filha, a Condessa de Vilar Maior, nesse dia de tão linda festa. Julgo que ninguém então lembrou entre essas representações a dos Freitas do Amaral, da Casa de Sezim, senhorio tirado a seus maiores por uma sentença de 1660.



Da sua casa no Porto, na Rua do Moínho de Vento, entre as suas pratas, a livraria de «humanidades», os panos de Arraz novos⁽³¹⁶⁾, de jornada até Sezim vem o Rev.^{do} Chantre Fernão de Freitas do Amaral. Encontra-se com o Padre André Pereira, seu capelão. Logo vende, a 22.11.1661, «p^a sustentação de sua pessoa», os casais das Pereira, em São Pedro de Calvelhe, conceição de Albergaria. Compra-os por 80\$500 o Rev.^o António de Valadares antigo abade de Rio Mau no Portelo das Cabras. Nesta escritura ressalta um privilégio:

de Terêna, seguindo na sua geração a Casa de Carvalho d'Arca, V. Vaz Osório da Nóbrega — «*Valles Peixotos de Villas-Boas*», da Casa de Carvalho d'Arca. Esta casa foi deixada pela Marquesa de Terêna e Monfalim a sua sobrinha D. Maria Teresa de Sousa e Holstein (v. nota 312). Pertence hoje em usufructo a João de Paiva de Faria Leite Brandão, General, com o curso de Estado Maior, ant.^o adido militar e aeronáutico em Washington e Ottawa, Chefe do Estado Maior e 2.^o Comandante da Região Militar de Angola, Sub-Chefe do Estado Maior do Exército, Comandante da Região Militar de Moçambique, Director do Instituto dos Altos Estudos Militares, Chefe do Estado Maior do Exército, Secretário Adjunto da Defesa Nacional, Presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Medalhas de ouro de Serviços Distintos (2 com palma), de prata de Serviços Distintos, de Mérito Militar de 1.^a e 2.^a classe, Com.or de Aviz, Medalhas Comemorativas das Campanhas de Angola e Moçambique, Mérito Militar de Espanha, Legião do Mérito dos Estados Unidos da América do Norte, etc., etc. (primogénito do Comandante João Antónino de Paiva de Faria Leite Brandão, Oficial da Armada Real, nota 312), sendo a raiz de seu filho João de Paiva Leite Brandão, Tenente Coronel piloto aviador, esteve nas Campanhas do Ultramar Com.te de grupo na Base Aérea do Montijo e actualmente no Comando da IBERLAND c.c.g. Para a representação da Casa dos Pombais (Bezerra), v. 1.^o mencionado na nota 310.

(316) Os panos de Arraz tinham-lhe custado 80\$000, a livraria de humanidades de 40 a 50\$000. Das prata que tinha no Porto menciona: 1 prato fundo, 1 jarro, 1 salva, 1 saleiro, 1 bacia de fazer a barba, 1 garfo de trinchar, 6 garfos, 7 colheres, 2 garrafas e um faqueiro inglês com os cabos em prata. Testamento do Chantre Fernão Freitas de Mesquita, feito a 1.6.1667, Arq. Part. da Casa de Sezim .. «Vários Títulos», Tomo IX.

Os textos entre aspas do parágrafo seg.te, são também copiados deste seu testamento. Além de esmolos e sufrágios deixa também 4\$000 à Ermida de N. Sr.^a do Monte, e outra esmola para lhe repararem os telhados.

«ambos os dois eclesiásticos não são ambos os dois obrigados a pagar siza a sua Magestade»⁽³¹⁷⁾.

Com Sezim gasta o Reverendo Chantre, em obras e concertos, «sete a oito mil cruzados». De manhãzinha ao entardecer, passeará, naturalmente, pelos seus montes, devezas, montados. Cismará. O vento entre as árvores, agitará uma lembrança, umas recordações. «Nos princípios da minha vida cometi algumas meninices de moço», aragem leve, as folhas a brincarem. Para o Porto, para o Colégio dos Orfãos, envia «hu moçozinho chamado António f^o da m^a das bouças da freg^a de nespereira a quem folgará que quando tiver idade seja frade em St^o Ant^o dos Capuchos»⁽³¹⁸⁾. A mocidade já lá vai; está Fernão de Freitas a beirar os cincoenta anos⁽³¹⁹⁾. A 12.3.1662 baptisa-se na igreja de Santa Eulália de Nespereira «Domingos f^o de Maria molher solteira moradora no lugar das Bouças disse ser seu pai o Rev.^{do} Chantre do Porto forão pad^{os} Domingos da Silva e mad^a M^a da Bouças todos desta freg^a»⁽³²⁰⁾.

Missas, responsos, obrigações da Casa de Sezim na Colegiada da Senhora da Oliveira. Lá vêm os Padres Coreiros com as contas dos legados pios, deixados por seus avós; querem o seu pagamento. Volta o Rev.^{do} Chantre do Porto. Alcança logo a sentença «a fim de julgar por nulas as contas tomadas». Inquietos, mexem-se também os Padres da Coraria. Vêm com os «embargos da nulidade»⁽³²¹⁾. O grande sino, no alto da Torre da Colegiada, ressoa, badala, repica, neste ano da graça de 1664, a cortar os ares, de manhã à noite.

(317) «Venda q faz o R.^{do} Fernão de fr.tas de Mesquita Chantre na cidade do Porto ao L. do Ant.^o de Valadares Abb. e que foy de S. Martinho de Rio Mao». L.^o de notas do Tab. José de Morgade (22-1-21), Arq. Mun. A. Pimenta.

(318) A 20.7.1651 foi «Bap. António f.^o de M.^a moça solt.^a das Bouças disse ser seu pai o Chantre do Porto Fernão de Freitas foram pad.os Ant.^o mancebo solt.^o de Sezim, e M.^a da Bouça, solt.^a», M 1. Nespereira, Arq. Mun. A. Pimenta. Diz o Abade de Tagilde (obra citada na nota 80) que o Chantre teve um f.^o natural chamado Dâmaso, Frade Carmelita. Este era António e o pai no test.^o destina-o para Capucho; nada obsta que tenha entrado para outra Ordem e em religião tenha tomado o nome de Dâmaso.

(319) V. nota 305.

(320) M. 1. Nespereira. É o assento de Bap. de Domingos Peixoto do Amaral, que o pai em seu testamento manda enviarem para a Índia.

(321) «1.^o Certidão de huma sentença, extrahida de hum livro de pasta com o titulo de sentença tomo 7 da casa de Sezim acerca de huns embargos de nullidade com q vierão os P.^{es} da Coraria à Sentença q contra estes alcançou o chantre do Porto Fernão de Freitas de Mesq.^{ta} a fim de se julgarem por nulos as contas tomadas na dita sentença dos legados pios, a que a Casa de Sezim é obrigada — 1664», Arq. Part. da Casa de Sezim.

Breve dobrará por Fernão de Freitas, Chantre do Porto, Morgado de Sezim e Casa Nova⁽³²²⁾. A 1.6.1666 as últimas disposições⁽³²³⁾. Está morto. Vestem-lhe o hábito de Santo António, por cima o «abito clerical». Em filas, acompanham-no o Cabido, carpem-no 12 pobres trajados de saial ou saragoça. A sepultar nos «moimentos de Sezim», seu Senhor, o Rev.^o Chantre da Sé do Porto, espada a defender Outeiro, ânimo alerta frente a pleitos e questões. Passa o vínculo para o irmão que lhe segue na ordem do nascimento, António de Freitas do Amaral, também sacerdote. Herda os bens livres o irmão mais novo, Dionísio do Amaral Barbosa. Não se pode esquecer, nem esquece de «dar a Maria por outro menino (Domingos) que tem em casa 10 mil reis cada anno para o sustentar até ter idade para ir p^a a Índia o qual meu erdeiro mandará para lá sem estado».

Santo André de Marecos é uma freguesia da diocese do Porto, no concelho de Penafiel, perto dessa vila, na margem esquerda do Rio Sousa. Aí vamos buscar o novo Morgado de Sezim e Casa Nova, António de Freitas do Amaral, beneficiado de S. Gens, Abade de Marecos, já senhor, por herança de seu tio materno, o Padre Baltazar de Mesquita Leborão, da capela de S. Braz no claustro da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira⁽³²⁴⁾. Durante os onze anos — de 18.6.1667, a, pelo menos, fins de 1688⁽³²⁵⁾ — em que possui a Casa de Sezim, a capela de S. Braz, as suas fortes paredes de granito, destacam-se com mais força nestas páginas.

Na capela de S. Braz vão os Senhores do Cabido, sem licença sua, «fazerem Cabido ao som da campa tangida». Intrometem-se os Coreiros a cantarem Missas, depositam caixões sem autorização. Contra estes abusos, contra a Coraria, a empunhar uma «sentença de força nova», aparece-nos em 1676 o Abade de Marecos⁽³²⁶⁾. Tirando um ou outro baptizado que vem celebrar, um ou outro pequeno dado⁽³²⁷⁾,

(322) Desde 1662 quando tomou posse do vínculo, Fernão de Freitas de Mesquita, acrescenta a seu nome: «Chantre na Santa Sé do Porto, morgado na Quinta de Sezim e Capella nova de Basto» como o faz a 3.6.1666 no Prazo quando passa proc. ao seu capelão, P.^o André Pereira, m.or no Casal da Atouguia, freg.^a de Fermentões. L.^o de notas do Tab. João de Almeida, (Arq. Mun. A. Pimenta (12-4-70).

(323) Nota 316. O que está entre aspas é copiado do seu testamento.

(324) Nota 204.

(325) «Tomou posse do vínculo autorizado por sentença de 18 de junho de 1667. Fez testamento em 28.4.1688» (nota 80). O test.^o está no Arq. Part. de Sezim.

(326) «Sentença de força nova do R.d^o Abade de Marecos contra a Coraria acerca de se intrometerem a cantar Missas e fazer Cabb.^o e meter caixões nesta Capella de S. Braz, Anno de 1676», Arq. Part. de Sezim.

(327) Aparece por vezes nos livros dos assentos a celebrar baptismos de fami-

vamos já perdê-lo, a diluir-se como as paredes da sua «Capela de S. Braz, desde 1685, infelizmente caiada, limpa de toda a madeira e azulejo de «modo a não aparecerem umas pinturas indecentes», os lindos frescos, a darem cor aos seus muros⁽³²⁸⁾, a deccrarem os arcos das suas sepulturas.

Desde 1688 é Morgado de Sezim Dionísio do Amaral Barbosa, sucessor a seus irmãos. A viver em Guimarães, casa telhada, de dois pisos, no Largo de Santa Clara, comprada a 20.5.1658⁽³²⁹⁾. Casa durante estes anos todos, cheia dos seus muitos filhos⁽³³⁰⁾, pronta a receber os netos. Dionísio do Amaral Barbosa, agora Senhor de Sezim, tempos atrás, como já o vimos, a combater na raia minhota. Em 1661 «achou-se na peleja da Ponte da Barca, na véspera de S. Lourenço, a 10.8 no sítio de Loboreiro e nas mais que se oferecerão no quartel da Barca, de entre ambos os Rios».

liares. Ignoro a data do seu falecimento; foi logo a seguir, ou muito depois do seu testamento? A 8.9.1690 bap. na Colegiada João f.º de Maria de Freitas solt.^a «e lhe deu por pai o P.^s Francisco de Freitas do Amaral da cidade do Porto, o pad.º foi D.^{os} Francisco, sapateiro». (Olv.^a N 3). Será seu filho? S.M.N.

(328) V. o meu «*Capelas Vinculadas*», citado na nota 189.

(329) Custou 500\$000 e foi comprada a D. Isabel de Mendonça, viúva de Rui Gonçalves Castelo Branco, m.ores em Lisboa. João Lopes de Faria — «Diversos documentos copiados por... — (mans.), p. 53, Bib. da Sociedade Martins Sarmento. É uma casa sólida, de rés do chão e andar, de linhas simples, espriada, pintada a amarelo ocre, ainda hoje, felizmente, existente no Largo Cónego José Maria Gomes, ant.º Terreiro das Freiras e na posse da família. Nela faleceu a 26.8.1665, Diogo de Mello Pereira, Bailio de Leça, herói da Guerra da Aclamação, hóspede de Dionísio de Freitas. Foi sep. em Leça (M 3 Olv.^a).

(330) Foram: *José* de Freitas do Amaral, o primogénito; (desconheço a data e o local do seu nascimento); *António*, bap. a 7.11.1649 por seu tio o, Abade de Marecos. Os pad.^{os} foram Gregório Ferreira de Eça e Ana Ferraz do Amaral por proc. passado a seu marido António de Freitas do Amaral (havia portanto tréguas na grande demanda, v. texto), † em vida de seu pai; *Gregório* do Amaral Barbosa, Beneficiado de S. Gens, n. 2.2.1751, bap. a 7 por seu tio Dom Maurício, Re.º de Santa Cruz, afilhado de João de Faria de Andrade, Cav. de X.º e de Ana de Almeida; *Ana Maria*, bap. por seu tio o Rev. Baltazar de Mesquita a 16.1.1652, afilhada de João Velho Barreto, Chanceler da Relação do Porto, do Cons. de S. M., por porc. passada a João Machado de Miranda, e sua tia Luísa da Trindade, Rel.^a em St.^a Clara de G.es (foi a Mãe, Ana Maria dos Reis, freira em St.^a Clara de G.es); *Maria Luísa*, bap. a 23.3.1655, foram seus pad.^{os} Luís Correia de Sousa, do Marco de Canavezes e Diogo Leite de Azevedo em nome de sua m.er D. Mariana (N 1 Olv.^a); *Luísa*, a 16.4.1661, bap. por seu tio o Rev.º Baltazar de Mesquita, foram pad.^{os} Gonçalo Peixoto de Carvalho e Baltazar de Sousa; *Fernando*, a 28.12.1662, afilhado de Dom Diogo Lobo da Silveira Dom Prior de G.es, por proc. ao abade de Marecos, † em vida do pai; *Micaela*, a 6. 6. 1664, seus pad.^{os} foram Pedro Machado e Bento da

1661 — «Coroa-se» a serra, a apertar, ataca se! Voltam as costas, «tão cegamente», os batalhões inimigos. De ambos os lados, «adiantam-se plataformas, jogam continuamente as baterias de artilharia». Arrastam-se mangas por íngremes caminhos. Avança a cavalaria! Chega a mosqueteira! Pelo rio Minho «poucas horas se passavam sem combate, poucos combates se acabavam sem derramar sangue». A 24-7 com divisas brancas nos chapéus para evitar confusões, avançam os nossos. Sobe a glória e a fama do Conde de S. João. Perdidas, retiram as hostes adversas. Constrói-se um forte. A 5-9 marcha-se para Coura...⁽³³¹⁾. Guerra da Aclamação a continuar, a já vir desde há muito, recordada nos seus lances.

«.....

O Redduto de Lamas coube em sorte
De Guimarães ao Terço Bellicoso
Venceo, com dar aos Gallegos morte,
Lingoas a Fama, o Nome sempre honroso;
Os corpos dividindo, em mil pedaços,
Cortando pernas, decepando braços.

.....

Um Pedro, e um Luiz, Martim Teixeira
Um Gerardo Machado, armipotente
Dionizio do Amaral, que a luz primeira
Goza c'o o mesmo Odriso, no ascendente...

.....

.....

Silva (foi freira em St.^a Clara do Porto); Afonso, a 18.7.1665, seus pad.^{os} foram seus tios o abade de Marecos e Isabel de S. Paio, Rel.^a em St.^a Clara, + em vida do pai; Joana, b. a 27.6.1667, afilhada de João Machado de Eça e de sua enteada D. Paula, (foi a Madre Joana do Deserto, Rel.^a de St.^a Clara de Vila do Conde); Antónia, b. a 13.6.1671, afilhada de seus irmãos José e Joana (N 2 Olv.^a), (foi freira em St.^a Clara do Porto). Em seu teste.^o, Dionísio do Amaral fala em sua f.^a Madre Isabel das Chagas, freira em St.^a Clara de G.es. Pode ser uma das Luíças que tivesse mudado de nome ao entrar em religião, ou então ter nascido fora de Guimarães. De notar que entre 1655-61 há um intervalo nos nascimentos. No mans. citado na nota 57 lê-se que foram oito irmãs freiras: D. Ana e D. Isabel em St.^a Clara de G.es, D. Mi-caela e D. Antónia em St.^a Clara do Porto e mais 4 em St.^a Clara de Vila do Conde. F.^{os} naturais teve Dionísio, pelo menos, os 2 mencionados no texto, ela † solt.^a.

⁽³³¹⁾ V. nota 228. Estes Episódios estão descritos no L.^o citado na nota 221, Tomo II, pp. 340 a 348.

Todos filhos d'aquella Ventorosa
 Guerreira Guimarães, Pátria querida
 Que merecem na guerra sanguinosa
 Antecipar louvor a própria vida
 Por quem Galiza, triste e lagrimosa
 Ficou tam debellada e destroida...» (332).

Dionísio do Amaral Barbosa, o braço a cansar de empunhar a espada. Tanta lembrança. 1663. Em Tomar, no Convento de Cristo, a receber o Hábito de Cavaleiro Professo (333). 1665. Em Lisboa a entregar a Sua Magestade as cartas da Câmara de Viana a pedir a não reírada das tropas «porque os galegos invadiram a província (334)». 1668. Morte da madrastra Maria da Guerra (335). 1674. Em Guimarães nomeado Guarda-Mor de Saúde (336), a peste a rondar por longe, a grassar na Andaluzia. 168. A entregar o seu ofício de escrivão da Câmara a seu sobrinho Domingos Peixoto do Amaral, filho de seu irmão mais velho, o que no seu testamento «mandara sem estado» pelo mundo, a voltar já homem dos Brasis (337).

Há também para este Senhor de Sezim o breve levantar da cortina do tempo, para entrever, pela sua manda, os pequenos detalhes da sua vida. Deve dois mil cruzados, pouco mais ou menos, gastos nos dotes das filhas, ali, tão perto e tão longe, atrás das grades de Santa Clara, e no casamento do filho mais velho. Será este, José,

(332) Manuel Tomaz — «*O Phoenix da Lusitania*», Ruão, 1649.

(333) Recebeu-o a 19.5.1663, in Abade de Tagilde, nota 80. Já Com.or Titular da O. de X.º requereu da Torre do Tombo o treslado da certidão do foro de fidalgo de seu 5.º avô Pero Rodrigues do Amaral. Doc. copiado nas notas do Tab. João Ribeiro, a 2311.1769, Arqu.Mun. A. Pimenta (14-2-11).

(334) L.º citado na nota 208, p. 196.

(335) «A 14.12.1668 † Maria da Guerra m.er de Gregório do Amaral, minha freg.ª, sepultada na Oliv.ª com todos os sacramentos sem Test.º». M 2. S. Paio, Arq. Mun. A. Pimenta.

(336) «1671. Em 24.VI, em virtude da carta vinda do Governador da Relação do Porto, foram nomeados Guardas-mores de saúde, Dionísio do Amaral de Freitas de Barbosa e Luís Machado de Miranda, e mais dois guardas menores, para ficarem às ordens daqueles. Os primeiros prestaram juramento a 29 do mesmo mês, para servirem seus cargos a bem da saúde do povo... Ficou resolvido que os guardas se pusessem onde os Guardas-Mores entendessem, e se pusessem também as bandeiras da saúde, visto que no Porto e outras terras circunvizinha já estavam postas». A 25.5.1682 tornou a ser nomeado para o mesmo cargo. L.º citado na nota 208, pp. 214 e 242.

(337) D.º Peixoto do Amaral é escrivão da Câmara a partir de 18.6.1692, (in L.º mencionado na nota 365).

o seu herdeiro; para elas, as freirinhas Dona Maria dos Reis e Dona Maria Isabel das Chagas, 40 alqueires de trigo e «as galinhas que se pagam». Para Gregório, Beneficiado de S. Gens, o filho segundo, o usufruto da quinta de Mascotelos e do casal das Caveiras. Em casa ainda estão duas filhas, das mais novas, Dona Micaela e Dona Antônia, mas por pouco tempo. «Para lhes darem o estado de religiosas, o que quero ponham em execução o mais breve possível», 500\$000 de dote, dívida de seu sobrinho Domingos Peixoto do Amaral. Para freira, mas leiga, a filha bastarda, Maria de Mesquita do Amaral; receberá 300\$000 «num convento de Religiosas e não tomando este estado não lhe deixo nada». Testamenteira sua mulher Dona Francisca de Matos e Noronha e o outro seu filho natural, o Padre João de Mesquita Barbosa, a quem lega a quinta da Adeganha⁽³³⁸⁾.

A 27.6.1697 falece Dionísio do Amaral Barbosa «do terreiro das Freiras ficarão m.er e filhos»⁽³³⁹⁾. Estão «moliados e jaspeados os moimentos da sua capella de S. Braz», onde o sepultam, «as armas que tem e as que estão de fora junto à capella do Senhor também oliadas e jaspeadas»⁽³⁴⁰⁾, canteiros a picarem a pedra, quase branca de tanta esfrega, a receber também, a 28.4.1700, o corpo de seu filho segundo, o Beneficiado de S. Gens, Gregório do Amaral Barbosa⁽³⁴¹⁾, senhor da capela de S. Braz por doação de seu tio o Abade de Marecos⁽³⁴²⁾. Revertem os morgados, reverte a capela, para o primogénito, José de Freitas do Amaral Leborão.

Do coro para a capela, da capela para o côro. Olhos baixos, bocas a murmurarem orações. Mãos ocupadas em rezas, em mimos, em galanterias embrulhadas em papeis rendados. Joelhos a roçarem pedras frias em penitências e vigílias. São as freirinhas de Santa Clara sujeitas a apertada regra. Umhas, as almas abrazadas de Deus, a sentir na terra a beatitude do Céu. Outras, um pé a espreitar do hábito, um polvilho a compor o rosto, a cabeça, a mente, os braços, a penderem, a suplicarem um pouco de sol e vida. Em Vila do Conde, no Porto, em Guimarães, nos diferentes conventos estão as filhas de Dionísio

(338) Test.^o de Dionísio do Amaral de Freitas, feito a 28.9.1695 e aberto a 27.6.1697, Tab. D.^{os} de Freitas. Arq. Part. da Casa de Sezim.

(339) O.1. Oliv.^a. Não quiseram mostrar o seu test.^o ao pároco. Sua viúva, D. Fran.ca de Matos e Noronha, † na mesma casa a 9.12.1712 (mesmo 1.^o).

(340) Frases tiradas do seu test.^o. Referem-se à capela de S. Braz e às duas sepulturas metidas em arco ainda hoje encostadas à Igreja da Colegiada.

(341) O 1. Oliv.^a.

(342) V. Abade de Tagilde, nota 80. A doação foi feita a 22.1.1672, Arq. Part. de Sezim, L.^o *Vários Títulos*, Tomo IX.

do Amaral a cumprirem o seu destino, sem nunca terem sido ouvidas. Não as distingo das demais fidalguinhas da grande e da pequena nobreza a entrarem aos bandos nas pesadas portas, todas iguais, o véu preto a cingir-lhes a cabeça, o hábito a tirar-lhes as formas, as grades da clausura a escondê-las. Noutras casas, casavam-se as meninas também sem nada lhes perguntar.

Numa delas, casa José de Freitas do Amaral, Morgado de Sezim⁽³⁴³⁾. Na do Sabadão, em Ponte do Lima, a dar maior brilho às linhagens, mais esplendor aos solares por onde suas filhas entram pelo casamento. Seus senhores, Paulo de Melo Sampayo, sucessor a seu pai, Fidalgo da Casa de Sua Magestade que Deus guarde, primogénito de Filipe de Mello Sampayo, Senhor do Paço e Morgado de Pombeiro de Riba Vizela e do de Sabadão, em Arcozelo, Ponte do Lima, e de Dona Ana de Mello e Alvim, da Casa da Carreira, em Viana do Castelo, e sua mulher Dona Francisca de Almeida Jácome⁽³⁴⁴⁾, podem louvar a Deus e espalhar as suas filhas, com alegria, com algumas saudades, por onde lhes aprouver.

Casam duas no vizinho Paço de Anquião: Dona Leonor e Dona Antónia. Uma, com o senhor da casa, João Gomes de Abreu, viúvo, pai de dois filhos. A outra, com seu primogénito e sucessor, António de Abreu Lima. Ambas têm geração⁽³⁴⁵⁾. Para as faldas do Marão, para os Magalhães e Menezes, senhores de Alvelos, junto a

(343) Por estar em curso a mudança dos livros paroquiais de Viana do Arq. Dist. de Braga para o de Viana, não me foi possível ver a data do Casamento, realizado naturalmente na freg.^a de Arcozelo.

(344) A Casa dos Morgados de Pombeiro de Riba Vizela (varonia que entrará mais tarde na Casa de Sezim) é mencionada nas notas 474 a 479. A de Sabadão, em Ponte do Lima, citada por Manuel Gomes de Lima Bezerra—«*Estrangeiros no Lima*», Tomo I, Coimbra M.DCCLXXXV, na «Descr. da freg.^a de S. Marin de Arcuz C.», p. 255 (descreve também outra com o mesmo nome na mesma freg.^a: a de Francisco Pereira de Sequeiros), pertenceu a Fernão Pereira Soares de que foi f.^a herd.^a D. Mécia Pereira, m.er de Filipe de Mello Sampayo, Morgados de Pombeiro, bisavós de Paulo de Mello Pereira, no texto. A p. 141 traz a gravura «vista da Rua dalem da ponte e Freguesia de S. Marinha de Arcozelo fronteir aa ponte de lima em 1780» nela está a «Casa de Sabadam de João de Mello Samp.» é a n.º 20.

(345) Gayo — «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», Tomo I, Abreu & 26. Os f.ºs de D. Leonor não tiv. descendência. D. Antónia teve 16 f.ºs. Por linha feminina deles vêm, entre outras, as Casas da Carcaveira, em Ponte do Lima; Foço em Lamego e Pousada, em Guimarães. A linha masculina extinguiu-se ao cabo de algumas gerações. V. Francisco Cyrne de Castro — «*Infortúnios dos últimos Abreus, senhores, por linha recta, da Quinta de Paço Vedro, Apontamentos para a história do Alto Minho*». V. também nota 360.

Amarante, vai Dona Arcanja Micaela⁽³⁴⁶⁾; para mais longe ainda, Dona Francisca Luísa: fica em Condeixa, nos Figueiredo Guerras⁽³⁴⁷⁾. Para Guimarães vêm duas, Dona Catarina, até à rua de Donães, casa dos Machados de Miranda⁽³⁴⁸⁾, e Dona Josefa Margarida. Chega a Sezim, entra no Terreiro das Freiras recém-casada com José de Freitas do Amaral Leborão. Ao Sabadão, donde partiram todas e continua o irmão morgado João de Mello Pereira de Sampayo, «próprios» trazem cartas com novas. Baptizados, lutos, mais casamentos. São laços, não de ouro nem de brilhantes, mas grandes, sólidos, a agarrarem as famílias nascidas num só berço, apertadas num forte nó.

Podem Dona Josefa Margarida de Mello Pereira de Sampayo e seu marido José de Freitas do Amaral anunciar as bênçãos de Deus sobre o seu casamento ainda em vida de seu pai e sogro, Dionísio do Amaral Barbosa. No Terreiro das Freiras nascem, e são baptizados ora na Colegiada, ora em Santa Margarida Dionísio, a 8.12.1690; Fernando, a 29.10.1691; Paulo, a 12.4.1693; Dona Francisca Antónia a 30.6.1694; Manuel, a 1.4.1697. Depois da morte de Dionísio do Amaral têm mais filhos os novos senhores de Sezim: Dona Felícia Antónia, Francisco, Dionísio José, Luís António, António Luís e Dona Maria nascem entre 1699 e 1709⁽³⁴⁹⁾. Podemos nós relembrar

(346) Foi m.or de Fernando de Magalhães e Menezes, F.C.R., sr. da Casa de Alvelos, em Amarante; deles descendem, por legítima varonia, os Condes de Vilas Boas.

(347) C. G. V. Gayo .. «*Costados*», Tomo II, Cost. 58. Figueiredos da Guerra de Condeixa e Alborque, Sr.^s da Casa do Sidral e qt.^a de S. Tomé, e Tomo IV, Cost. 76, Brancos de Mello, sr.^s do Prazo da Ega, Viscondes de Valdemouro.

(348) D. Catarina = com António Ferreira da Maya, suc. a seus irmãos, Morg.^o dos Machados de Mirandas em S. Clemente de Sande, sr. da casa da Rua de Donães, em G.es, etc. Ela † a 2.10.1718, ele a 20.10.1719. Tiv.: Estêvão Machado de Miranda, n na Rua de Donães a 13.3.1689, suc. a seu pai, † X s. g. a 19.5.1744; Pedro Machado da Maya, n. a 7.4.1691, †, sendo estudante, a 44.11.1713; Paulo de Mello Machado Pereira e Sampayo, n. a 12.4.1693, Cónego Prebendado da Colegiada de G.es, fez as Inquirições a 24.2.1717 «entrou por ordens menores em sucessão a seu irmão natural o Cónego João Machado de Miranda tomou posse a 26.4.1717, e por seu irmão primogénito † sem sucessão se resolveu a casar e renunciou num future cunhado », F.S.O., carta de 7.5.1751 («*Boletim de Trabalhos Históricos*», vols. VII, p. 132, XIII, pp. 40 a 57 e vol. I, 3.º, p. 36), Fid. da C.R., suc. a seu ii mão, = em Ponte do Lima com D. Grácia Pereira de Castro. C. G. (Condes de Azenha).

(349) Pad.^{os} de *Dionísio*, † m., foram o avô pat. e a avó mat.; de *Fernando de Freitas do Amaral* o tio, o Beneficiado Gregório do Amaral, e a avó pat.; de *Paulo* (naturalmente † m.) os tios João de Mello Pereira de Sampayo e D. Ana Maria dos Reis, Rel.^a em St.^a Clara por proc. a outro tio, o Ben.^o Gregório do Amaral; de *D. Francisca Antónia*, os mesmos acima com proc. da tia. D. Joana do Deserto.

a sua vida: um ou outro «anjinho», um para continuar a Casa, elas, todas para freiras os mais novos a viverem de Benefícios, de mesadas, debaixo do poder do Senhor Morgado. Mas antes queremos mostrar seu pai, José de Freitas do Amaral, a escusar-se mais uma vez na Câmara de servir como vereador ⁽³⁵⁰⁾.

Por testamento de 10.8.1712 José de Freitas do Amaral, Morgado de Sezim e Casa Nova, Senhor ⁽³⁵¹⁾ da capela de S. Braz, institue sua mulher herdeira e testamenteira. Sucederá em Sezim o filho mais velho. Casa Nova, S. Braz, todos os outros bens, por serem de livre nomeação, vão para Dona Josefa Margarida de Mello Pereira de Sampayo, tutora e administradora de todos os seus filhos, menores de 25 anos. Deus chama-o a Si a 10.2.1715. A velado, certamente como muitos outros, seu primo co-irmão Domingos Peixoto do Amaral, Escrivão da Câmara, o que regressara do Brasil. Aproveitemos o tempo, deixemos a Casa de Sezim coberta de crepes e vamos inquirir da sua vida, daquele menino há muitos anos atraz lançado por ordem de seu pai, o Chantre Fernão de Freitas de Mesquita, para as terras dos Brasis ou da Índia.

A 19.4.1711, na rua Nova das Oliveiras, casas de morada de Domingas da Costa de Araújo, discutiu se um dote de casamento. O de sua sobrinha Tomázia da Costa Ferreira, moça donzela, filha de Tomaz Ferreira da Maya, Infância da vila, com Domingos Peixoto do Amaral, «m.or ao Tournal, frente a S. Sebastião», escrivão proprie-

rel.^a em Vila do Conde; de *Manuel* de Freitas do Amaral e Mello, suc., seu primo Francisco de Abreu Soares do Amaral (v. texto) e D. Luísa de Albuquerque; *D. F. Ilícia Antónia*, foi b. a 16.7.1699, (os pad.^{os} foram seus tios Fernando de Magalhães e Menezes e D. Catarina de Mello Pereira); *Francisco* († m.), B. a 29.9.1700, (o padr.^o foi o tio Diogo de Mello Pereira de Sampayo, m.or em Ponte de Lima); *Dionísio José* de Freitas do Amaral, b. a 29.5.1702, afilhado do tio António Ferreira de Azevedo e da avó mat.; *Luís António* († m ?), b. a 16.4.1704, (os pad.^{os} foram sua irmã D. Francisca Antónia e o tio Luís de Mello Pereira, de Ponte do Lima; *António Luís* de Mello, b. a 26.1.1706, (teve o mesmo pad.^o do anterior que passou proc. a seu sobrinho António de Abreu Lima, e a tia D. Leonor Maria Pereira de Sampayo, com proc. à irmã do neófito, D. Francisca; *D. Maria*, b. a 4.12.1709, afilhada de seu irmão Fernando de Freitas do Amaral e de sua tia natural, Maria de Mesquita, Olv.^a. N.^{os} 3 e 4.

⁽³⁵⁰⁾ Nomeado em 1694 não chegou a tomar posse; em 1698, sendo outra vez eleito, não serviu, assim como os outros dois igualmente nomeados, sem se saber os motivos desta escusa. (In L.^o citado na nota 207, pp. 248 a 255).

⁽³⁵¹⁾ Artigo menc.^o na nota 80; o test.^o está em Sezim. Foi enteirado na capela de S. Braz O. 1 Olv.^a.

tário da Câmara, já com 50 anos. Dota a tia, à sobrinha, as casas em que vive, dinheiro a juros, peças de oiro, 1 serviço de «estanho do norte Fino» e um gomil, 1 prato de água-às-mãos, 1 jarro, 1 bacia de barbear, 2 bandejas, 2 salvas e mais peças miudas tudo de prata, o enxoval da casa, os móveis. E também a sua quinta de Barreiros com a capela de Nossa Senhora dos Anjos, na freguesia de Santa Maria do Souto, bens herdados e adquiridos por seu irmão, tio da noiva, o Reverendo Francisco da Costa Homem, abade de S. Salvador de Lordelo. Dá a fiança, por si e pelos seus outros filhos, o pai da noiva. Domingos Peixoto do Amaral também declara o seu dote: o ofício de escrivão da Câmara «de que é proprietário encartado por Sua Magestade», uma morada de casas, grande «de dous sobrados em que vive que ouvera por compra», e todas as suas alfaias, móveis, dinheiro e prata no valor de 12 000 cruzados⁽³⁵²⁾.

Mês e meio depois, a 3.6., recebem-se como marido e mulher Domingos Peixoto do Amaral «escrivam da Câmara fº de Fernam de Freitas do Amaral e de Maria Pereira solteira com Thomazia da Costa Ferreira fª legª de Thomaz Ferreira da Maya e sua m.er Margarida da Costa, já defunta, m.ores na fregª de S. João de Airão, e os contrahentes residentes nesta fregª»⁽³⁵³⁾. Além duma filha natural, Josefa Maria Peixoto do Amaral a viver com ele⁽³⁵⁴⁾, deixa Domin-

(352) «Dote e cazam.t.º de D.ºs Peixoto do Amaral, escrivão da Camr.ª com Thomazia da Costa fr.ª desta v.ª, a 19.4.1711, L.º de notas do Tab. Braz Lopes (13-3-13), Arq. Mun. A. Pimenta.

(353) M 4, S. Seb.º, Arq. Mun. A. Pimenta.

(354) A 20.6.1725, na ig.ª de S. Seb.º, Josefa Maria Peixoto do Amaral, f.ª nat. de Domingos Peixoto do Amaral, já †, e de Maria Ribeira, solt.ª e m.ora à Sr.ª da Graça, freg. de S. Paio, morando a noiva em Trás-Oleiros = com o Capitão Manuel Pinto de Azevedo, m.or na Rua Nova das Oliveiras, nat. de S. João das Caldas, f.º de Francisco Soares e m.er Susana Pinta, defuntos, e viúvo de sua 1.ª m.er Maria Ferreira (L.º citado na nota ant.). Tiv., pelo menos, a: Constância Luísa, n. a 13.4.1726, afilhada do Conde de Unhão com proc. a Francisco Filipe de Souza, da Casa de Vila Pouca, e de D. Constância Luísa Paim, m.er de D. João Diogo de Ataíde, m.ors em Lisboa, com proc. ao Mestre de Campo Rodrigo de Sousa, também de Vila Pouca; José António, n. a 13.4.1727, e Tomázia Maria, a 21.12.1728 (N 6, S. Sb.º, todos nascidos em Traz Oleiros). Do seu 1.º casamento também teve g. o Cap. M.el Pinto de Az.do. Embora nada tenha com os Freitas não resisto a transcrever aqui passagens da «Desherdção q fez o Capp. am M.el Pinto de Az.do a sua f.ª Ana Pinta», (do 1.º casamento), a 2.7.1720, Tab. Braz Lopes (13-2-69), Arq. Mun. A. Pimenta. — «tendo elle em sua casa debaixo da sua administração e patrio pode r— com o bom tratamento p.ª lhe dar o estado conveniente a seu gosto, peço e bens fazendo della toda a boa confiança do governo da sua casa, e de tudo q nella avia, a dita sua f.ª se dezonestou com hum Manoel de Souza, estudante da mesma v.ª com quem andara

gos Peixoto do Amaral, ao falecer, a 25.9.1724⁽³⁵⁵⁾ pelo menos um filho de seu casamento: — Fernando Peixoto do Amaral e Freitas. Depressa voltamos para os Senhores de Sezim a saber de Dona Josefa Margarida e de seus filhos.

Houve luto, o mais terrível. Deus chamou a si o Morgadinho Fernando⁽³⁵⁶⁾. Houve um casamento. De quem? Duma das filhas? Não. Quem casa a 5.12.1725 é Joana Maria de Mello, «f^a nat. de Paulo de Mello Pereira e de Ângela Lopes, da freg^a de Santa Maria de Pombeiro assistente há muitos anos em casa de Dona Josefa de Mello Pereira do Terreiro das Freiras»⁽³⁵⁷⁾. Hábito tomado nas Carmelitas do Porto, lá estão Dona Francisca Antónia e Dona Felícia Antónia. Em casa, com a mãe, Manuel de Freitas do Amaral e Mello, agora Morgado de Sezim, Dionísio José de Freitas do Amaral, «clérigo in minoribus», e António Luís de Mello.

A Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e Santos Passos a espalhar, devotamente, pela vila as capelas dos Passos do Senhor. São capelinhas de pedra; dentro, em tamanho natural, figuras em madeira representam com ingenuidade os sete passos da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

— «Se Vossa Excelência der licença...»

— «Se tirarem quando nos convier...».

amigada tirando da caza tudo quanto podia e dando-o ao dito sem elle pai saber...». A 2.8.1718 «se sahio de casa com dinheiro moveis joyas e preziozo que nella avia com o dito cumplice e para lhe roubarem o dinheiro lhe tiraram o cofre donde tinha doze mil cruzados». Levaram também peças de linho, lenços, as camizas do pai, o melhor penteador que tinha, jóias, apertadores, etc. Fugiram para a Galiza «para cuja jornada se compraram bestas vestidos e aprestos gastando lar.mte com os quais roubos o deixaram falido e impossibilitado de dar estado a mais três f.as que tinha debaixo da sua administração, de pagar a seus Credores de dar satisfação aos seus negócios e sentindo tão atroz injuria», deserda-a em tudo. As outras f.^{as} foram metidas em conventos.

⁽³⁵⁵⁾ † na sua casa em Traz Oleiros, já era viúvo. Sep.^o em S. Domingos (S. Seb.^o M 4). Do casamento teve pelo menos a Fernando Peixoto do Amaral e Freitas, (desconheço a data e local do nascimento); Domingos Peixoto do Amaral, n. na Qt.^a do Barreiro a 10.7.1714, e João, n. na mesma qt.^a a 25.10.1717 (M 1 St.^a M.^a do Souto), Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽³⁵⁶⁾ Fernando de Freitas do Amaral fez nomeações a sua mãe, lê-se no dote do seu irmão. Nos assentos de óbitos da freg.^a da Oliveira, há um intervalo de 1716 a 1718, época provável do seu falecimento.

⁽³⁵⁷⁾ Casou com António da Rocha Araújo, m.or na Rua Nova do Muro, nat. de Braga (Olv.^a C 1). Paulo de Mello Pereira, pai da noiva, pode ser o pai de D. Josefa Margarida ou então ser seu neto Paulo de Mello Pereira, o que foi cônego. Nasceu este em 1693; para ser o pai, a noiva tinha que ser muito nova.

Concorda Dona Josefa Margarida de Mello Pereira de Sampayo. A 21.2.1727 dá licença aos Mesários da Real Irmandade «para incostarem um Passo às suas casas com licença de o interrarem nas paredes da mesma casa obrigando-se a retirá-lo quando convier aos donos⁽³⁵⁸⁾. É a Quaresma. Vestem-se os montes de roxo, as almas de contrição. Aos domingos, sermões em S. Francisco, ricos em visões dos tormentos do inferno. Contritos, avançam os penitentes pela Praça Maior, Largo da Senhora da Oliveira, rua de Santa Maria acima. 2.º Domingo da Quaresma:— procissão de Lázaro. Com lentidão passa a Santa Verónica, passam as doloridas figuras. Qualquer época: em promessas, em via-sacras uma apressada reza, o acender duma vela, o pôr uma flor. Correm os anos, e as épocas, as circunstâncias. Sobe-se o Terreiro. Vira-se na casa dos Freitas de Sezim. Estaca-se no Passo. Por muita pressa sempre se olha.

Jesus por terra com a Cruz às costas. Escarnecem-No dois soldados. Ajuda-O o Cireneu. Capelinha incrustada no muro da casa. Gente a andar, a subir a rua ao longo dos séculos. Preces, súplicas, o esboçar do sinal da Cruz. Simples flores nas jarras a florirem, a murcharem. A tarde a cair, a vida a continuar. Nós a descermos a rua e a pararmos frente à casa.

Estão a entrar em alegres exclamações os sobrinhos de Dona Josefa Margarida, os que de Ponte do Lima, pelos cargos, pelo casamento, vieram viver para Guimarães. Olhem! Os filhos de seu irmão, o falecido Morgado de Pombeiro e Sabadão: Paulo Luís de Mello Pereira de Sampayo, sucessor da Casa, Fidalgo da Casa Real, Capitão-Mor de Guimarães, e sua mana Dona Leonor Maria de Mello Pereira de Sampayo, ambos casados⁽³⁵⁹⁾. Vejam Dona Maria Luísa de Abreu Lima

(358) «Escritura em que os mesários da irmandade de N. Sr.^a da Consolação obtém licença de D. Josepha Margarida para encostarem 1 Passo a suas casas e alcanarão licença de o interrarem nas paredes da mesma casa, obrigando-se a retirá-lo dali quando convier aos donos a 21.2.1727», Arq. Part. da Casa de Sezim.

(359) Dos f.^{os} de João de Mello Sampayo, F.C.R., Morgado de Pombeiro e Sabadão, e de sua m.er D. Ana Maria de Sousa e Castro, † viúva em G.es em casa de seu f.º Paulo Luís a 16.3.1748 (O Olv.³), vieram pelo menos 4 para Guimarães: D. Arcangela Antónia do Sacramento Pereira de Mello de Sampayo, † solt.^a a 17. 6. 1781 e sep. em St.^a Clara (O. 4 Olv.³); D. Luísa de S. José, † solt.^a; Paulo Luís de Mello Pereira de Sampaio, suc., Cap.-Mor de G.es, m.or na Rua de St.^a Maria, casado, pai de 16 f.^{os}, adiante mencionados, e D. Leonor Maria de Mello Pereira de Sampayo, casada em S. Paio de Vizela a 8.9.1731 com João de Freitas Castro, F.C.R., Sr. da Casa de Sub-Ribas dessa freg.^a, c. g. (Freitas, Morgados de Nossa Sr.^a do Ó), e a 2.^a vez, a 26.5.1750, com Gonçalo Peixoto de Carvalho, seu pimo, F.C.R., Morgado de Pousada, c. g. V. o meu «*Velhas Casas (V) Casa de Pousada*», pp. 84 e seg.ts.

e Mello, mulher do Morgado de Pousada⁽³⁶⁰⁾, os muitos filhos de Paulo Luís, todos vimaranenses, o bulício da chegada de todos esses fidalgos, rodeados de escravos, de antigos servidores, as cadeirinhas a cruzarem a rua.

Logo à entrada; não é preciso procurar muito. Encontramos Dona Josefa Margarida de Mello Pereira de Sampayo, viúva de José de Freitas do Amaral Laborão, Senhora, por nomeação do seu marido, do Morgado de Casa Nova e capela de S. Braz, a dobrar, a mandar, durante grande parte do século XVIII no morgadio de Sezim e seus senhores. Enquanto viva «e quizer» governará, administrará, cobrará todas as rendas, fará arrendamentos, dará as mesadas⁽³⁶¹⁾. Quer sempre, e, com a graça de Deus, vive largos anos.

Rege Dona Josefa Margarida. O filho, senhor da Casa, lá vai, como todos os anos, até à feira de S. Miguel de Basto. Dias antes, já se sabia, a ronda pelos seus caseiros do concelho. Quer quisessem, quer não; todos à feira, armados de partazanas, a acompanhar o Morgado. — «Ei! Lá vêm! Fugam que ainda apanham! Deixem-os passar!». Interfere a Justiça! Quais os títulos porque obriga os caseiros? Onde o privilégio de ir à feira acompanhado de homens armados? A 3.7.1728 é condenado pela Justiça de Guimarães. Apela. Favorece-o a sentença de 5.6.1729⁽³⁶²⁾. E lá vai, a levantar o pé, rodeado pelos seus homens a empunhar as alabardas, atento ao mais pequeno desafio, pronto para a primeira provocação.

Com licença de sua mãe, entra o Morgado Manuel de Freitas do Amaral e Mello «hum dos da nobreza da villa», a 11.7.1739, em entendimentos com o Cabido da Colegiada da Senhora da Oliveira. Tinha desde a fundação a Irmandade de S. Pedro a sua capela na antiga sala do Capítulo, na mesma Colegiada. Quem preside às cerimónias? O Cabido? A Irmandade? São litígios, são questões, são pendências a arrastar-se pelos anos, pelas décadas. Sonha a Irman-

(360) F.^a de D. Antónia de Mello e de seu marido, António de Abreu Lima, sr. de Anquião (nota 345), X em 1702 com Manuel Peixoto de Carvalho, Morg.^o de Pousada, c. g. (foram pais de Gonçalo Peixoto, acima). V. 1.^o mencionado na nota ant.^o.

(361) Dote de seu filho Manuel.

(362) Sentença crime do réu apelante Manoel de Freitas do Amaral e Mello em que lhe era parte a justiça tinha aquele de costume ir à feira de S. Miguel de Basto todos os annos, e obrigava todos os caseiros que tinha naquele concelho a acompanhá-lo com partazanas na dita feira, e querendo a justiça obrigá-lo a apresentar os títulos porque podia obrigar os caseiros e o privilégio que tinha de andar com homens armados na dita feira deu sentença contra ele em G.es a 3.7.1728 e apelando teve sentença a favor a 25.6.1729. Arq. Part. de Sezim, Index Tombo 7.

dade «do Príncipe dos Apóstolos São Pedro» em ter capela ou igreja própria. Permitem então os senhores de S. Braz «com a dita conservação do seu direito de posse e enq.t.º for da vontade do Rev.º Cabido», à Irmandade exercer «todas as suas funções» na capela de S. Braz. Põem duas condições, logo aceites pelos Irmãos de S. Pedro: não podem fazer obras nem «alargar demolir ou romper paredes sem autoridade dos sr.s da capella», podendo estes sempre satisfazer seus legados, uso de sepultura, conservar as suas armas e «desonindo-se a Irmandade do Cabido ficara a Irmandade expulsada da mesma capella sem se poder valer de pessoa alguma» (363). Testemunha o contrato Fernando Peixoto do Amaral e Freitas, escrivão da Câmara. Vestem-se os Irmãos para a primeira missa cantada. Abrimos um parêntese para falar de Fernando Peixoto do Amaral e Freitas.

Falar? Não. Vamos desligá-lo da história da Casa de Sezim. Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Fidalgo da Cota de Armas: escudo partido de Amaral e Freitas (364), o filho e sucessor de Domingos Peixoto do Amaral, neto do Chantre Fernão de Freitas de Mesquita, Morgado de Sezim, é fundador duma nova linha. Floresce este ramo na casa de Traz Oleiros, na quinta em Santa Maria do Souto, na linda capela da Senhora dos Anjos, na da Senhora das Neves, em S. Domingos, por ele adquirida (365). Casado com Dona Rosa Correia da Silva, filha de Braz Fernandes da Silva e de sua mulher Maria Correia de Araújo, moradores na quinta do Salgueiro, em Vila Nova de Famalicão, une-se a sua descendência por uma sua neta, Dona Maria da Alegria Peixoto do Amaral e Freitas, com os Pinto Álvares de Carvalho, de Fermil de Basto. Vê-los-emos noutras páginas, noutros estudos (366).

(363) «Contrato do Rd.º Cabb.º com M.el de Fr.tas d'Am.al desta v.ª», a 11.7.1739. L.º de notas do Tab. José da Costa (22-2-28), Arq. Mun. A. Pimenta.

(364) C. de 15.11.1738, Arq. Nac. da Torre do Tombo, Cartório da Nobreza, livro IX, in Armando de Sacadura Falcão — «Pintos Álvares de Carvalho, de Celorico de Basto», in «*Armas e Troféus*», Tomo VIII, ano 1967.

(365) Abade de Tagilde — «*Guimarães e Santa Maria*», pp. 68 e 104.

(366) Fernando Peixoto do Amaral e Freitas (no texto), Cavaleiro Professo na O. de Cristo, Escrivão Proprietário do Ofício de Escrivão da Câmara de G.es, Vereador da Câmara, Fid. da Cota d'Armas, x com D. Maria Rosa Correia da Silva, Sr.ª da Casa do Salgueiro em Vila Nova de Famalicão, teve pelo menos a João, n. na Rua de Traz Oleiros a 24.6.1747, e a Domingos do Amaral Peixoto de Freitas, n. a 7.8.1756 † solt.º a 25.10.1810. Legitimou este uma f.ª (havida em Josefa da Silva, nat. de Fermentões) D. Maria Alegria Peixoto do Amaral e Freitas, herd.ª de seu pai, x a 27.2. 1823 com João Pinto de Carvalho Teixeira de Sousa da Silva, F.C.A. (C. de 28.1.1817), Bacharel em Leis, Medalha de Fidelidade ao Rei e à Pátria, etc.

Regressamos à Casa de Sezim. E quase não nos surpreende a notícia: vai casar o Morgado, Manuel de Freitas do Amaral e Mello. A 15.4.1744 «nesta caza quinta e Morgado de Sezim estava Dona Josepha Margarida de Mello Pr^a de Aímeida Dona veuva que ficou de José de Freitas do Am.al e juntamente com ella seu f^o legitimo Manuel de Freitas do Amaral e Mello hum dos da nobreza da mesma villa e nella moradores». Encontra-se também o Rev^o Padre Frei José de Menezes, «religioso da Sagrada Religião do Patriarca Sam Bernardo e conventual no seu Mosteiro de S. João de Tarouca»; traz uma procuração de sua sobrinha Dona Maria Leonor Thomázia Cardoso de Menezes ⁽³⁶⁷⁾, donzela, «da v^a de moymentã da veyra comarca de Lamego». Vão tratar do dote.

Sezim e o seu Morgadio são do noivo. Cede-lhe a mãe os vínculos de S. Braz e Casa Nova com todas as suas quintas, prazos, casais, propriedades, medidas, rendas, pertenças, casas e apêndios. Traz a noiva as suas legítimas e um pequeno morgado: o de Mondim, instituído por seus tios Dona Brites Carneiro e o Rev.^o Padre Agostinho Tavares. Vai abdicar de tudo Dona Josefa Margarida? Ouçam as suas condições: — Pagará o noivo todas as «dívidas e empenhos» da casa, em prazos, a juros. «Viverão todos juntos governando e administrando ella emquanto for viva e quizer cobrando todas as rendas, arrendando a caseiros, sendo senhora como enté agora». Terá o usufruto de todas as propriedades doadas. Dará a seu filho, o senhor morgado «para sua algibeira e gastos sacretos cem mil reis» anuais, em duas prestações, além «dos vestidos e mais cousas q lhe forem necessárias condescente a seu aceo». Como continúa a concorrer com todos os gastos da casa, obriga-se a sustentar na sua companhia ao filho segundo, Dionísio José, a vesti-lo de linho, e a dar-lhe 32\$000 de todo «o rendimento do seu casal da Ramada sito atraz de S. Fr.^o da vila de G.es». Herdarão os noivos este encargo e «a respeito» do

C.G.V. estudo citado na nota anterior, — *Anuário da Nobreza de Portugal*», vol. II, Pinto de Carvalho do Amaral e Freitas, de Guimarães e o meu «*Velhas Casas (VII) Casa da Avelaira*».

(367) Era nat. de Moimenta da Beira, e f.^a de João de Araújo e Vasconcelos e de sua m.er D. Luisa Teodora de Vasconcelos e Menezes. Neta de António de Araújo e Vasconcelos, e m.er D. Guiomar Tavares Viegas, e de Luís de Sousa de Menezes, Cap. Mor de Marialva e de sua m.er D. Maria Jacinta de Sousa. Bisneta, por seu pai, de Francisco de Araújo de Vasconcelos e sua m.er D. Ana Cardoso, e de Cristóvão Tavares Viegas. Bisneta, por sua mãe, de Cristóvão Ferreira de Sousa, F.C.R., Cap.-Mor de Marialva, e de sua m.er D. Maria de Menezes, dos morgados de Paço de Nespereira, e de Baptista de S. Payo e sua m.er D. Ana de Sousa. V. Gayo Tomo XIV, Ferreiras, § 38.

terceiro filho, António de Mello, «sejão também obrigados a alimentá-lo e assisti-lo conforme a sua pessoa». Submissa, entregará Dona Maria Leonor Tomázia os seus rendimentos para os gastos de todos. Assim se vive ⁽³⁶⁸⁾ em Sezim e no Terreiro das Freiras, com Dona Josefa Margarida a mandar, a dispor de tudo.

Quase nos apetece entrar na roda. Há sempre quem se agarra a uma viola; um alegre tocar de cavaquinho. Primeiro um par, meio a rir, a chamar os outros. Mais um, outro mais. Dança-se. Os carros, ainda há pouco a chiarem pelos caminhos, estão parados, quietos, longe da hora da volta. Os bois, amarelos, de olhos mansos e enormes hastes, mastigam, à sombra, molhos de erva. Chega o vinho, a saltar nas infusas. À porta, surge Dona Josefa Margarida. Tiram os chapéus os homens. Coradas, baixam a cabeça as mulheres. — «Cubram-se que o sol queima! Entrem!». A 23.6.1744, como nos anos passados, como nos anos a vir, a verdadeira senhora de Sezim trata dos arrendamentos. A seguir à sua fria assinatura — Donna Josepha Margarida de Mello Pereira de Sampayo — rudes cruces, muitas cruces, grossas, tortas, a borrarem o papel, desenhadas a medo, delineadas com pasmo, as rubricas dos seus caseiros ⁽³⁶⁹⁾. Da quinta de Mascotelos e fazenda de Covas em Urgezes, da fazenda da Cabeça em S. Tiago do Candoso, da da Cerca em Nespereira, da de Santa Suzana em S. Miguel das Caldas, dos muitos moínhos e azenhas. Da deveza de S. Roque em Santa Marinha da Costa, da quinta das Lamas em S. Martinho do Candoso, da Adega de Baixo e da do Reguengo em S. Romão de Mesãozinho, dos campos da Ramada, extramuros da vila. Nos dedos ainda a terra que trabalharam, marcas de geadas, de sois, da vida dura. Nos olhos a manha submissa do lavrador minhoto, sorrateiros, fugidios. Caseiros da quinta de Sezim, meados do século XVIII, o vinho a aquecer-lhes o corpo a alegria da música a rodopiar-lhes os braços.

Aos poucos fica quase só Dona Josefa Margarida. Há anos, várias vezes ausente, o filho segundo, o Beneficiado Dionísio José Freitas do Amaral e Mello. Como irmão, como escrivão da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, «a tratar dos negócios que lá se ventitam», parte muitas vezes para Lisboa, a demorar meses, longas jor-

(368) «Dete de M.el de Fr.tas do Am.al com d. M.^a Leonor Card.^o de Menezes», a 15.4.1744, L.^o de notas do Tab. José da Costa (13-3-101), Arq. Mun. A. Pimenta.

(369) «Arrendamento de D. Josefa Marg.^a de Mello Pereira de Almeida a vários caseiros», a 23.6.1744, L.^o acima citado.. No Arq. de Sezim há muita doc.^o sobre a administração desta Sr.^a.

nadas em carruagens, a assistir por vezes na Côrte ⁽³⁷⁰⁾. Morre-lhe em casa a 21.10.1747 ⁽³⁷¹⁾. Clérigo *in minoribus*, tem manda. A legítima para a mãe, sua herdeira natural; o casal da Pedra Furada, em S. João de Brito, herdado da tia Maria do Amaral, para sua prima Dona Leonor de Mello Sampayo, encarregada de lhe pagar as dívidas. O quente vestido de lemiste, as vésties e as caixas de uso para António Barbosa, seu criado, tão dedicado na doença. A espingarda de miras de prata, ociosas manhãs a calcorrear os montes, um coelho a esca par-se, a vida, Jesus!, a vida a fugir, a seu «sobrinho Gonçalo Peixoto porque só nele a dava por bem empregada». Pouco depois, a morte da nora, Dona Maria Leonor Tomázia, sepultada, a 30.9.1750 «num dos moimentos da capella de S. Braz», a deixar o Morgadio de Mondim, nunca disfrutado, a um dos filhos, o vestido «escarlata de panno berne» a sua irmã Dona Ana Quitéria e 2\$400 a «sua moça Josepha pella boa assistência» ⁽³⁷²⁾. E logo, alguns meses a seguir, o dobrar dos sinos pelo mais velho, Manuel de Freitas do Amaral e Me'lo Morgado de Sezim, falecido a 14.2.1751 ⁽³⁷³⁾. Em casa de Dona Josefa Margarida só estão agora o filho mais novo, António de Mello ⁽³⁷⁴⁾, e dois pequeninos netos, filhos de Manuel de Freitas e de sua mulher Dona Maria Leonor Tomázia. Orfãos de pai e mãe, com três e dois anos de vida, Dona Josefa Maria Casemira e José Alexandre Freitas do Amaral ⁽³⁷⁵⁾, crescem entregues ao poder de sua avó.

Chega a última hora para Dona Josefa Margarida. No Terreiro das Freiras, a 9.8.1759 entrega a alma a Deus. Ainda uma ordem, mais uma recomendação. Para freira, para a companhia das tias, a neta Dona Josefa. Para testamenteiros seus sobrinhos, o ex cónego Paulo de Mello Pereira Machado e Paulo Luís de Mello «e se lhes dara credito ao que elles disserem por serem pessoas de sam consciencia».

(370) «*Santa Casa da Misericórdia de Guimarães*, Apontamentos para a sua História». Sessões da Mesa de 7.XI.1734, 14.VI e 28.VI.1744, pp. 224, 234 e 235.

(371) O 2. Oliv.^a.

(372) Id., a irmã passa recibo ao receber o vestido (Arq. Part. de Sezim).

(373) Id.

(374) «Fal. com todos os sacramentos, solt.^o de idade mayor, sem test.^o», a 28.12.1773, sep.^o em S. D.^o O 4 Oliv.^a.

(375) Ela nasceu a 4.3.1747, foi bap. a 25, e afilhada de João Lobo da Gama, Camarista do Senhor Arcebispo Primaz e da avó mat.; o baptisante foi o Rev.^o José Cardoso de Mello, Mestre de Cerimónias do Sr. Arcebispo (N. 6 Oliv.^a). Ele foi bap. a 14.12.1748 pelo Arcipreste da Colegiada; os pad.^{os} foram o Dr. Alexandre Metelo de Souza e Menezes, Dez.or de S. Mag., e sua m.er D. Luísa Leonor de Matos e Vasconcelos, m.ores em Lisboa, por proc. passada a Paulo Luís de Mello Pereira de Sampayo e Paulo de Melo Machado Pereira e Sampayo (Oliv.^a N. 7).

Ficam tutores dos meninos, a administrarem a casa ⁽³⁷⁶⁾. Depressa. fechar mais uma vez as janelas de Sezim, as portadas da casa na vila. Cobrir de crepes os espelhos, vestir de rigoroso dó o morgadinho e a mana, como já se lhes fez pelos Pais, pelos tios, peia avó e em breve se fará pelo tutor Paulo Luís de Mello. Acontecimentos para eles bem mais marcantes, mais importantes que o grande terramoto, o «execrando, sacrílego, abominável, nunca visto e nunca imaginado atentado» contra o Rei, o suplício dos Távoras. A nortear-lhes muito mais as vidas que «a incrível guerra q presente move El Rey Catholico ao nosso Augustissimo e Fidelissimo Monarca tão incibilmente projectada, querendo surpreender este Reyno com huma perfidia inesperada» ⁽³⁷⁷⁾.

Como legítimo sucessor do morgado de sua mãe, o de Mondim da Beira, José de Freitas do Amaral, Morgado de Sezim, «com authoridade de seu tutor o Capitam Mor Pedro Bernardino Cardoso de Menezes e seu curador o Lic.do Manuel Leite de Faria e Souza ⁽³⁷⁸⁾ para o vinculo ir sempre em aumento» anexa-lhe, a 14.4.1766, 10\$000 em terras ⁽³⁷⁹⁾. Tem dezoito anos. Passados quatro, a 5.2.1770, dá se o casamento de sua irmã Dona Josefa ⁽³⁸⁰⁾, a destinada pela avó para freira. Com procuração da noiva vai ele, o irmão, até à igreja da Colegiada. Pelo noivo, seu primo co-irmão, Rodrigo António de Freitas

(376) O 3 Oly.^a. O seu test.^o encontra-se no Arq. Part. de Sezim.

(377) Trecho duma carta da Colegiada para o então Conde de Oeiras e de outra do Dom Prior da Colegiada, Paulo de Carvalho e Mendonça, para o Cabido, datada de Oeiras a 21.5.1762, ambas pub. por Manuel Alves de Oliveira — «*A Colegiada de Guimarães sob o signo de Pombal*», Guimarães, 1966, pp. 5 e 13.

(378) O 1.^o é sr. da Casa do Proposto e ficou tutor de José de Freitas do Amaral e de sua irmã por morte de Paulo Luís de Mello; o 2.^o foi advogado em Guimarães.

(379) «Anexão dos bens do vincullo q faz José de Freitas do Amaral, desta villa», a 14.4.1766, L.^o de notas do Tab. D.^{os} da Rocha (14-2-19), Arq. Mun. A. Pimenta. Segundo a instituição, todo o adm.or do vinculo era obrigado a vincular ao morgadio 10\$000 em terras. José de Freitas anexa-lhe uma leira de terra com 5 castanheiros na Fonte da Cana, «limites de Mondim de Baixo».

(380) C 2 Oly.^a. O noivo é f.^o de João de Freitas de Castro, F.C.R., Cav.^o Prof. na O. de Cristo, Sr. da Casa de Sub.-Ribas, em S. Paio de Vizela, e da Lagoa de Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, donde era nat., e de sua m.er (rec. em S. Paio de Vizela a 8.9.1731) D. Leonor Maria de Mello Pereira de Sampayo. (V. nota 379). Estes Freitas procedem de Pedro Vasques, de Montelongo, x com Maria de Freitas, f.^a de Afonso de Freitas e sua m.er Maria Martins, sr.s do Morgado de Casa Nova, (v. nota 87.) O marido e sogros de D. Josefa são mencionados em Carlos Rheingantz — «*Primeiras Famílias do Rio de Janeiro*», descendência de Sebastião Fagundes Varela e de António Moniz Barreto, Vol. II, pp. 67 e 643, v. também notas 207 e 208 do meu «*Velhas Casas (V) Casa de Pousada*».

Castro e Mello, espera-o um parente José Filipe de Sousa de Carvalho⁽³⁸¹⁾. Celebram o casamento «pelos nubentes não presentes». Saem da igreja. Em casa, ali ao lado, aguardam-os os recém-casados. Não tardam os filhos, no correr dos anos. João, a falecer menino, Dona Ana Maria Leonor, a suceder, Dona Maria do Ó, Dona Leonor e Aires de Mello⁽³⁸²⁾.

Morreu em Lisboa a 23.2.1777 El-Rei Dom José. Dizem que o Cabido ao lembrar-se que o poder do Marquês de Pombal chegava ao fim, tornou menos profundo, menos plangente o dobrar dos sinos. Devagar, a medo, com uma ou outra nota mais viva. Entusiasmaram-se. Acabaram em alegre repique. Para mostrar bem as suas diferenças não se juntaram nas exéquias o Senado e o Cabido; cada qual fez as suas. Anos depois, de tabelião em tabelião, anda José de Freitas do Amaral, Fidalgo da Casa Real⁽³⁸³⁾, Morgado de Sezim, «Para requerimentos que tem nessessita de Lansar em hua Nota hua carta munto Importante para os seus Negócios»⁽³⁸⁴⁾. Ei-la:

«Senhor António Ribeiro Amigo Companheiro e Senhor depois que sahimos da Camara achei o Reberendo Mestre Escolla na Igreja da Collegiada com a carta que recebeu Nossa esperando pelos Capitulares para hirem ao Cabido eu lhe recomendei da parte do Ilustrissimo Senado a vontade que temos de nos unirmos pello modo que elles la determinarem a fim de fazermos hua exequia somente porque me pairesse muito mal na morte do Senhor Dom Joze fazer a Camara hua função e o Cabbido outra e cada hum a sua essa diferente couza que nunca se tinha praticado cujo Erro queremos agora emmendar suplico a vossa Mercê e ao Senhor An'ónio Cardozo que concluão com o cabbido esta mesma propozição e sustentarem a minha palavra aliaz fico mal avaliado prante aquele Respeitavel corpo atendendo a que no Porto he o Bispo que faz a despeza com a assis-

(381) V. último l.º atrás citado, pp. 88, 89 e 90.

(382) João, n. na freg. da Oliv.ª a 30.11.1770, † m.; D. Ana Maria Leonor de Freitas Mello e Castro, Morgada de N. Sr.ª do Ó, ibid. a 20.2.1772, † solt.ª c.g. legitimada; D. Maria do Ó, a 13.12.1773, † solt.ª; D. Leonor a 5.12.1774, † m. e Aires de Melo, a 31.10.1776, † solt.º a 6.11.1811. D. Josefa † a 25.1.1779 e o marido a 5.11.1803. Tutor dos f.ºs ficou o tio, José de Freitas do Amaral.

(383) Nos doc.ª consultados é este (1786) o 1.º ano em que José de Freitas do Amaral aparece como Fid. da C. R.; desconheço a data do Alvará,

(384) Manuel Alves de Oliveira — v. nota 377, p. 128 da obra citada.

tencia da Camara sem esta concorrer para ella// de seu amigo e creado // Paes //. ⁽³⁸⁵⁾.

A 5.6.1781, ao festejar-se a nova do casamento do Príncipe e da Infanta Portugueses com os Infantes Espanhois, na casa do Terreiro das Freiras, como nas outras da vila, ardem por três noites as luminárias. José de Freitas do Amaral, como os outros fidalgos, como o resto do povo têm uns dias alegres: correm-se três tardes de touros, exulta a Colegiada com «Te Deum Laudamos e boa muzica» ⁽³⁸⁶⁾. A 3.8.1785 é eleito almotacé por três meses José de Freitas do Amaral ⁽³⁸⁷⁾, Morgado de Sezim, de Casa Nova, Mondim da Beira e capela dos Leborões.

Cobre-o a capa comprida dos «seis mezes de luto rigorozo» que traz «toda a pessoa q tiver possevilidade nesta villa e seu termo». À morte d'el Rei Dom Pedro III «demonstra-se o sentimento como se praticou na morte do Snr Dom Joze I à excepção de se quebrarem os escudos e dos mais actos que só pertencem a Rial Sobrana». Saiu o pregoeiro, tocou o relógio e os sinos da Câmara e do Castelo. Por três dias não houve despachos no Senado e nos tribunais, e até os miseráveis trouxeram sinais de luto. Fiscalizou a Câmara «q nenhum mercador seja de Logea groça ou de capella ou tendeiro levante os pressos às fazendas e mais generos proprios para os Lutos que se mandão tomar nesta triste ocazião sob pena de serem castigados com prisão e multa competente» ⁽³⁸⁸⁾. A capa bem comprida de José de Freitas do Amaral, vai-se esfarrapando no roçar constante das pedras da vila.

Obras na capela dos Leborões, a de S. Braz, na Colegiada. José de Freitas do Amaral, seu senhor, para lá vai na manhã de 21.11.1787. Acompanham-no alguns carpinteiros. Nada diz ao Cabido. Às primeiras marteladas corre o Tesoureiro, João Baptista da Silva. Discu-

⁽³⁸⁵⁾ «Carta lanssada em Nota a Requerimento de Jozé de Freitas do Amaral Fidalgo da Casa Real desta v.^a», a 24.8.1786, L.^o de notas do Tab. João Mendes Ribeiro (1-1-161), Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽³⁸⁶⁾ L.^o 32 das Vereações da Câmara da Vila de Guimarães (9-1-80), Arq. Mun. A. Pimenta. Vereação de 5.6.1785: festejos pela notícia das bodas do Infante D. João (depois Rei) com a Infanta espanhola D. Carlota Joaquina e do Infante Don Gabriel de Espanha com a nossa Infanta D. Mariana Vitória.

⁽³⁸⁷⁾ L.^o referido na nota anterior, vereação de 3.8.1785.

⁽³⁸⁸⁾ Id., vereação de 11.6.1786. No L.^o 33 das Vereações (6-3-1), descrevem-se as exéquias pelo Príncipe do Brasil, D. José (vereação de 11.9.1788) mas o Senhor de Sezim, não esteve presente.

tem. Fecha o Tesoureiro o claustro. Dentro ficam prisioneiros o Senhor de S. Braz e os seus homens. Triunfante, vai o Tesoureiro à Casa Capitular. Escapa-se o Morgado. Continuam presos os carpinteiros. Aparece o cónego Miguel de Macedo Portugal, espanta-os com um machado, arraza-os com injúrias. Da grave ofensa, queixa-se à Rainha José de Freitas do Amaral⁽³⁸⁹⁾.

A 27.2.1792 deferem-lhe o «juramento dos Santos Evangelhos». Jura servir como Vereador «fazendo a sua obrigação»⁽³⁹⁰⁾. Segundo as leis de Sua Magestade faz vistorias «às obras que de novo se andam a edificar para melhor prospecto e direitura»⁽³⁹¹⁾, toma parte em todas as cerimónias.

Repicam os sinos na Colegiada, na Casa da Câmara e mais igrejas. Nasceu a 9.4.1795 a Princesa da Beira. Há três noites de luminárias e música. A 5 de Maio «sahirão muitos curiozos tanto seculares como eclesiasticos com grande contentamento todos em carrinhas e no fim hum coche fazendo figurado sendo vestido de corte así mais servindo de capello em casa cantando pellas ruas com instrumental...». A 17 faz o Cabido um festejo: «sacramento exposto todo ornado e hum grande choro de muzica e te deum laudamus e nos dois dias seguintes para completar os 3 do triduo», as mesmas festas «com dois sermões sendo orador hum grande mestre graciano que mandarão Busquar ao convento do Populo em Braga». E há procissões

(389) João Lopes de Faria — «Ephemerides» (vol. IV), m.s na Sociedade Martins Sarmiento. Nas minhas «*Capelas Vinculadas*» já me referi a este episódio ao falar da capela de S. Braz. Sobre ela escreve João Lopes de Faria ... «Documentos Avulsos da Colegiada, Índices», vol. I, (m.^s na mesma Sociedade) a p. 93: «Seis documentos para provar de quem é o padroado da Capella de S. Braz, sendo: «Cópia da representação de José de Freitas do Amaral à Rainha, dizendo que indo para consertar a Capella o Tesoureiro o fechara no Claustro mais os carpinteiros. Cópia da Portaria Régia de 14.12.1787. Certidões dos Legados que o Cabido satisfaz na Capella. Certidão duma verba que está no Livro das sepulturas. Certidão da anexação da Capella do Serviço à Coraria. Parecer dum advogado; narração e opinião de outro».

(390) L.^o 33 das Vereações da Câmara (6-3-1), Arq. Mun. A. Pimenta.

(391) «Autto de vestr.^a que fez o Sennado da Cam.^a em virtude da Ordem de S. mag.de sobre a obra que de novo edefiqua João Bap. Glz. do toural desta v.^a nas casas que possui nas llages do toural na p.^a... declarada e cordiam.t^o entre ella e os mais viz.nhos», a 25.2.1793. L.^o citado na nota anterior. O Juiz de Fora, o Procurador, José de Freitas do Amaral, e mais vereadores medem as casas das Lajes do Toural cujas trazeiras dão para a Rua de Trás Oleiros, marcando-as para que em frente fique «uma praça quadrada para nella se vender fruta ortalice e gualinhas». João Baptista Gonçalves vivia no Toural, deviam estas ser casas para alugar; era meu 5.^o avô. Nestes anos nas actas há muitas vistorias a outras obras na vila.

«com figurado a Cavallo e a pee vestidos a todo o custo como nunca se fez na villa». Sai o Bando, há bailes «dados pellos officios mechanicos», máscaras, corridas de touros ⁽³⁹²⁾. É como vereador da Câmara que José Freitas do Amaral assina as deliberações sobre a demolição da Torre de Nossa Senhora da Piedade. «Em principios de Ruinna tendo ella muitas das suas pedras deslocadas e quebradas ameaçando para o futuro hum total dissalaramento que ella dá actualmente à villa huma disforme intrada e prigoza não só à passagem dos carros e carruagens mas ainda a continua servidão dos habitantes principalmente de noute por ser hu comodo sitio para roubos assassinos e devassidões» ⁽³⁹³⁾. Assim sendo, não se livra. Pobre Torre, pobres muralhas, pobres pedras, a rolaem, desfeitas pelos homens no correr dos anos.

Não está próspera a Casa de Sezim. Nos livros de notas, aqui e ali, pede José de Freitas do Amaral dinheiro a juros «para negócio e utilidade de sua casa e conservação della e para se não desfazer de seus bens ou de parte delles» ⁽³⁹⁴⁾. Aos 45 anos ainda está solteiro. Para assegurar a sucessão precisa casar. Procura uma família com menina casadoira. É na igreja de Vilarinho de Cambas que une o seu destino ⁽³⁹⁵⁾ ao de Dona Antónia Genoveva da Silva Souto e Freitas ⁽³⁹⁶⁾, natural do Porto, filha de Domingos Luís da Silva Souto e Freitas, Doutor de Capelo em Cânones, Cavaleiro de Cristo, negociante

⁽³⁹²⁾ L.º mencionado na nota 390.

⁽³⁹³⁾ Id., vereação de 29.10.1793. Sobre a demolição da Torre da Piedade v. Eduardo de Almeida — «Alguns episódios e Letrados do antigo Foro Vimaranense» e «Verbetes», in »*Revista de Guimarães*», vol.s LVI, n.ºs 1-2, 1946 e LXVII, n.ºs 1-2, 1957.

⁽³⁹⁴⁾ À Irmandade do Santíssimo Sacramento, pede a 19.5.1786, 800\$000 a juros de 5%. Empréstam-lhe sem fiador pois «tem bens bastantes ainda que tem algum empenho». Para isto hipoteca o casal de St.ª Suzana, em S. Miguel das Caldas, e mais 50 medidas no Casal da Costa, freg.ª de Longos, a seu primo Rodrigo de Freitas Mello e Castro F.C.R. L.º mencionado na nota 385. Noutros notários e em diversos anos há outras escrituras para os mesmos fins.

⁽³⁹⁵⁾ In Abade de Tagilde, nota 80.

⁽³⁹⁶⁾ Numa das salas de Sezim existem os retratos a óleo desta senhora e seu marido, possivelmente pintados na época do casamento. Ela, bochechuda, de olhar modesto, boca pequena, tem na cabeça um toucado de flores. Veste um traje de seda branca, manga curta de balão, decotado, cintura muito curta. Calça luvas altas e tem nas mãos um leque. Como jóias: um colar de coral. Ele, bastante mais velho, veste casaca de seda verde, colete branco, «jabot» de rendas; tem olhos inexpressivos e a boca rasgada num quase sorriso entre o matreiro e o parado.

no Porto, sr. da Casa da Fábrica, e de sua mulher Dona Ana Margarida da Natividade Ribeiro de Faria ⁽³⁹⁷⁾.

Para a Casa de Sezim abre-se uma nova página. A começar anos atrás numa ida ao Brasil, nas velas enfunadas a cruzarem o mar. Na Real Fábrica dos Armazéns da Ribeira do Ouro, onde foi Reitor e Comissário Geral, Luís António do Souto, avô paterno de Dona Antónia Genoveva, mais tarde Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Fidalgo da Cota d'Armas ⁽³⁹⁸⁾, também chamado o do «Ferro» ⁽³⁹⁹⁾, armador moedeiro de número do Porto, raiz da fortuna adquirida a

⁽³⁹⁷⁾ F.^a de Tomé Ribeiro de Faria, nat. de St.^a Eulália de Barrosas, n. a 25.5.1715. Estabelecido no Porto, na Rua das Flores, Cav. de Cristo, Fam. do St. Ofício (23.5.1749), Recebedor da Sisa Singela na Comarca do Porto, e de sua m.er, D. Ana Maria da Natividade Pinto, nat. de St.^a Marinha de Gaia, sr.^a da Qt.^a da Madre de Deus na Rechousa, herdada por sua f.^a; neta pat. de José Ribeiro de Faria, nat. de Barrosas, e de sua m.er Sebastiana Ribeiro, nat. de St.^o Adrião de Vizela, e mat. de Manuel Pinto, de Arrifana de Sousa, sr. da qt.^a do Canavial, em St.^a Marinha de Gaia, que teve o Privilégio de Moedeiro, e de sua m.er Maria da Natividade. O avô pat. era f.^o de Domingos Ribeiro e de sua m.er Maria de Faria, de St.^a Eulália de Barrosas, e a avó, de Inocêncio Ribeiro (f.^o de Diogo Martins e de Maria Ribeiro, neto pat. de Pedro Martins e de Tecla Jorge e mat. de Matias de Lemos Ribeiro) e de sua m.er Maria Francisca da Cruz.

Um irmão da avó pat., Sebastiana Ribeiro, Domingos Francisco Ribeiro, x com uma irmã do avô pat. José Ribeiro de Faria, Domingas Ribeiro de Faria. Foram os pais de Manuel Ribeiro de Faria, Fid. da Cota d'Armas (c. de 10.12.1776), Cap. de Ordenanças no Porto, Cav. Prof. na O. de Cristo, Negociante de grosso tracto no Porto, x c. g. (Ribeiro de Faria, Viscondes de Barros Lima; Barões de Seixo, Condes de Campo Bello, Barões de Pombeiro de Riba Vizela (v. adiante); Ferreira Pinto Basto; Albuquerque, sr.^s da Ínsua; Paiva de Faria Leite Brandão, etc., etc.). Muito agradeço todas estas informações à amizade do Ex.mo Senhor Conde de Campo Bello o que me permitiu mostrar o parentesco dos Souto e Freitas com todas estas ilustres famílias. Ao consultar A. da Silveira Pinto ... «*Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*», vol. I, p. 219 e segs., não o tinha conseguido; nela não se menciona Sebastiana Ribeiro e a sua geração, embora sejam citados seus pais.

⁽³⁹⁸⁾ Brasão passado a 10.10.1755, Reg. no Cart. da Nobreza, liv. part., fl. 92 v.^o. Era já Cav.^o Prof. na O. de Cristo, feitor e comissário geral das Reais Fábricas dos Armazens da Ribeira do Ouro, na cidade do Porto, c. Cap. dos Privilegiados da mesma cidade. Era f.^o de Luís António do Souto e de Maria Francisca, neto pat. de António Luís Souto e Domingas de Freitas, e mat. de Diogo Vaz e Catarina Francisca, in Visconde de Sanches de Baena ... «*Archivo Heráldico-Genealógico*», p. 445. Era nat. de Santiago de Rebordões, conc. de St.^o Tirso, n. em 1702.

⁽³⁹⁹⁾ Luís António do Souto, † na Casa da Rua da Fábrica a 19.4.1770, viúvo de sua 2.^a m.er D. Antónia Maria da Conceição e Silva, f.^a «de António Pereira da Silva, ourives de prata e mais tarde homem de grande negócio em ferro e aço», in Brigadeiro Nunes da Ponte — Casas Antigas do Porto», in «*O Tripeiro*», n.^o VII, pp. 222 a 223. Do negócio do sogro, ao qual naturalmente esteve ligado, lhe

trabalhar no Brasil. Página colorida pela linda casa solarenga por ele comprada e aumentada, a da rua da Fábrica, a do Tabaco (a folha a cozer-se em quatro fornos o engenho a moer⁽⁴⁰⁰⁾, a esquina a o tentar as suas armas. E também pela história dos «fidalgos da Fábrica»⁽⁴⁰¹⁾, os seus bens estimados por Balbi como próximos do milhão, a contribuir em 1813 com 1.200\$000 para um empréstimo ao Governo⁽⁴⁰²⁾, a falirem em 1836 com a sua firma «Viuva de Souto

vêm a alcunha «o do Ferro», mencionada por Felgueiras Gayo, «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», Tomo I de Costados, Cost. 165. A mãe de D. Antónia Maria da Conceição e Silva chamava-se Antónia Maria.

(400) P.^o Agostinho Rebelo da Costa — «*Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*», 2.^a ed., p. 278, Fábrica do Tabaco.

(401) «Luís António do Souto comprou a casa da Rua da Fábrica a 31.3.1745. (Tab. António Mendes de Matos, do Porto) ao cônego José Bernardo de Carvalho, da Colegiada de Guimarães, f.^o de Manuel Pereira da Silva, solicitador». Fez-lhe grandes obras e ampliou-a. Nela foi viver com sua família, deixando a sua antiga residência no Terreiro da Alfândega Velha, «casa pegada à capela do Sr. da Piedade onde hoje é um armazém». Sucedeu-lhe seu f.^o o Doutor de Capelo Domingos Luís da Silva Souto e Freitas, Cav.^o de Cristo, negociante no Porto (pai de D. Antónia) e a este seu f.^o primogénito João Luís da Silva Souto e Freitas, T.te C.or de Cav.^a, Cav.^o de Cristo, F. C. R., x com D. Mariana Vitória de Menezes e Vasconcelos, dos srs. do vinc. do Testamento mais tarde Marqueses de Reriz. Tiv. 3 f.^{os}, casados; pelo menos os dois mais velhos foram F. Cav.^{os} da C. R. (alv. de 23-5-1822. João Carlos Fêo Castelo Branco Torres — «*Dicionário Aristocrático*»). Pelo primogénito, Domingos Augusto, não ter tido sucessão, a casa seguiu no 2.^o: Diogo Francisco da Silva Freitas de Menezes e Vasconcelos x com D. Maria Isabel Cirne de Sousa Madureira, do Paço de Gominhões. Sua f.^a e herd.^a D. Mariana Augusta, x com o Sr. da Casa de Ramalde, no Porto. Durante as lutas liberais a Casa da Fábrica foi «mobilizada», funcionou como Tribunal. Ao sair de suas portas, depois de prestar declarações, começou o linchamento pela população do capitão miguelista João Pita Bezerra de Alpoim. A prata da Casa, guardada num falso, foi toda roubada, durante ou a seguir ao Cerco do Porto; principiou depois o Estado, em prestações a indemnizar os fidalgos da Fábrica, mas nunca completou o pagamento. Pelos anos de 1950 a casa foi vendida pelos f.^{os} dos Srs. de Ramalde ao opulente industrial Delfim Ferreira, sendo então demolida. V. *O Tripeiro* (nota 401); José de Sousa Machado, *Últimas Gerações*, vol. II, Cost. 232. José Augusto Carneiro, *Memória Geneológica e-Biográfica sobre Marinho Falcoens*, p. 290. «Um solar do século XVIII. A Casa da Fábrica, teatro histórico dum processo tumultuário» (rec. dum jornal com o retrato da Casa), dos quais me so.orri para estes apontamentos, além das preciosas informações do Ex.mo Sr. Conde de Campo Bello.

Em Sezim existem 4 retratos a óleo dos srs. da Fábrica: o do Dr. Domingos Luís da Silva Souto e Freitas, o de sua m.er D. Ana Margarida Ribeiro de Faria, o do T.te Coronel João Luís da Silva Souto e Freitas e o de sua m.er D. Mariana Vitória de Menezes e Vasconcelos.

(402) Carlos Guimarães da Cunha — *A grande burguezia portuguesa nos fins do Absolutismo*, in *História*, n.^o 29, Março, 1981.

Freitas e Filhos»⁽⁴⁰³⁾. E a permitirem aos de Sezim, em 1793, graças aos trinta mil cruzados de dote, fora as legítimas⁽⁴⁰⁴⁾ de Dona Antónia Genoveva, o começo da renovação de sua Casa. Iniciam-se as grandes obras. Não as acompanha Dona Antónia Genoveva. A 26.11.1802, no Terreiro das Freiras, morre⁽⁴⁰⁵⁾ ao dar à luz o seu sexto filho. É uma menina: Dona Maria Antónia. Dona Maria Rita, Manuel de Freitas do Amaral. Dona Ana Margarida, Dona Maria Engrácia e Dona Maria Isabel⁽⁴⁰⁶⁾, olham, na sua triste orfandade, a irmã recém-nascida.

A 28.7.1803 José de Freitas do Amaral, Fidalgo da Casa Real, «biubo de Dona Antónia Genoveva da Silva Souto e Freitas», Senhor e administrador do Morgadio de Sezim, «para melhor conservação e esplendor e decoro de sua casa», une ao mesmo vínculo «vários morgados insignificantes e outros mais bens»⁽⁴⁰⁷⁾. S. Braz, Casa Nova e o de Mondim da Beira são anexados. E pedindo ajuda a seu cunhado,

(403) O último sócio da firma foi João Luís da Silva Souto e Freitas como se prova pelo aviso feito por sua viúva, a 2-4-1836 no *Periódico dos Pobres do Porto*. Como tutora dos f.ºs quer que lhe averbem umas inscrições «para conversão a quatro por cento». A 26-7 do mesmo ano, habilita-se na mesma qualidade a 2 apólices do Real Erário «a vencer o juro que o seu casal deve ao Tesouro Público», e a 3-10-anuncia a arrematação de vários bens como encarregada e administradora da Casa da Viúva Tau e F.ºs. *Periódico dos Pobres do Porto*, 1836.

(404) O dote foi feito a 17-2-1793, no Tab. António Pinto Ribeiro de Carvalho Peixoto, da cidade do Porto, L.º 201, fl. 57, Arq. da Casa de Sezim.

(405) Ob. 5 Oliv.ª Arq. Mun. A. Pimenta. Enterrou-se na Capela de S. Braz.

(406) Nasc. todos no Terreiro das Freiras. *D. Maria Rita* Freitas do Amaral e Melo, a 18-5-1794, os seus pad.ºs foram os avós mat.s (Olv.ª N.º 10); *Manuel de Freitas do Amaral* a 30-6-1797, era afilhado de D. Rodrigo José de Menezes que passou proc. a Rodrigo de Freitas de Mello e Castro, tio do menino, e de D. Catarina César de Lancastre, m.er de Luís Pinto de Sousa por proc. a D. Ana Maria Leonor, prima do bap.: *D. Ana Margarida* de Freitas do Amaral e Melo, a única que casou, a 1-1-1799; foram seus pad.ºs: Francisco de Almada, Moço-Fid. da C. R. por proc. a Domingos Pedro da Silva Souto, tio do bap., e D. Ana Felícia Coutinho Pereira Sousa Tavares, «Sr.ª da Redizima da Baía, assistente em Lx.ª», por proc. a D. Maria do Ó, prima da menina; *D. Maria Engrácia* Amaral e Melo, a 16-4-1800, afilhada de seu tio João Luís da Silva Souto, Cap. da Cav.ª no Reg.º de Almeida, e de D. Joana Perpétua Sanches de Gusmão, m.er de Francisco José de Faria Guia, com proc. a Joaquim Jerónimo de Faria Souto, tio da bap.; *D. Maria Isabel*, a 5-12-1801, afilhada de N. Sr.ª da Madre de Deus e do cónego Paulo de Mello Pereira de Sampayo, seu tio; *D. Maria Antónia*, no dia da morte de sua mãe, bap. a 29, os pad.ºs foram a mesma N. Sr.ª e António José Ribeiro de Faria por proc. a Aires de Freitas (Olv.ª N.º 11). As 2 últimas † antes de 1813.

(407) «Declarar, am. de Bens unidos a vinculo que faz J.º de Freitas do Amaral Fidalgo da Casa Real desta Vila, a 28-7-1803, na sua casa do Terreiro das Freiras. 1.º de notas do Tab. João Mendes Ribeiro (11-1-83), Arq. Mun. A. Pimenta.

o capitão João Luís da Silva Souto e Freitas, aflito também com o inventário de seus pais, dedica-se à descrição minuciosa dos móveis, lustres, terras, lenços de cambraia, placas de vidro cristal, joias, peças de linho, etc., pertencas de sua mulher ⁽⁴⁰⁸⁾.

Na capela de S. Braz o ruído das teclas, das cordas, dos foles. Experimentam-se os registos: Pediu Luís António de Carvalho, a 17.9.1805, licença a José de Freitas do Amaral ⁽⁴⁰⁹⁾ para nela montar o grande órgão da igreja da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Não tardam, na gótica capela, os sons da afinação, em baixos e altos. E nasce a música, apertada pelas suas paredes, pronta a voar pelo claustro, a ecoar com magestade na Colegiada de Guimarães. Dela ouvimos apenas os sons mais cavos, mais fundos, mais lúgubres. Aproximam-se horas de dor. Não as notamos nas vereações camarárias a que assiste como vereador José de Freitas do Amaral nomeado a 22.2.1806. Estampa-se em uma lâmina de chumbo um cunho de metal-prata com as armas do Senado, pendente de um nastro ao pescoço de todos, dos muitos expostos, na indiferença do horror, da tragédia dos meninos que ninguém quer, da inocência das mãozinhas a pedirem carinho, do roxo dos seus corpitos maltratados. Numeram-se as casas nas ruas da vila. Elegem a ama da Roda. Divide-se sabiamente a vila por bairros. cada um com um juiz e seus homens, a rondarem «atendendo às várias desordens». Incrementa-se a sementeira da batata, obrigando ao seu cultivo, para espalhar o consumo. Mas já há guerra. Em Guimarães, a 23.1.1808, ainda pelo «Príncipe Regente Nosso Senhor» é eleita a nova vereação ⁽⁴¹⁰⁾. Depois...

Desde 30.1.1808 «por Sua Magestade Imperador dos Francezes, Rei de Itália e Protector da Confederação do Reno», delibera o Senado de Guimarães. Nunca a assinatura do Senhor de Sezim assina essas

(408) Inventário por óbito de D. Antónia Genoveva da Silva Souto e Freitas, Arq. Part. da Casa de Sezim.

(409) L.º da Casa em Geral, Arq. Part. da Casa de Sezim. João Lopes de Faria dá notícia de Luís António de Carvalho e suas obras: órgãos em Santa Cruz de Coimbra, Universidade, órgão pequeno da Colegiada, princípio do grande, etc. «Fez também o órgão da Capela dos 3.ºs Franciscanos; o órgão da Colegiada foi só acabado depois da sua morte» João Lopes de Faria — «Velharias Vimaranenses», Agosto, 1839, in *Gil Vicente*, XV vol., N.ºs 7-8. Albano Bellino — *Archeologia Cristã*, p. 99 transcreve a inscrição no órgão onde se diz ter sido feito por Luís Ant.º de Carvalho no ano de 1838. V. também Alberto Vieira Braga — «*Curiosidades de Guimarães XI* — Os votos de Santiago Artes e Artistas», p. 44 e A. L. de Carvalho — «*Os Mesteres de Guimarães*», Vol. V, p. 85.

(410) L.º 36 das Vereações da Câmara (5-2-96), Arq. Mun. A. Pimenta, Vereações de 5-12-1804 a 14-1-1809.

tristes actas ⁽⁴¹¹⁾. Aguardamos com espanto ao ver tanta miséria, mas também tantos actos heróicos, até ao acender, ao crepitar da Alma de Portugal, quase morta.

«18.6.1808 pelas seis horas da tarde nesta vila de Guimarães tendo-se espalhado algumas proclamações espanholas e sendo constante que a província de Traz-os-Montes se achava em Armas... de Fidelidade de todo o Povo desta villa a suas visinhanças de todas as... clero Nobreza e Povo por hua aclamação voluntária uniforme e geral aclamou o feliz governo de Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor Dom João Sexto de Bragança...» ⁽⁴¹²⁾. Sucedem-se as procissões, os sermões patrióticos, os vivas, as lágrimas de alegria. Tudo se levanta ⁽⁴¹³⁾. Pedem-se armas ⁽⁴¹⁴⁾. Partem todos, com paus, com

⁽⁴¹¹⁾ O Procurador e vereadores que assinam as actas dessa triste época, têm (menos um, que em princípios de Junho é substituído por «impedimento») papel de relevo na aclamação do Príncipe Regente, continuando nos seus postos, Sem um conhecimento mais profundo das circunstâncias não posso dar qualquer juízo sobre estes factos.

⁽⁴¹²⁾ Na continuação deste documento oferecem o sacrificio de suas vidas e convocam todas as autoridades militares de Milícias e Ordenanças para armarem os seus corpos. Não está assinado. Dois dias depois em nova vereação assinada pelo Dez.or Proc.or Manuel Marinho Falcão de Castro, o Corr.or António Manuel Borges da Silva, o Juiz de Fora D.or José Freire de Andrade, os vereadores Leandro de Sá Soutomayor Araújo de Ayalla, Francisco Pinto de Carvalho Bezerra, Lourenço Machado de Miranda e Gusmão, o Proc.or António de Sousa Silva Guimarães, Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda General, António Cardoso de Menezes Ataíde Azevedo de Sousa e Barreto, Capitão-Mor, resolvem proceder em tudo em nome do Príncipe Regente, estabelecem os meios de defesa e recorrem ao Arcebispo Primaz para enviar as Pastorais necessárias para os Párcos todos incitarem «os seus fregueses para inflamarlos no Amor do Príncipe e da Pátria e na defeza da Religião». L.º mencionado na nota 410.

⁽⁴¹³⁾ V. Manuel Mendes — *«Guimarães e a Aclamação de D. João VI; o meu Velhas Casas (VIII) Casa do Cano ou do Salvador, e Brigadeiro Carlos de Azeredo, — As populações a Norte do Douro e os Franceses em 1808 e 1809.*

⁽⁴¹⁴⁾ A 14-7 de 1808 o Juiz de Fora, Presidente, Procurador e Vereadores (nota 412) escrevem em acta que tendo dirigido à Junta do Governo Supremo da Cidade do Porto um requerimento assinado pela Câmara, clero, nobreza e povo a pedir a sua Alteza peças de artilharia com seus artilheiros «não só para defeza da vila mas para se fazer mais respeitada, fazendo-se digna das reais comtemplações, não só por ser o berço dos nossos primeiros Reis, mas por se ter distinguido nesta ocasião, em que a tirania do Governo Francez opremia o Reino Todo, sendo a primeira terra desta Provincia que por votos unanimes de todos os cidadãos e de todos os Estados aclamasse no dia dezoito de Junho às seis horas da tarde com o maior entusiasmo e patriotismo o Nome Augusto do Nosso Amado Príncipe Regente e Senhor; e declarando eterno odio ao intruzo Governo do tirano Usurpador do Univerço» mandara ao Porto o Abade Reservatório de Vizela, Rev.do Rodrigo Vieira

chuços, com pedras, no encaço de Loison, na gloriosa perseguição ao inimigo. Constam também os Freitas, os de Sezim, na honrosa lista das famílias vimaranenses, a destacarem-se neste feliz sucesso ⁽⁴¹⁵⁾.

«Por estarem bem informados da capacidade de uns e incapacidade de outros», nomeiam os vereadores, entre eles José de Freitas do Amaral, a 21.1.1809, as «pessoas capazes ou incapazes para o Real Serviço ocupados nas Ordenansas». De Fevereiro a Março zumbem as balas, armam-se emboscadas. Combate-se em cada vereda, defende-se o chão com a morte. São as forças de Soult, a cavalaria de La Houssaye, as divisões de Mermet, o galopar dos homens de Franceschi. É o violar dos sacrários, a pilhagem. Entre os brados, a guerra, o fumo, é difícil ver aonde estão o Senhor de Sezim e seus filhos pequenos. A 27.5. «atendendo a estarmos já restaurados dos inimigos Francezes e se não terem feito as funções desta Camara e se achar próximo o dia do Corpo de Deus», apesar de estarem sem rendimentos e empenhados «por causa das actuais circunstâncias» determinam fazer as festas com a «reverencia e pompa do costume». Até 8.5.1811, solene Te Deum na Colegiada «pela evacuação do Inimigo comum destes Reinos», a letra de José Freitas do Amaral vai aparecendo nas actas da Câmara onde comparece ⁽⁴¹⁶⁾.

«Doente de cama com moléstia mas com perfeito juízo», no Terreiro das Freiras, José de Freitas do Amaral, e suas sobrinhas as «Preclarissimas» Dona Ana Maria Leonor de Freitas Mello e Menezes Castro e sua mana Dona Maria do Ó de Freitas Mello e Menezes ⁽⁴¹⁷⁾,

Borges de Campos, que voluntariamente partiu. Demorou-se 12 dias à sua própria custa, voltou com as seg.tes armas: Peças de calibre de três. 2 — Reparo de Jogo dianteiro; 1 — D.º de Golope. 1 — Topes com coleiras. 2 — Pranchadas de chumbo. 2 — Soquetes com Lanadas. 2 — Cachorra com Sacatrapo. 1 — Cabos de botafogo. 2 — Serpentinhas. 4 — Bolças para cartuxos. 2 — Tirantes com cassonetes. 4 — Caixas de lata com 95 espoietas cada uma. 2 — Diamantes. 4 — Dedeiras. 2 — Cartuxos vários para calibre três. 100 — Vellas de Mixtos. 10 — Tranças de Morrão. 10 — hum molho de Morrão. 1 — barris de pólvora fina. 2 — copos para os ditos. 2 — Lumes de canteira. 2 — Conhetes de bala fina e taco de calibre três com secenta e quatro. 2 — conhete de alanterneta 32 do m.mo calibre. 1 — hum conhete de balas de espingarda Portuguesa com quatro arrobas de bola — hum ditto da dita clavina com o mesmo peso —».

⁽⁴¹⁵⁾ Manuel Mendes, estudo citado na nota 413.

⁽⁴¹⁶⁾ L.º de Vedoria da Câmara, Jan. de 1809 a 1812 (4-3-33), Arq. Mun. A. Pimenta. Para os acontecimentos desse período ver nota 413.

⁽⁴¹⁷⁾ Ambas solt.ªs. Na ocasião já eram nascidos os 3 f.ºs de D. Ana M.ª Leonor: D. Maria Emília (reconhecida por seu pai José Maria Rangel de Quadros, Cap. do Reg.º de Cav.ª de Bragança, a 7-8-1801 «por reccar morrer nesta campanha e já terem principiado os rebaste», tendo a menina 1 ano. L.º de notas do Tab. Nico-

de quem foi tutor, fazem contas a 12.4.1813 ⁽⁴¹⁸⁾. A 2.5, leva-o a morte ⁽⁴¹⁹⁾. Entre as muitas sepulturas de sua Casa ⁽⁴²⁰⁾, escolheu a da capela de S. Braz; os filhos, entrega-os na «manda» aos tios maternos, irmãos de sua mulher, o Tenente Coronel João Luís da Silva Souto e Freitas e Domingos Pedro da Silva Souto e Freitas, os fidalgos da Fábrica ⁽⁴²¹⁾. Por isso é que aparecem, a 13.8.1813 «nas casas em que morou o Preclarissimo José de Freitas do Amaral», o dr. Inácio Ferreira Alvares Costa, advogado e procurador de Manuel de Freitas do Amaral e de suas irmãs, Dona Maria Rita, Dona Ana Margarida, Dona Maria Engrácia, e também o seu tutor o «preclarissimo João Luís da Silva Souto e Freitas» a falarem sobre os seus prazos e vínculos ⁽⁴²²⁾.

A julgar pelo seu bonito roupão de seda, ainda hoje existente em Sezim, foi alto, muito alto e magro Manuel de Freitas do Amaral, o novo senhor da Casa. Tinha olhos esverdeados, sonhadores e um

lau Teixeira de Abreu (10-4-63), Arq. Mun. A. Pimenta), D. Maria Antónia e Diogo António, legitimados e perfilhados por sua mãe «havidos pro fragilidade humana com pessoa de qualidade» (João Manuel de Paços de Probem de Barbosa, sr. da Casa de Caneiros). L.º de notas do Tab. Nicolau António Pereira, a 2-4-1813 (14-3-45), Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁴¹⁸⁾ «Paga recíproca que dão o Ill.mo José de Freitas do Amaral a D. Ana Maria Leonor de Freitas Mello e Menezes Castro e sua Irmã D. Maria do Ó de Freitas Mello e Menezes desta v.ª a huns aos outros», a 1-4-1813, Tab. Nicolau António Pereira (14-3-45), Arq. Mun. A. Pimenta. O sobrinho Aires de Freitas já tinha †.

⁽⁴¹⁹⁾ Ob. 5 Oliv.ª, foi sep. na cp.ª de S. Braz, fez test.º que se encontra em Sezim.

⁽⁴²⁰⁾ Apesar dos Srs. de Sezim terem sido sempre enterrados na capela de S. Braz, tinham além desta e das encostadas à capela do Santíssimo Sacramento no mesmo claustro, mais sepulturas, como se prova por este doc.: «Fr. Bento da Luz Pregador e up.º e Guardião do Conv.º de S. Fr. c.º — no cruzeiro della tem o Sr. José de Freitas do Amaral três sepulturas — Uma de Manuel de Freitas do Amaral junto ao Nicho de S. Gualter — outra com Letreiro de Manuel de Freitas do Amaral junto à capela do Descimento e outra na entrada do Arco Cruzeiro com huma figura de mulher esculpida na mesma campa. Numera-as: n.º 2, n.º 12 e n.º 13 estas 2 juntas huma da outra na boca da Capella Mor e aquella do lado direito do Nicho do N.P.S. Fr.co». Está datado de 22-4-1775. L.º dos Vários títulos, Tomo 9, Arq. Part. de Sezim. Aos nossos dias a única sepultura «com figura de mulher esculpida na tampa» do Conv.º de S. Francisco, só chegou a (atribuída por vários autores) da Duquesa de Bragança, 2.ª .mer do 1.º Duque, em exposição no museu Alberto Sampaio.

⁽⁴²¹⁾ V. nota 401.

⁽⁴²²⁾ «Contrato dos filhos q ficarão do Preclarissimo José de Freitas do Amaral», a 13-8-1813. L.º de notas do Tab. Nicolau António Pereira (14-3-45), Arq. Mun. A. Pimenta. Eram só 4: Manuel, D. Maria Rita, D. Ana Margarida e D. Maria Engrácia; as outras 2 morreram em vida do pai.

nada repuxados, as mãos finas, delicadas. E um ar romântico, triste, no seu fato negro, camisa de folhos. E então? Então vamos tirá-lo do quadro duma das salas e fazê-lo andar, mexer-se pelas salas, pelos quartos, nesse quarto bonito, antiga capela, na maravilhosa cama que foi sua, armoriada de Freitas e Amaral⁽⁴²³⁾, único varão da Casa. É madrugada, abre a janela. Ouvem-se estrondos no monte, vozes pela noite afora. A mando do Reverendo Abade de Candoso e de António Cardoso de Meneses Ataíde e Vasconcelos⁽⁴²⁴⁾ irrompe uma assoada: homens armados, frente a Sezim, em grande tropel. Que foi? Quem é? Vêm, à força das armas, minar de noite; são questões de águas, envoltas em paixões e cobiças. Intenta Manuel de Freitas uma acção contra os muitos réus; segue o processo. Compõem-se todos, dois anos depois⁽⁴²⁵⁾. Estamos em 1823. Em 1820 Guimarães jurara Fidelidade à Junta Provisional do Reino; agora dá-se a «Vila Francada».

Aclama-se na vila com júbilo, «o *Governo Monarquico Absoluto na forma que era antes das instituições constitucionais, correndo a tropa juntamente com as Authoridades e todo o mais Povo pellas ruas e lugares mais publicos desta Villa em continuos e Altos vivas a El-Rey Absoluto, à Rainha, ao Serenissimo Infante Dom Miguel, ao Principe, à Santa Religião e a todos os fieis e honrrados portugueses...*»⁽⁴²⁶⁾.

É o delírio pelas ruas da vila, a arder, festiva à luz das lumina-
nárias, ao som das exortações dos padres e foguetes a anunciar os triunfos do realismo. Entre as girândolas, os repiques:

(423) É uma cama magestosa e linda ainda hoje existente em Sezim, no que foi seu quarto. De pau preto, docel e «tremidos», estilo indo-português. A sua fotografia, vem em Alfredo Guimarães — *Mobiliário Artístico Português*, vol. II, fig. 32 e muito mais recentemente na revista *Le Figaro*, n.º 186, 8-14 de Jul. de 1983 onde vêm excelentes fotografias sobre a Casa. O n.º 64 da *Casa & Decoração* traz também uma bela reprodução da fotografia.

(424) Refiro-me ao Coronel Lameiras no meu *Velhas Casas (III). Quinta da Boa Vista de Gaia*, no período em que foi capitão das Milícias de Guimarães durante a Guerra Civil.

(425) «Sentença de vários reos que forão no crime de assoada de quererem minar de noute à força das armas a quinta de Sezim, obtida por Manuel de Freitas do Amaral»; é um grosso processo principiado em 1821. Termina em 1823 por uma composição. Arq. Part. de Sezim.

(426) Trecho do «Auto da Aclamação de El Rey Absoluto feito a 5-6-1823»; L.º das Vereações da Câmara (1822-25), Arq. Mun. A. Pimenta (4-3-145). João de Meyra, publicou no *Independente*, a série de Autos e juramentos feitos na Câmara de Guimarães de 1820 a 1842. Este é o n.º II.

«...dá-se testemunho publico da firme e inabalavel azeção a Sua Magestade o Serenissimo Senhor Dom João Sexto e a toda a Dinastia Reinante e patentiar ao mesmo tempo a todos os verdadeiros Portuguezes eterna exzeção odio e Rancor, que sempre tiverão a esse governo intruzo e a seus Representantes debaixo do veo d'humta proclamada iverdade emcobrião o áspide venenozo para destruirer o Throno e o Altar fascinando os povos incautos afim de lhe extorquirem poderes...» (427).

Com mais repiques, mais alegria, cumpre-se a determinação Régia.

«El Rey Nosso Senhor he servido que essa Camara faça aspar nos Livros dos seus Arquivos todos os Registos ou documentos que obrigavão os officiais da mesma Camara a prometer e Jurar obediência às Instituições Politicas, opresivas, ilegais, fazendo reduzir a cinzas os originaes donde forão extrahidos taes transcritos...» (428).

A 6.9, na Praça da Senhora da Oliveira, alegremente, festivamente, queima-se o livro onde se jurara a Constituição. Por todo Portugal já ardem as chamas da discórdia em reencontros e escaramuças. Em Março de 1826 morre El-Rei D. João VI.

«...Chorai nobres, chorai povo, que he morto o Fidelissimo Imperador e Rey Senhor D. João Sexto, que tantos annos nos governou com amor, administrando-nos justiça, aqui dão fim Suas Armas, e tirando-lhe o , se chegou ao pontaete, e batendo com ellas as quebrou, pegando o Guarda nos pedaços com hum veo preto que recolheo a hua bolça de veludo que para isso se havia prontificado, e tomando o dito Vereador o seu Chapeo, o poz na cabeça, se desceu, tendo dous creados de farda pronto hum cavallo todo inlutado de baeta preta que arrastava pelo chão...» (429).

Quebram-se os escudos pela morte dum grande Rei, que queria reunir numa só Coroa o Brasil e Portugal, a Pátria do seu coração. Em Julho chega a notícia da Carta Constitucional.

«A Carta Constitucional despertou regozijos ficticios enganadores, jubilos officiais e de obrigação... o povo idolatrava D. Miguel e os proprios liberaes de 20 perdidas as antigas ilusões não se atreviam a

(427) Trecho do «auto de reclamação», de 31-8-1823; mesmo L.^o da nota ant. É o n.^o III na série do *Independente*.

(428) «Auto na forma abaixo», de 6-9-1823. Aviso Régio transcrito nesse auto, datado de 21-8-1823, onde se ordena que seja queimado o livro onde se jurara a Constituição; mesmo L.^o da nota ant.^o.

(429) Tirado da curiosa e completa descrição da cerimónia da quebra dos escudos na vila de G. es por morte d'El-Rei D. João VI, a 11-4-1826. L.^o das vereações da Câmara, Arq. Mun. A. Pimenta (6-2-2).

ambicionar mais que um absolutismo moderado... em Guimarães a Carta foi jurada e festejada as festas do juramento foram rijas. No Toural um templo em cujo limiar aparecia a figura da Constituição — uma Santa Rosa de Viterbo arrancada à Igreja de S. Francisco e convenientemente vestida — erguia se no centro do campo, iluminado por milhares de luzes e com um escadório armado onde se sentavam 4 anjos cantando o Hino Constitucional. Sobre o antigo Chafariz» (agora no Largo do Carmo) «pompeava a figura da Fama — um S. Luís Rei dos Franceses, também de S. Francisco — tocando a imprescindível trombeta e tendo na frente um papel a dizer: Constituição...» (430).

No próprio dia do juramento da Carta, é D. Miguel aclamado em Vila Viçosa. Nos meses a seguir por ele se levantam: Almeida, Vila Real, o Algarve, Vila Pouca de Aguiar. Retomam os realistas Tras-os-Montes, um pedaço da Beira, o Minho. Reagem os constitucionais: batem-se, já ajudados por forças estrangeiras, com as tropas de D. Miguel.

«30.1.1827: «O Visconde de Azenha, Martinho Correia, seu filho Bernardo Correia, o barão de Vila Pouca e seu irmão, alguns oficiais militares e 40 a 50 soldados de cavalaria, pertencentes à divisão do Marquês de Chaves entram aqui, juntando-se lhe bastante povo, dando vivas ao sr. D. Miguel como rei de Portugal, à Rainha D. Carlota Joaquina e morras à Constituição. A noite há luminárias, foguetes e repiques» (431).

A 31 a Câmara aclama o «nosso legítimo e unico soberano o Senhor D. Miguel I, Rei de Portugal» (432). Mas já entram as divisões do Marquês de Angeja, do Conde de Vila Flor. Refugiam-se os realistas.

(430) João de Meyra — *A Carta Constitucional*, in *Independente*, 2.º Ano, n.º 87, 25-7-1903. *O Auto do Juramento da Carta é feito a 31-7-1826: é o n.º IV da série. Está no 1.º das vereações atraz citado. Foram depois benzidas e restituídas ao culto a 2-3-1829, seguindo-se um Te-Deum, foguetório e muita assistência. Velharias.*

(431) João Lopes de Faria — *Velharias Vimaranenses*, Documentos e Efemérides, 1827, 30 de Janeiro, in *Gil Vicente*, 3.º vol., n.ºs 1-2, 1927. Nas *Velharias* encontram-se registados muitos dos acontecimentos aqui referidos.

(432) «Auto de Acclamação de D. Miguel que devia encontrar-se no livro de vereações da Câmara, que teve começo em 30 de Julho de 1825 e fim em 29 de Julho de 1829, e que d'elle desapareceu por corte das respectivas folhas». Encontra-se no *Documentos para a história das Cortes Gerais*, impresso, certamente, segundo a cópia que foi para Lisboa». (V. nota 426). Este é o n.º V e foi feito a 31-1-1827.

«...que tendo agora felizmente chegado no dia de hontem dous de fevereiro corrente, a esta sempre fiel e leal villa de Guimarães as tropas restauradoras, comandadas pelo Excelentissimo marquês de Angeja, General em Chefe, a mesma Camara, apresentando se-lhe com a maior satisfação e regozijo, por ser livre da opressão inimiga da legitimidade... resolve como era seu dever ...ser sempre esta Camara fiel e leal ao Governo legitimo e estabelecido pelo Senhor Rei Dom Pedro IV, e de fazer reviver a sua legitimidade e Dinastia quando as circunstancias o permitissem...» (433).

São presos muitos realistas. Escoltada pela tropa de linha do n.º 15 e pelo tenente de milícias da vila, a ferros, da Cadeia para a Relação do Porto, toda a Câmara que assinara por D. Miguel, a mesma que a seguir «protestara contra este Aucto» (434). A protegê-lo das pedras, dos insultos (fáceis de atirar ao longo da História), uma medalha a redimi-los: a de Ouro com a Real Efigie de El Rei D. Miguel a agraciá-los mais tarde (435). Lugar Tenente e Regente do Reino por seu irmão, D. Pedro IV é desde julho o Infante D. Miguel.

— «Viva El-Rei D. Pedro IV»!

— «Viva El-Rei D. Miguel»!

Aos vivas, aos morras, à cacetada, a ânsia do povo a ferver. Fáiscam aqui e ali as «Archotadas», sem clarão para iluminarem a sua causa. Sobem com força o querer de Portugal de sempre. A 29.4.1828 corre Guimarães «espontaneamente a aclamar Dom Miguel Primeiro Rey de Portugal Absoluto» (436). Antecipam-na, seguem-na muitas

(433) Transcrição do protesto feito em sessão da Câmara de 3-2-1827 contra a aclamação de D. Miguel na ante véspera, V. *Velharias Vimarenses*, in *Gil Vicente*, 3.º vol., n.ºs 3-4, 1927.

(434) Efemérides de 30-3-1827 (prisão) nas *Velharias*; a ida para o Porto foi a 1-4. Constatou a todos serem presos por terem aclamado o Senhor Infante D. Miguel a 31-1; apesar da Câmara «de que alguns dos presos eram membros», ter protestado a 3-2- contra este acto. in *Gil Vicente*, 3.º vol., n.ºs 3-4, 1927.

(435) Estes presos, mesmo os que por serem da Câmara tinham assinado o protesto referido na nota ant., foram depois agraciados com a Medalha de Ouro com a Real Efigie d'El Rei D. Miguel.

(436) «Auto de Aclamação de D. Miguel desaparecido do respectivo livro das vereações da Câmara. Encontra-se cópia na devassa levantada aos empregados da justiça e fazenda que o assinaram», é o n.º VI da série do *Independente*, foi feito a 29-4-1828.

mais cidades e vilas: Aveiro, Coimbra, Faro... A 3 de Maio, Lisboa convoca as Côrtes dos Três Estados, à antiga usança.

Anos atrás ficou em Sezim Manuel de Freitas do Amaral, janela aberta, ouvido atento à assuada, pronto a embrenhar-se nos pleitos na defeza de suas terras. Onde esteve durante este tempo? No sossego de Sezim? Imigrou, como muitos? Combateu? Hoje, 17.5.1728, sobe os altos degraus da Casa da Câmara da Praça da Senhora da Oliveira. Processa-se a eleição dos dois procuradores às Cortes. Com um só voto (⁴³⁷) fica o Senhor de Sezim; longe, muito longe de levar a voz de Guimarães às Cortes Tradicionais de Portugal. Reina por fim, pela graça de Deus, El-Rei D. Miguel I (⁴³⁸). E se não fosse a sinistra e triste Alçada, o drama das cadeias e dos obrigados a partir, os mortos caídos em ambos os campos, era só repicar os sinos e deixar a alegria encher a terra. Vem mesmo a calhar uma grande boda, um casamento.

«Eu El Rey Faço saber aos quantos este Alvará virem que Representando-me João de Melo Pereira de Sampaio Moço Fidalgo com exercicio na Minha Real Casa ter ajustado o seu casamento com Dona Anna Margarida de Freitas e Mello e que para se effectuar o dito consorcio necessitar a de expressa Licença e Approvação Minha na forma da Ley; ao que Tendo consideração Hei por bem e Me Pras conceder faculdade para que se possa celebrar e effectuar o referido casamento na forma que se acha ajustado, e contratado, e que Sou servido approvar por este Alvará somente o qual valerá sem passar pela Chancelaria não obstante qualquer Ley ou Despozições em contrario. Dado no Palácio de Queluz em vinte e quatro de Dezembro de mil oitocentos e trinta — Rey» (⁴³⁹).

(⁴³⁷) Sessão extraordinária da Câmara, a 17-5-1828, para eleger os 2 procuradores às Cortes. Foram votados: Gaspar Leite de Azevedo e Araújo:44 votos; José Maria de Sousa da Silveira, 39; Nicolau de Arrochela Vieira Malheiro, 2; Vicente Machado de Melo Pinheiro, 2; Manuel de Freitas do Amaral, 1; e António Joaquim da Cunha. L.^o das vereações da Câmara, *Velharias* in *Gil Vicente*, 4.^o vol., n.^{oos} 7-8, e o meu *Velhas Casas* (VIII), in *Casa do Cano ou Salvador*.

(⁴³⁸) A 1-6-1828, oficiais de diversos regimentos entrados em Guimarães aclamam como Rei «Sua Magestade Fidelíssima o Senhor Dom Pedro IV reconhecido e jurado como legitimo Rey destes Reynos». A 16-6- do mesmo ano «por constar que na mesma Camara se tinha selebrado hum Auto de Reclamação de Alguns Revoltosos Agentes da facção do Porto, em opozição a outro de aclamação de Sua Alteza Real o Senhor Dom Miguel espontaneamente feito pelos fieis e liais avivantes desta vila», rectifica-se de novo a aclamação do Senhor Dom Miguel. O 1.^o está no L.^o das Vereações de 1834-36 (4-2-73) e o 2.^o no L.^o das Vereações de 25-29 (6-2-2), Arq. Mun. A. Pimenta. São o VII e o VIII na série pub. por João de Meyra.

(⁴³⁹) Está registado a fis. 180 do Livro 12 das cartas, alvará e patentes e transcrito na escritura do dote do casamento.

Nos preparativos do casamento da mana, Dona Ana Margarida, a 5.2.1831, voltamos a encontrar Manuel de Freitas do Amaral. Trata do dote. Leva ela as «legítimas de seus Pais e Avós e delas faz pura e irrevogável doação a seu futuro marido», desistindo de qualquer herança, no caso de enviudar. Guarda ele, seu noivo e primo, João de Mello Pereira de Sampayo, Senhor das Casas de Pombeiro e Sabadão, Moço-Fidalgo com exercício, Cavaleiro de Cristo, despachado Corregedor para Valença⁽⁴⁴⁰⁾ «os seus bens vinculados, de prazo, livres, moveis, semi-moventes, direitos e acções»...⁽⁴⁴¹⁾. Dois dias depois, recebe-os na capela de Sezim, a velha, o cônego Francisco Lobo, como marido e mulher. Paulo de Castro, abade de Cerva, Damião Pereira da Silva de Souza e Menezes, Juiz de Fora, o tio e tutor João Luiz da Silva Souto e Freitas, e o Rev.do José Maria «da Pindella», testemunhas da cerimónia⁽⁴⁴²⁾, vêm do alto de Sezim, os noivos a írem-se na curva do caminho, os únicos a continuar a Casa.

Dona Maria Engrácia, a irmã mais nova, está no Mosteiro de Santa Clara, «dentro da clausura donde se conserva». A 21.5.1832, ouve se, distintamente, entre as grades a sua voz⁽⁴⁴³⁾: — «Conhecendo a dificuldade de se poder ultimar a Liquidação da herança de seus avós os Ilustríssimos Domingos Luís da Silva Souto e Freitas e Dona Ana Margarida da Natividade e a se não ter por essa razão procedido às respectivas partilhas havendo ainda muitas contas comerciais a liquidar tanto no Reino como fora dele e ser ainda moroza e incerta a cobrança de muitas dívidas que ao mesmo casal se devem e a maior parte dellas mal paradas», ajusta com seu tio e tutor, renunciando a todos os seus direitos, dele receber 9.6000\$000. Para o mesmo

(440) Foi despachado por carta régia de 2-12-1830. Tomou posse a 22-6-1831. João Lopes de Faria — *Velharias Vimaranenses*, in *Gil Vicente*, VII vol., n.ºs 5 e 6.

(441) «Dotes para cazamt.º do Ill.mº João de Melo Per.ª de Samp.º Moço Fidalgo com exercicio no Paço Cavalr.º Proff.º na Ordem de Christo com a Exm.ª D. Ana Margarida de Freitas do Amaral e Mello, naturaes desta v.ª», a 5-2-1831, L.º de notas do Tab. Nicolau Teixeira de Abreu (10-4-55), Arq. Mun. A. Pimenta. Trataram do dote em casa do noivo, na rua de Santa Maria; o irmão da noiva «rezi-dente em Sezim», também esteve presente.

(442) L.º de Casamentos da freg.ª de St.ª Eulália de Nespereira (1762-1899). Conservatória do Registo Civil de Guimarães.

(443) «Proc.am da Ex.ma D. Maria Engracia Amaral e Melo desta v.ª». L.º do Tab. Nicolau Teixeira de Abreu (10-4-58), Arq. Mun. A. Pimenta. A 25-6-, sua outra irmã, D. Maria Rita, passa, na Rua de St.ª Maria, uma procuração para o mesmo fim; ambas renunciaram no tio todos os direitos que tinham nestes bens, uma vez que cada uma tivessem recebido os 9 600\$000. Mesmo L.º.

fim juntam-se a 13.6 todos os irmãos no Terreiro das Freiras. Dona Ana Margarida e seu marido, Dona Maria Rita e Dona Maria Engrácia, «que se conservam no 1.º estado», Manuel de Freitas do Amaral, também solteiro⁽⁴⁴⁴⁾. Olhem. Está fardado. Tenente Coronel das Milícias de Braga, a farda do Senhor de Sezim, leva-nos não a contar, pois os dados são escassos, mas sim a tentar seguir nas vitórias e revezes, os passos do seu regimento. Debaixo do Comando Supremo de El-Rei Dom Miguel, havia em Julho de 1831 um exército de 83.000 homens⁽⁴⁴⁵⁾.

A 4.ª Divisão, a maior, comandada pelo Marechal de Campo, Visconde de Santa Marta, está de atalaia, entre o Rio Minho e o Mondego.. À frente da sua 3.ª Brigada o Coronel de Infantaria de Valença, José Cardoso de Carvalho Fonseca e Vasconcelos⁽⁴⁴⁶⁾, comanda: o seu regimento, os batalhões dos Voluntários Realistas de Guimarães e Viana e as Milícias de Braga e Basto. A 7.7.1832, o brigadeiro Cardoso, acampado em Vila do Conde com 70 homens da Cavalaria de Chaves e os Milicianos de Braga, avisa Santa Marta do aproximar das forças de Dom Pedro. Cumpre ordens; à beira-mar fica. Do barcos, na Praia dos Ladrões, saltam, tomam terra os soldados da Terceira, ávidos de espalharem os seus ideais, entusiasmados por Dom Pedro IV,

(444) «Pro.cr.am da Ex.ma D. Anna Margarida de Freitas do Amaral e Mello com seu marido o Ill.mo João de Melo Per.º Samp.º e de seus Irmãos e Cunhados m.ores nesta v.ª», a 13-6-1831, L.º de notas do Tab. Nicolau Teixeira de Abreu (10-4-58), Arq. Mun. A. Pimenta. Manuel de Freitas, «Tenente Coronel do Regimento das Milícias de Braga», tem a receber do tio «por ter a Terça da meação de seu pai», 17 600\$333. Cada uma das irmãs receberá a quantia indicada na nota anterior e o tio segura estes pagamentos «por escritura com hipoteca e lhes fazer pagamento dentro do prazo de 2 anos, vencendo desde já o juro de 4%, vencendo porem o da Ley findo o prazo de 2 anos se até lá não se verificar o pagamento».

(445) A fonte consultada para este período de guerra foi Satúrio Pires — *Os caçadores no exército de dom Miguel*, Porto, Comp. Port. Editora, 1918, 2 vols. Também vi Pinho Leal — *Portugal Antigo e Moderno*, VII vol., Porto. V. Luz Soriano — *História do Cerco do Porto e História de Portugal*, ed. monumental, dir. por Damião Peres, etc.

(446) 1.º livro citado na nota anterior. Aí na «Relação da força do corpo do Exercito de operação sobre Lisboa em referência ao dia 5-10-1833» diz que o Regimento de Milícias de Braga faz parte da 2.ª Brigada comandada pelo Brigadeiro José Cardoso de Carvalho. Juntamente com as Milicias de Thomar têm: 1 Coronel, 2 Tenentes-Coroneis, 2 Ajudantes, 1 Quartel-Mestre, 2 Sargentos Ajudantes, 1 Sargento quartel-mestre, 1 Cirurgião-Mor, 1 Tambor, 5 Capitães, 4 Tenentes, 3 Alferes, 9 Sargentos, 2 Furrieis, 11 Cabos, 182 prontos, 29 destacados, 91 doentes, 23 serventes na artilharia, 2 presos, 9 extraviados nas acções, 7 com licença da junta, (cabos anspeçadas e soldados) num total de 391 homens. Tinham também 30 cavalos prontos e 1 destacado em diligências.

a acompanhá-los. Vêm pôr no trono a Rainha Menina, joguete de potências estrangeiras, de tantas circunstâncias, atirada de Corte em Corte na inocência dos seus 7 anos. Das brancas e desertas areias, praias cheias de cordões de conchas e tufos de ervas batidas pelos ventos, vão pela terra adentro, terra que para muitos é também sua. Entram. Não há tiros, não há resistência. Baionetas enfeitadas de hidrângeas azuis, passam as companhias, os regimentos do «Exército Libertador», espantados do silêncio a envolver a sua marcha, nem um tiro dos contrários, nem um viva da população que julgavam ansiosa. Entram. Até Gaia, em retirada, vai Santa Marta. A 3.^a Brigada extenuada, por montes e vales só pára em Valongo.

A 20.7 junta-se às outras brigadas em Ponte Ferreira, as tropas da Rainha atacam-nas a 22, em Valongo. Na primeira linha: a 3.^a Brigada, três vezes batida, três vezes a avançar, num tirotear constante dentro dos pinhais e das casas. Morrem os homens, retiram os liberais. Santa Marta não ataca, defende-se. No combate de Ponte Ferreira a 3.^a Brigada da 4.^a Divisão entra em fogo. Não a vejo em Souto Redondo a 7 de Agosto.

Senhores do Porto, os liberais. Aproximam-se os miguelistas, tentam o Alto da Bandeira, tomam Gaia, são repelidos na Foz e na Serra do Pilar. Entram na cidade, combatem nas ruas, recuam. Nas trincheiras, só do seu lado, dois mil mortos. Estabelecem baterias, apertam o cerco, bombardeiam sem cessar. Não descansa a «vivíssima artilharia», a ribombar pelos montes.

Ali em frente, o Porto, a ganhar o seu título de Leal e Invicta Cidade. Bloqueada, asfiziada, cercada. Sem víveres, com peste, a comerem cães e gatos, não se rendem os seus habitantes animados pela presença de Dom Pedro IV. Mantêm-se valentes. As primeiras brechas. O Cerco do Porto com todo o seu heroísmo, o seu sofrimento vai terminar a 18.8.1833. Derrotadas em S. Mamede de Infesta, Avintes, Valongo, perdida no mar a guerra, Lisboa ocupada pelo Duque da Terceira, começara já para as forças de El-Rei Dom Miguel a marcha para o sul, a retirada.

Em Coimbra encontramos a 13.8 as Milícias de Braga com os mais regimentos e batalhões da sua Divisão comandada pelo Brigadeiro Cardoso. Na ordem de batalha na marcha sobre Lisboa fazem parte da 2.^a brigada da 4.^a Divisão «escalonada numa profundidade espantosa, doze dias de marcha nada menos entre a testa e a cauda». No ataque a Lisboa, investem pela quinta do Lourçal a 4.9, aquartelam-se em Palma de Baixo e de Cima. Têm dias de tréguas, dias de valentes refregas. Combatem nas azinhagas, nos descam-

pados, muros de quintas, um ou outro moinho a servir de escudo. A 10.10, a ofensiva liberal. Bombardeiam-se sem piedade ambas as frentes. Cardoso abandona a zona do Campo Grande, retira para a do Campo Pequeno. Entre o crepitar da fuzilaria, avança. El-Rei Dom Miguel, espada na mão, a entusiasmar. É quase um nascer de novo. De nada vale. Por Loures some-se o exército miguelista; ainda volta, contra-ataca, sem êxito! A 8.11. concentram-se em Santarém. Não há dinheiro, grassa o tifo, alguns desertam para casa, sustentam-se muitos à sua custa.

Por Baltar, Penafiel, pelos Carvalhos, algumas acções encarnicadas. Quase batidos, destroçados em Leiria e Torres Vedras, ainda arrancam com alma os miguelistas em Pernes, a 28.1.1834. Escrevem História. Tomam Aldeia Galega, Montijo, Almeirim. Depois, a 18.2., dá-se Almoester, onde deixam 300 mortos. No norte mais derrotas: Lixa, Amarante, tropas empurradas para Vila Real, Murça, Vila Flor. Também nas Beiras as posições recuam. Neste mapa aberto do Algarve ao Minho, é difícil, na confusão da luta, localizar as milícias de Braga. Estamos a chegar ao fim, tudo se concentra em Tomar. A 16 de Maio, o último combate, a última derrota. Asseisseira. Acabou a Guerra. A 26.5 El-Rei Dom Miguel e seu exército, vencidos, e, porque não dizer?, Portugal, ou pelo menos grande parte, depõem as armas em Évora-Monte.

A 30.5. embarca para sempre em Sines El-Rei Dom Miguel I. «...no dia trinta e um do corrente as Tropas reunidas em Évora largarão as armas no edifício do Seminário da Cidade, e dividir-se hão segunda a naturalidade das praças... Os Milicianos, Ordenanças e Voluntários de qualquer denominação que sejam, receberão imediatamente guias para os seus domicílios». Ganharam os liberais. «A todos os comandantes e a todas as autoridades que ainda reconheçam o governo do Senhor D. Miguel para imediatamente fazerem a sua submissão ao Governo de Sua Magestade Fidelíssima a Senhora Dona Maria II...»⁽⁴⁴⁷⁾. Tudo acabou. Cobertos de pó, de chagas, de bichos. Descalços, as fardas em farrapos, todo um calvário a atravessar os montes, caminho de casa a ouvir insultos. Perderam. «Aos 10 de Junho de 1834 e moradas do Doutor Provedor Delegado da Policia do Primeiro Distrito da Comarca de Guimarães Manoel de Freitas Costa ahi perante elle se apresentou Manoel de Freitas da Amaral, desta villa, vindo da villa de Campo Maior com guia obrigando-se por este a obedecer às autoridades constituídas cujo governo

(447) Id. Apenso, Convenção de Évora Monte.

reconhece legítimo apresentando no mesmo acto por seu abonador a João de Mello Pr^a São Paio o qual sendo presente se obrigou ao referido e assignarão heu Manoel António Teixeira Guimarães escrivão». Seguem-se as assinaturas ⁽⁴⁴⁸⁾.

Deve ter sido então o começo duma nova era para a Casa de Sezim: as obras a modificarem-na e a dar-lhe o aspecto actual. Como era a casa? Podemos imaginá-la dentro dos seus fortes muros, quase muralhas. E localizá-la, a primitiva, por um arco gótico, uma pedra nos seus baixos. Mas quem projectou, quem desenhou, na segunda metade do século XIX, o alçar do seu flamejante portão, a arrojar nobreza entre os campos e soutos? Quem riscou a fachada da nova capela, a equilibrá-la com outra construção igual a enquadrar o pátio? Seu senhor, Manuel de Freitas do Amaral? Sozinho? Talvez não. Porque não fazê-lo seguir um desenho, um alvitre, um risco de Augusto Roquemont ⁽⁴⁴⁹⁾, certamente seu amigo, a guardar com seus pincéis o Guimarães de então, a projectar, no dizer antigo, a fachada da Casa dos Minotes ⁽⁴⁵⁰⁾. Carpinteiros, pedreiros, caiadores, todos sem rasto, em grande movimento, sem um único recibo, uma única linha a lembrar seus nomes. E dentro, nas salas?

Paramos de escrever. Colar vistosos papéis berrantes, a gritarem de cor, chegados de França. Pintados, a lembrarem cenas exóticas, coloridas, de outros mundos. O Indostão, o Novo Mundo, as visões de D. Quixote, as grandes batalhas napoleónicas. Papéis pintados em França por Mongin, Deltil e outros artistas, nas oficinas de Zuber e também nas de Desfossé et Karth ⁽⁴⁵¹⁾. Estender noutra sala a tela a contar a história de José do Egipto, deixar as cores, os muitos tons garridos, desmaiarem aos poucos com os anos, tomarem nas paredes das salas de Sezim a beleza dada pelo tempo. Mandou-os colocar

⁽⁴⁴⁸⁾ «Livro que há-de servir para se inscreverem, as pessoas, que se apresentarão, nesta repartição da Polícia, por terem evacuado a villa na ocasião da entrada das Tropas fieis na m.m^a. Nelle se lavrarão os termos da sua representação e a assignarão com os abonadores, que devem dar e que tenham a confiança. Vai rubricado por mim. Manoel de Freitas Costa», Arq. Mun. A. Pimenta (20-4-38). Neste livro também estão as apresentações dos que combateram. A Rainha D. Maria II foi aclamada em Guimarães a 28-3-1834.

⁽⁴⁴⁹⁾ Augusto Roquemont viveu em Guimarães de 24-10-1828 a Junho de 1830, de 8-7-1832 a 22-4-1839 e pouco tempo em 1845.

⁽⁴⁵⁰⁾ Pedro Vitorino — *O Pintor Augusto Roquemont*, p. 68. Talvez entre os papéis do artista se possa encontrar qualquer coisa a dar corpo a esta hipótese de ser de Roquemont os riscos para as obras de Sezim. Para já é apenas uma vaga suposição.

⁽⁴⁵¹⁾ *Le Figaro*, n.º 186, 8-14 de Julho de 1983.

Manuel de Freitas do Amaral? Deste emaranhado de hipóteses só uma certeza: a capela nova, a de Nossa Senhora d'Assunção da Casa de Sezim, foi mandada fazer por Manuel de Freitas do Amaral, em substituição da antiga. Benzida por autorização de 13.11.1841, um mês depois é-lhe concedido o privilégio de conservar para sempre no seu sacrário o Santíssimo Sacramento ⁽⁴⁵²⁾.

Também faz obras o Cabido de Nossa Senhora da Oliveira na Casa do Priorado. Que grande tapamento de madeira! Para o segurar, para formar a sua soleira só uns gatos de ferro bem cravados nas costas da parede da capela de S. Braz. Concorde Manuel de Freitas do Amaral mas... «Se por causa do peso vacilar a abóbada da capela, se a parede se arruinar por qualquer forma, se as fendas abrirem, se o pano interior da capela se tornar defeituoso, se houver provas que a parede da capela não possa com o peso do tapamento...».

— Pagamos nós, reverendíssimo Cabido, todos os reparos, poremos tudo como dantes estava. Desencravaremos os gatos, à nossa custa tornaremos a capela «livre e solta» ⁽⁴⁵³⁾.

Lá vem o Senhor de Sezim. Cortinas corridas, passa a sua sege, fardado bolieiro, perfilado o criado de traz ⁽⁴⁵⁴⁾. Dentro, não muito à larga, vão também Dona Maria Rita de Freitas Amaral e Melo, sua irmã, «sempre na sua companhia» ⁽⁴⁵⁵⁾, e o escudeiro Pedro Martins.

⁽⁴⁵²⁾ J. G. d'Oliveira Guimarães — *Guimarães e Santa Maria*, pp. 71-72.

⁽⁴⁵³⁾ João Lopes de Faria — *Velharias da Colegiada*, vol. VI (mans.), p. 152 v.º.

— Obrigação aos prejuízos que um tapamento da casa capitular cause a capella de S. Braz, a 7-1-1846.

⁽⁴⁵⁴⁾ No testamento de Manuel de Freitas do Amaral (nota 460), Francisco Caetano, «criado de traz» é contemplado com 5 moedas, o boleeiro com 1, Pedro Martins, escudeiro, com 3; João Maneiras, criado de lavoura, com 2; a cozinheira, com 1; a criada de lavoura, Luzia Vilafría, com 1 e meia; Maria de S. José, creada da irmã, com 2; Teresa de Jesus, creada da Tia, com 30\$000; António José Mendes, o «Mascotelos», de alcunha, com 1 moeda. Perdoa-se a cada um dos caseiros 30 alqueires de milhão da renda que costumam pagar e aos das casas arrendadas a 4.ª parte do aluguer; de graça, numa das casas enquanto viva ficará a Rosa Carneiro, viúva do «finado meo boleeiro Rodrigo Pereira».

⁽⁴⁵⁵⁾ Test. de Manuel de Freitas; diz mais: «e eu sempre lhe administrei a legítima que recebi por ordem della de nosso Thio João Luis da Silva Souto e Freitas, e que lhe pertencia da parte que lhe coube de nossa Mãe, que forão quatro contos de reis em metal, e cinco contos de reis em papel cujos reduzi a metal a trinta por cento ficando em 3 500\$000 metal e mais um conto e setecentos... de todo este dinheiro ela tem recebido juros. Para pagamento deste está em nome della hua letra em casa de Butler Neuphen & Cia do Porto de 2 000\$000 e outras duas letras em meu nome e no de meu primo João Coelho de Castro Vilas Boas de 1 110\$000...». A esta irmã deixa Manuel de Freitas, em usufruto, 4000\$000 por ano, não lhe deixando

O caminho é mau, poeirento, buracos aberto, salta-se bastante. Aos primeiros acordes do romantismo tracemos, ao de leve, as mais figuras da sua família. A outra mana, Dona Maria Engrácia, secular no Convento de Santa Clara, a procurar, inutilmente, remédio para o seu mal, nas alturas do Bom Jesus ⁽⁴⁵⁶⁾, magrinha, transparente, trágica. As formas mais sólidas, mais terra a terra, dos criados da lavoura, da cozinheira, da criada da irmã, da criada da «minha tia Dona Maria Bernardina», velhinha e circunspecta, a quem se «devem os ordenados», os muitos caseiros, sempre perdoados nas rendas. E os sobrinhos, órfãos de sua irmã Dona Ana Margarida e seu marido João de Mello, por quem Manuel de Freitas tem amor de pai e como tal os cria. São tão meninos!

Dona Brízida Augusta, Dona Antónia Margarida, Dona Ana Amália, são as sobrinhas do Senhor de Sezim. Para a do meio, sua afilhada, deixará o tio, além do dinheiro ⁽⁴⁵⁷⁾, «os brilhantes que estão dentro duma caixinha de papelão que he hum colar e brincos e huma estrela para a cabeça e 2 anéis um maior e outro mais pequeno cada hum com o seu brilhante». Saias muito rodadas, envoltas em tecidos leves, em rendas, a brincarem com seus bonitos, crescerão (não dona Ana Amália, que morre ⁽⁴⁵⁸⁾ menina), «com expressa condição de que casando seja o casamento feito com pessoa de qualidade igual ou superior à sua, porque verificando-se os mesmos casamentos ⁽⁴⁵⁹⁾ com pessoa menos distinta», não receberão os legados. O pre-

mais «por ella ficar a disfructar dos Morgados que pela lei lhe são dados»; pede que entregue o dinheiro ao sobrinho, no caso de não o necessitar. D. Maria Rita † a 7-12-1859, «foi sepultada no dia 9 na capela de S. Braz, no tumulo lateral que tem uma figura antiga de mulher no claustro da Real Colegiada»; legou, entre outros, 600\$000 para pagar mestra a 5 meninas orfãs e pobres — *Velharias Vimaranenses*, in *Gil Vicente*, 2.ª serie, vol. X, n.ºs 9 e 10.

⁽⁴⁵⁶⁾ «4-11-1855 — Enterrou-se no claustro do Convento de Santa Clara a secular do mesmo D. Engrácia Freitas do Amaral e Melo, falecida no Bom Jesus em Braga», in Revista citada na nota anterior, 2.ª Série, vol. VI, n.ºs 7, 8 e 9.

⁽⁴⁵⁷⁾ Para cada uma 1 000\$000 e enquanto estiverem soltas anualmente 300 alqueires de milhão para D. Ana Margarida e 250 alqueires para as outras.

⁽⁴⁵⁸⁾ † a 16-10-1848 na Póvoa de Varzim, tinha 8 anos, e foi transportada em andas para a Colegiada sendo sepultada na capela de S. Braz.

⁽⁴⁵⁹⁾ Casaram: D. Brízida Augusta († a 13-3-1865, enterrada na Colegiada) a 31-3-1862 com Francisco Leite de Abreu Bacelar (q passou depois a 2.ª núpcias), f.º de António Leite Lobo de Sousa e Meireles, sr. da Casa das Baloutas, em St.º André de Painzela, Cabeceiras de Basto, e de sua m.er D. Ana Júlia Leite Pereira da Silva Coelho de Abreu Bacelar, sr.ª da Casa de Alvação e da Torre do Outeiro, também em Cabeceiras, C. G. V. José de Sousa Machado — *Ultimas Gerações*, Cost. 84. D. Antónia Margarida × a 16-7-1882 com Ventura Malheiro Reymão Teles de

ferido, «a menina dos olhos» do tio, deve ser Paulo de Mello Sampayo, «seu geral e universal herdeiro», o único rapaz. Na herança, uma condição: «acrescentar aos seus apelidos e dos seus descendentes os de Freitas do Amaral, isto não só pelo que lhe deixo mas também por ficar Senhor dos Morgados dos ditos appellidos». Na sua quinta de Sezim, dispõem dos bens d'alma «como fiel Catholico que tenho a ventura e o desejo de o ser», de todos os seus haveres, Manuel de Freitas do Amaral ⁽⁴⁶⁰⁾ «dos mais ricos proprietários da província» ⁽⁴⁶¹⁾.

Desenrolara-se a Maria da Fonte, a Patuleia, governara-se em Guimarães por El-Rei Dom Miguel, assinara-se a Convenção de Gramido. Já não se vêem topos vermelhos. Só o azul e o branco: nas bandeiras, nas fitas, nos decotes das senhoras. Exalta-se e canta-se a «causa da liberdade». Tem somente catorze anos Paulo de Mello Sampayo Freitas do Amaral, herdeiro da Casa de Sezim, e, desde os sete, Senhor de Pombeiro e Sabadão. É agraciado por Sua Majestade Fidélissima a Rainha Dona Maria II com o título, em duas vidas, de Barão de Pombeiro de Riba Vizela ⁽⁴⁶²⁾. Fica a tradição de não ser *estranho à concessão da graça o então Arcebispo de Braga, Dom Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello* ⁽⁴⁶³⁾ íntimo de seu pai. Aos

Menezes, † a 22-4-1889, f.º de Ventura Malheiro Reymão Marinho Lobato Teles de Menezes, suc. na Casa de Pomarchão, Ponte de Lima, e de m.er D. Maria Cândida do Patrocínio Sá Pinto de Mendonça, da Torre de Lanhelas, S. G. V. Cost. 121, l. acima citado.

⁽⁴⁶⁰⁾ «Reg.º do testamento e Codicillo do Ilm.mo Manuel de Freitas do Amaral e Mello, solteiro e maior da Caza de Sezins, freguezia de Santa Eulália de Nespereira», L.º do Registo dos testamentos da Administração do Concelho de Guimarães em 21 de Fevereiro de 1856. Arq. Mun. A. Pimenta (14-5-36). Encomenda-se a Deus que o criou, à gloriosa sempre Virgem Maria, ao Anjo da Guarda e a todos os Santos e Santas da Corte Celeste; quer ser envolto em hábito de S. Domingos, depositado na Oliveira e sepultado em S. Braz; encomendou os officios e missas na Oliveira ao 7.º dia e ao Ano «com os coros que houverem na villa» mais 800 missas e muito legados.

⁽⁴⁶¹⁾ *Como tal entra nas listas dos proprietários elegíveis para senadores feitas pela Câmara a 29-5-1838 e 9-7-1840, em conformidade com a Lei de 9-4-1838, art. 27. Velharias Vimaraneses, in Gil Vicente, vols. XIV, n.ºs 5-6 e XVI, n.ºs 8-9.*

⁽⁴⁶²⁾ Dec. de 11-4-1851 (D. Maria II).

⁽⁴⁶³⁾ Para os dados biográficos de D. Pedro Paulo, Arcebispo Primaz a quem a 30-9-1850 foi imposto por D. Maria II o Barrete Cardinalício, v. Fortunato de Almeida — *História da Igreja em Portugal*, vol. III, p.p 511 e 512. O seu governo em Braga foi muito dificultado pelo rescaldo do cisma que abalara a diocese. Este cisma teve origem na entrada dos eclesiásticos nas lutas políticas. Retiraram-se alguns Bispos das suas dioceses ao chegarem as tropas liberais (a Santa Sé não reconhecera a realza de el-Rei D. Miguel). O governo de D. Pedro IV nomeou então governadores dos bispados, que elegiam vigários capitulares. Havia os que conforme suas convic-

desasseis, ostenta o jovem titular a Comenda de Cristo⁽⁴⁶⁴⁾. Parte, depois, para Coimbra, a bacharelar-se em filosofia. Promessa duma grande casa, vive entre o estudo, a morte, as doces paisagens, as mercês reais, à sombra do Paço Arcebispal o difícil misturar de dois ideais, de duas causas: a do tio, a da família de seu pai.

Em plena época romântica, a «24.5.1856 morreu na cidade do Porto, onde foi consultar e estava há dias, Manuel de Freitas do Amaral de Cezins. No dia 25, domingo de manhã, saiu o cadáver numas andas para Guimarães, para ser sepultado na Colegiada»⁽⁴⁶⁵⁾. Convidavam, ao longo do caminho, os sinos para a Santa Missa. Podíamos iluminar a jornada com fortes relâmpagos, o vento a apagar os archotes, os trovões a assustarem os machos, uma negra noite a cair, a dar mais horror à cena. Fiquemos na realidade: abrem-se os túmulos da capela de São Braz para receberem «sem grande pompa nem muzica» um Senhor de Sezim. Logo o povo tece enredos, fazendo vaguear a alma de Manuel de Freitas do Amaral pelos campos e soutos, a entrar, a sair, do lindo quarto que foi seu. Lembrarão também os seus olhos tristes e uns amores infelizes que não convém acordar.

Enquanto o Barão de Pombeiro, novo Senhor de Sezim, arruma com método os muitos papéis e põe em ordem as contas vou aproveitar para estudar lhe a varonia, falar da sua geração, voltar aos Senhores de Pombeiro. Donde vieram? Basta abrir qualquer nobiliário, é só transcrever. E aproveitar a galeria das salas de Sezim. Os quadros, pintados quase todos na mesma altura, (século XVIII?, século XIX?) com melhor ou peor pincel lá estão. Ninguém pretende, pelo menos quanto aos mais antigos, que as figuras correspondam às verdadeiras das pessoas evocadas. Todos à época, não se resiste a convidá los a colorirem a monótona enfiada de nomes, ladainha de

ções seguiam uns ou outros, nascendo então graves conflitos e muita perseguição à Igreja.

Quanto ao parentesco de D. Pedro Paulo com João de Mello, se o havia, era muito remoto. Para além da amizade e afinidades que tinham, o tratamento de primos explica-se por um irmão do Arcebispo-Primaz o Dr. António da Cunha Figueiredo e Melo, ter casado com uma neta de D. Antónia Maria de Melo Pereira de Sampayo, irmã do avô de João de Mello. V. Alberto de Magalhães Queiroz — *Uma Família Minhota*, p. 231.

(464) Carta régia de 13-7-1853.

(465) Revista citada na nota 463, vol. IX, n.ºs 5-6, 2.ª série.

país para filhos⁽⁴⁶⁶⁾, de morgado a morgado, aqui mostrada, pode mesmo dizer-se, aqui repetida.

Confiscadas as terras da Coroa a João Rodrigues Portocarrero, partidário da Infanta Dona Beatriz, Rainha de Castela, faz Dom João I, a 7.5. da era de 1422 (1384), doação de juro e herdade a Vasco Pires de Sampayo das vilas de Anciães, Vilarinho da Castanheira, Vila Flor, Torre de Moncorvo e Mós «que são vilas casteladas» e Villas Boas «que é terra chã»⁽⁴⁶⁷⁾. Oriundo, segundo os linhagistas, de nobre Casa Galega⁽⁴⁶⁸⁾, toma Vasco Pires o apelido da terra onde vive: São Paio, termo de Mirandela. Pelos seus feitos contra os castelhanos, a realçar na vitória de Anciães, merece o favor do Rei português. Guerreiro, pintam-no a envergar a armadura, longas barbas brancas, gola encanudade (não estará a mais?), guante a empunhar a espada. Já seu filho Fernão Vaz de Sampayo⁽⁴⁶⁹⁾ ostenta uma comenda, e sobre as ancas um grosso cinto avermelhado a suportar

(466) Eduardo de Freitas — *Felgerias Rubeas*, pp. 215 a 218, também em Gayo — *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Tomo XVI, Sampayos § 2.

(467) Anselmo Braamcamp Freyre — *A Honra de Resende*, in *Archivo Histórico Português*, vol. IX, ao transcrever o documento diz encontrar-se na Chan. de D. João I, liv. 1.º, fl. 10.

(468) Segundo Gayo, era f.º de D. Domingas Paes de S. Payo e de seu marido Pedro de Sottomayor, ela 3.ª neta do Conde, D. Ermegildo, descendente de Egica, Rei Godo. Diz ser esta a ascendência tirada em 1746 na Torre do Tombo. No § 1 dá-o como f.º de Vasco Pires Osório, Fidalgo Galego, que por uma morte na Galiza, passou a Moncorvo a um lugar chapado Sampayo donde tirou o apelido, muito estimado 'por D. João I e D. Fernando que lhe fizeram muitas mercês (Vila Flor, Chacim, etc.), e com D. Maria Pereira, f.ª de D. Álvaro Pereira, e que por diferenças matou na Vila de Moz 40 «escudeiros e outros homens de pé», crime perdoado por D. João II. Gayo dá mais crédito a esta 2.ª hipótese. Vasco Pires Osório era f.º de D. Pedro Alvarez Osório, «alferez mayor del Pendon de la Diviza», Conde de Trastámara, por dec. de 4-2-1445 (D. Juan II de Castela), Júlio de Atienza — *Dicionário — Nobiliário Espanol*, onde também se lê a pág. 679 ser o apelido Sampayo oriundo de Portugal, descendentes dos Sottomayores da Galiza. Limite-me a transcrever, sem nada ter aprofundado. Na galeria de Sezim há «retratos» dos Osórios, dando-lhes o título de Duques.

(469) A. Braamcamp Freyre — *Povoação de Traz os Montes no XVI seculo*, in *Archivo Histórico Português*, vol. VII, transcreve: (1530): It neste dito termo de Villa Real jaz húa oonra que se chama Parada de Pinhão, he de Fernam Vaz de Sampayo com direitos e redes tem civell e juiz da dita omrra, e o crime he de vila reall...». Como terras do mesmo dá «a villa de Vila Froll he cercuada a cerqua derribada», a vila de Mós, o concelho de Frechas «he concelho chão sem cerqua nem castelo». Cronologicamente vê-se que não se trata do acima referido, mas sim de seu neto mais velho, de igual nome, donde vem a Casa dos Marqueses de Sampayo, Senhores de Vila Flor.

as armas. Mais cuidado o primogénito deste: muito largo o cinto (o alfrêz), balona de renda, gibão de rico tecido, Cruz de Cristo ao peito. Farta cabeleira, bigode preto e mosca, mostram a Vasco Fernandes de Sampayo, 2.º Senhor de Vila Flor e da Torre de Moncorvo, dos foros e direitos de Freixo de Espada à Cinta (⁴⁷⁰), Fidalgo da Casa de D. Afonso V, prometido de Dona Isabel de Gouveia (⁴⁷¹), marido de Dona Mécia de Mello, Senhora do Paço de Pombeiro (⁴⁷²), falecido em 1474 (⁴⁷³). E é com seu filho segundo que a galeria segue.

Parece-me que D. João de Mello, secundogénito de Vasco Fernandes de Sampayo, poderia ter sido retratado de outra maneira.

(⁴⁷⁰) Mercê de D. Afonso V a 6-3-1459 transcrita em Luís de Mello Vaz de Sampayo — *Subsídios para uma biografia de Pedro Álvares Cabral*, par.º 150.

(⁴⁷¹) Liv.º citado na nota anterior, §§ 143 a 151: — Carta de D. Afonso V, datada de 19-6-1453: trata desta boda com a promessa duma tença; escritura do contrato entre Vasco Fernandes de Sampayo e sogros; a 18-9-1454, registada na Chancelaria de D. Afonso V a 22 do mesmo mês: «...dizem eles cassaram sua f.ª Isabel de Gouvea com V.º Frz de Sam Payo fidalgo da nossa Cassa»; várias considerações sobre estes documentos. D. Isabel de Gouvea foi depois m.er de Fernão Cabral, com quem casou, cerca de 1455 (id., §§ 151 e 598) e entre outros, mãe de Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil. No § 151 transcreve-se a confirmação em 1474 do senhorio de Vila Flor, Villas-Boas, etc., a Fernão Vaz «fidalgo da Casa do Príncipe e filho de Vasco Fernandes de Sampayo que ora se finou» e de D. Mécia de Mello. Acrescenta Luís de Mello Vaz de Sampayo, genealogista muito seguro e documentado: «Para já não ser moço fidalgo, supomos que já teria então pelo menos 18 anos (cf., § 111) o que recua o casamento dos pais para 1455». D. Mécia de Mello, «molher de Vasco Fernandes de Sam Payo do nosso Conselho», recebeu a 12-2-1472, do Rei, a renda dos foros e direitos do pão e portagem dos judeus de Freixo de Espada à Cinta, o que lhe foi confirmado, sendo viúva, a 26-11-1497 (§ 146). Era f.ª de Vasco Martins de Mello, Alcaide-Mor de Castelo de Vide (id.). Neste brilhantes estudo, prova-se (além de muitas outras questões) que Vasco Fernandes de Sampayo estava em 1454 prometido, ou mesmo casado com D. Isabel de Gouvea e que no ano seguinte ambos casaram com pessoas diferentes, ele com D. Mécia de Mello; ela com Fernão Cabral.

(⁴⁷²) António Lambert Pereira da Silva — *Nobres Casas de Portugal*, vol. III, Paço de Pombeiro: «...segundo uma arvore geneológica existente na Casa de Sezim, em Guimarães, a sua fundação é atribuída a D. Reimão Pais de Riba Vizela em 1160. D. Reimão foi pai de D. Soeiro Reimondes, que parece ter sido o fundador da vila de Melo, no conc. de Gouveia, cujos descendentes passaram a usar o apelido Melo. Mais tarde uma senhora do Paço de Pombeiro, D. Mécia de Mello, 7.ª neta de D. Reimão, casa com Vasco Fernandes de Sampaio, senhor de Vila Flor.

A filiação de D. Mécia, f.ª de Vasco Martins de Mello, alcaide de Évora e Castelo de Vide, é confirmada em *Felgerias Rubeas* e, no Gayo, Tomo VIII, § 8 Mellos (nota 466). No Arq. de Sezim vi docs. a dizerem que D. Mécia foi inst.ª do vínculo de Pombeiro.

(⁴⁷³) Sobre o falecimento de Vasco Frz de Sampayo v. citação na nota 471.

Fidalgo da Casa Real, comendatário de Caramos, Dom Abade Comendatário do Mosteiro de Pombeiro ⁽⁴⁷⁴⁾, a ampla capa negra, a gola alteada, a fita vermelha com a insígnia ao pescoço nada nos dizem do seu Mosteiro e sua derruída galilé, nada nos contam dos seus muitos bastardos (nove os nomeados). O Paço de Pombeiro vai para um deles, seu filho, Luís de Mello Sampayo, Fidalgo da Casa Real, ao tempo de El-Rei D. João III, fato lavrado, capa aos ombros, genro do Abade da Facha, Diogo Borges Pacheco, Capelão Fidalgo. Roupão verde, bordado a oiro, é seu filho Filipe de Mello Sampayo, a herdar a casa do Pai, a casar com Dona Mécia Pereira, herdeira da Casa do Sabadão, em Arcozelo, Ponte de Lima. São os pais de João de Mello Pereira de Sampayo, o de cabeção branco, liso, espada na mão, marido de Dona Ana, filha do Abade de Rendufe, senhores do Paço de Pombeiro lambido pelo fogo, cerca de 1600 ⁽⁴⁷⁵⁾.

Austéros, trajados de negro, vistosos com casacas de sedas coloridas, lavrados coletes de ramagens, com suas comendas, cabelos escorridos sobre os ombros ou brancas perucas apertadas por um laço, assim nos aparecem, no correr das modas, os sucessivos senhores de Paço de Pombeiro ⁽⁴⁷⁶⁾. Logo na geração a vir deixam Pombeiro.

⁽⁴⁷⁴⁾ Na história do riquíssimo Mosteiro de Pombeiro (hoje muito abandonado), coevo da Monarquia leonesa, pode ler-se no liv.^o citado na nota 466 (o 1.^o), pp. 157 a 215, que D. João de Mello, D. Abade desse Mosteiro, f.^o 2.^o de Vasco Fernandes de Sampayo e de sua m.er D. Mécia de Mello (seu antecessor foi D. Jorge de Mello (1503-06) teve muitos bastardos, entre eles D. António de Mello Sampayo, que lhe sucedeu na Abadia, e Luís de Mello Sampayo, sr. do Morgado e Paço de Pombeiro em cuja descendência seguiu a Casa.

⁽⁴⁷⁵⁾ Liv.^o mencionado na nota 472. O Paço de Pombeiro ficou muito arruinado, teve depois alguma reconstrução, sendo restaurado por seus actuais senhores, representantes de todas estas Casas. O Paço é bonito, todo de pedra, sem reboco, armoriado de Melo em chefe, está situado na freg.^a de S.ta Maria de Pombeiro de Riba Vizela. Só é pena não estar enquadrado como pede a sua antiguidade e nobreza; as construções à sua volta não o respeitam, nem a ele nem os olhos de quem passa. O Mosteiro não fica longe.

⁽⁴⁷⁶⁾ João de Mello Sampayo e sua m.er D. Ana tiv.: Felipe de Mello Sampayo, q. s.; Luís Pereira de Mello, x s. g., mas com mt.^a g. ileg.^a; João de Mello Pereira c. g.; António de Mello Pereira, beneficiado c. g. ileg.^a; D. Ana e D. Maria, freiras em Vale de Pereiro.

— Felipe de Mello Sampayo, suc., Fid. da C. R. (1638) x com D. Ana de Mello, sua prima, f.^a de Pedro de Mello e Alvim, F. C. R., sr. da Casa da Carreira, em Viana do Castelo, e de sua m.er D. Catarina Pinto de Melo, e tiv.: Paulo de Mello Sampayo, q. s. e D. Maria de Mello, x com Martim da Ro. ha de Almeida (irmão de sua cunhada), c. g. (1 ramo de Melos, Regos, Barretos, v. Gayo, Tomo XXVIII, Vilariños, § 20).

— Paulo de Mello Pereira de Sampayo, suc. n. no «Couto e Rua de Pom-

Na rua «dalem da ponte e Freguezia de S. Marinha de Arcozelo fronteira a Ponte de Lima» têm outra casa: a do Sabadão, risonha e linda. Para lá vão. Aliam-se à velha fidalguia do Alto Minho. Cresce uma grande Casa, a dos Mello Sampayos, de Pombeiro e Sabadão, já ligada a Sezim e a muitos outros brasões, como atraz nos foi dado ver.

Farda de Moço-Fidalgo, punho:, goia e viras vermelhos, gravata solta, de renda, branco colete, Paulo Luís de Mello Pereira de Sampayo, filho de João de Mello Sampayo e de Dona Ana Maria de Sousa e Castro, está pintado num quadro em cima da soleira da porta duma das salas. É o primeiro da família a fixar-se em Guimarães. Vejo-o a descer, ligeiro, a Rua de Santa Maria, onde vive. E toda a rua mexe: levanta-se quem está sentado, baixam-se as cabeças em cumprimentos, estendem-se mãos a pedirem esmolas, arredam os grupos a conversa. Capitão-Mor de Guimarães⁽⁴⁷⁷⁾, casado com Dona Francisca Bernarda da Silva Machado, rica

beiro (inquirição de seu neto Paulo de Mello Machado nota 348), Fid. da C. R. (alv. de 20-2-1654), x a 21-10-1655 com D. Francisca de Almeida Jacome. f.^a de Diogo Rodrigues de Almeida e de sua m.er D. Leonor Lopes Jacome, dos Rochas de Viana, e tiv.: João de Mello Pereira de Sampayo, q. s., Diogo de Mello Pereira «que foi aleijado de ambos os pés», e as f.^{as} já referidas no texto e nas notas 345, 346, 347, 348, onde vem a sua descendência. (Duma descende a Casa de Sezim).

— João de Mello Pereira de Sampayo, suc., Moço Fid. com exer., Cav.^o Prof.^o na O. de Cristo, x a 10-6-1699 com D. Ana Maria de Sousa e Castro, f.^a Her.^a de Gaspar de Goes e Castro, Gov.or de Castro Laboreiro, e de sua m.er D. Ventura da Costa Calheiros, de Ponte do Lima. D. Ana Maria, depois de viúva, veio viver para G.es para casa de seu f.^o primogénito onde + (nota 359). Tiv.: Paulo Luís de Mello Pereira de Sampayo, suc. com quem seguimos no texto, D. Antónia Maria de Mello Pereira de Sampayo, † na Casa do Antepaço, Arcozelo, Ponte do Lima, a 24-2-1786, x com Miguel Carlos de Vila-Lobos de Lima Vasconcelos e Araújo, sr. da mesma Casa, c. g. (Casa de Antepaço, Sá Soutomaior, Conde de Santar, Viscondes de Taveiro, Marqueses de Reriz, Viscondes de Maiorca, Machado Povoas, Correias de Lacerda, Mendonça e Povoas, Leite de Castro, Pestanas, Gouvêas, Castros, etc., etc. V. Alberto de Magalhães Queiroz — *Uma família Minhota*, pp. 225 a 236), e todos os outros citado na nota 359.

São estes os senhores de Pombeiro que a partir do 2.^o passaram a viver na Casa de Sabadão. V. A da Silveira Pinto — *Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, 2.^o vol. Pombeiro de Riba Vizela (Barão de) —.

(477) «Patente para Paulo de Mello Pereira servir o posto de Capitão Mor de Ordenanças desta vila (G.es) vago por óbito de Gregório Ferreira de Eça, de 24-4-1760». Por alvará Régio de 10-3-1708, onde consta a sua naturalidade, (Ponte do Lima) foi feito F. C. R. «que... por seu pai lhe pertencia com mil reis de moradia por mez e 1 alqueire de cevada por dia». Estão transcritos a patente e o alvará nas *Ephemerides Inéditas*, pubs. por João Lopes de Faria no *Independente*.

senhora vimaranense (⁴⁷⁸), regorgita a casa deste Senhor de Pombeiro e Sabadão, de bens, honrarias, filhos (⁴⁷⁹). À sua morte, a

(⁴⁷⁸) Era f.^a de Feliciano da Silva Machado Leite, Cav. Prof. na O. de Cristo, Provedor da Miz.^a em G.es, rico negociante, de sua m.er D. Maria da Teresa (também já a vi como Maria da Trindade) da Silva Ribeiro, neta pat. do Dr. Amador da Silva, Auditor de trás-os-Montes e Ouvidor em Barcelos, e sua m.er Bernarda Machado Leite (a 19-3-1676 B. na Olv. um f.^o Gregório (N. 3)) e mat. de António Lopes da Silva, mercador, e de sua m.er Maria Ribeiro Moreira. Bisneta na varonia de Francisco Álvares e m.er Catarina João, D. Francisca Bernarda é por sua avó paterna bisneta de Pedro Machado da Maya e de Maria Leite de Azevedo ele f.^o de André Gonçalves da Maya e Catarina Nogueira, e ela de Gervásio Leite Pereira e m.er Paula de Resende. André Gonçalves da Maya, cônego da Real Colegiada de Guimarães foi também pai de Torcato Machado da Maia, x com Isabel de S. Paio, de quem descendem os Vieiras da Maya, Morgs. da Qt.^a da Arrochela, em St.^a Eulália de Nespereira. No Gayo, Tomo XIX, Machados § 141, vêm que descendem dos verdadeiros Machados, mas não o podemos provar; as inquirições de seus descendentes não o dizem.

(⁴⁷⁹) Foram: a) *D. Ana Maria Isabel*, n. a 8-11-1732, os seus pad.^{os} foram o avô mat. e a avó pat., e † em G.es a 6.2.1802, x a 28-4-1754 com Vicente Pinheiro Lobo da Guerra, Sr. da Casa de Pindela e do Morg. dos Guerras, etc. C. G. (Viscondes de Pindela, Condes de Arnoso, Viscondes de Paço de Nespereira, Cardoso de Menezes (Margaride), Duques de Palmiela, Espírito Santo Silva, Ramos de Magalhães, Ferrão Tavares e Távora, etc., etc.). b) *D. Josefa Sebastiana*, n. a 20-1-1734, afilhada de Estêvão Machado de Miranda e Mello e de sua tia D. Josefa Madalena de Mello Pereira. Segundo Silveira Pinto — *Famílias Titulares* (nota 476) x em Oliveira de Azemeis com Domingos Manuel de Albergaria e Vasconcelos, Cap. Mor da Vila da Feira, q † a 17-12-1755, S. G. Manuel Soares de Albergaria Soares de Mello — *Soares de Albergaria*, p. 309, diz: Domingos Manuel Soares de Albergaria dos Reis e Vasconcelos, Cap. Mor da Vila da Feira, f.^o de Salvador José dos Reis e Vasconcelos, F. S. O. Capitão Mor da Feira e de sua m.er D. Isabel Teresa Maria Soares de Albergaria x em Oliveira de Azemeis com D. Inês Antónia Mascarenhas Rangel n. em 1758, c. g., Luís da Gama Ribeiro Rangel de Quadros e Maia — *Geneologias de Famílias Nobres Aveirenses*, p. 57 escreve: «D.^{os} Manuel Soares de Albergaria f.^o de Salvador José, Cap.am Mor e D.^{os} M.el tambem Cap. Mor x com D. Inês Ant.^a Masc.as Pereira» (f.^a de Diogo Luís Rangel de Quadros, n. a 9-4-1739, c. g., mas dá seus f.^{os}, mais novos nascidos em 1741 e 1743. Devem haver muitas gralhas e confusões. c) *João*, n. a 5-3-1735, foram pad.^{os} o cônego Paulo de Mello Pereira de Sampayo e a avó mat. + em 1743. d) *Feliciano Hermenegildo*, n. 13.4.1736, foi bap. em S. Miguel do Castelo; os pad.^{os} foram o tio pat. João de Mello Pereira Sampayo, m.or em Ponte de Lima, por proc. a Manuel de Freitas do Amaral, e a tia pat., Dona Arcângela Micaela com proc. a Gonçalo Peixoto de Carvalho. A 14-10-1743 mudou, no Crisma, o nome para João; foi o sucessor da Casa e.) *Francisco José*, n. a 27-2-1738, b. em S. Miguel do Castelo, afilhado do Doutor Francisco Pereira da Cruz, D.zor da Suplicação em Lx.^a, com proc. a Dionísio José Freitas do Amaral, e Dona Margarida Josefa Caetana Borges Pr.^a Pacheco, de Braga, com proc. a Manuel Álvares de Mag.es, Mestre de Campo. Deve ter † m. f) *D. Catarina Joaquina*, n. a 6-8-1739, os pad.os foram o Dez. do Paço João Álvares da Costa e D. Josefa

7.1.1781⁽⁴⁸⁰⁾ deixa sete vivos: dois homens e sete senhoras, «uma já casada com Vicente Pinheiro Lobo»; logo casarão as outras. Feliciano Hermenegildo, depois crismado João Filipe, será seu sucessor; o outro filho, Paulo de Melo Pereira de Sampayo, é cônego da Cole-

M.^a de Mello Pereira Barreto x com Estêvão Machado de Miranda. x na Colegiada da Oliv.^a a 20-10-1775 com Diogo da Cunha Soutomaior, F. C. R., Cav.^o de Cristo, F. S. O. Brigadeiro de Cav.^a, Com.te do Regimento de Évora. F.^o de Agostinho da Cunha Soutomaior e de sua m.er Dona Maria Soares de Lemos, nats. de Vila Viçosa, s. g.) *José*, n.^o a 5-10-1742, Bap. em St.^a Marinha da Costa, afilhado de Jácome Borges Pacheco, de Braga, e de D. Leonor, m.er de José Freitas Castro. Ao casamento de sua irmã D. Catarina assiste José Maria de Mello Sampaio «gentilhomo do Sr. Arcebispo Primaz» e que depois é cônego em Braga. Será este? h) *D. Maria Ventura*, n. 23-12-1743; os seus pad.os foram o Rev.do Miguel de Macedo Portugal e D. Ventura Luísa de S. José, sua tia, de Ponte de Lima, com proc. a João de Freitas e Castro, † m. i.) *D. Leonor Arcângela*, n. a 27-2-1745, † a 24-8-1753 e foi sep. em St.^a Clara. j) *D. Antónia Margarida*, n. a 10-6-1747, bap. em S. Mg.el do Castelo; os pad.os foram Gonçalo Peixoto de Carvalho e D. Antónia Euzébia, Rel.^a em St.^a Clara, com proc. ao Rev.do cônego Paulo de Mello Pereira de Sampayo, x na Colegiada a 28-8-1770 com Francisco José Jácome Ferreira de Carvalho, F. C. R., Cav.^o de Cristo, Mestre e Intendente das Coudelarias, nat. de Évora, f.^o de Álvaro José de Carvalho e de sua m.er D. Teodósia Francisca de Afonseca e Carvalho, c. g. (Carvalhos de Évora.) k) *D. Grácia*, n. a 13-3-1749, afilhada do Rev.do cônego José Pereira Malheiro e de sua irmã D. Grácia, † m. l) *D. Maria Joana*, n. a 20-4-1750; os pad.^{os} foram João Luís Vila-Lobos de Mello e Lima, da freg.^a de Arcozelo, com proc., e D. Maria Teresa Barbosa da Cunha, x na Colegiada a 16-5-1774 com António Pereira da Cunha, F. C. R., Capitão Mor de Coura, Suc. a seu pai, f.^o de Sebastião Pereira da Cunha Castro, F. C. R., Cap. de Cavalos, sr. da Casa da Torre da Cunha, em Coura, e de sua m.er D. Rosa Teresa Lobo de Soutomaior. G.C. (Pereira de Cunha Lobo e Castro, Almeida Cayola, Menezes Pereira da Cunha, Freire de Andrade, Meireles e Vasconcelos, Almeida Coutinho Lemos Ferreira, etc., etc.). m) *D. Arcanja*, n. a 14-5-1751, os pad.^{os} foram Teotónio Manuel de Sousa e Menezes, sr. da q.t^s de Alvelos, Amarante, e D. Arcanja Micaela de Mello Pereira de Sampayo, v.^a de Fernando de Magalhães e Menezes, † m. n) *D. Francisca Rita*, n. a 9-6-1754, x a 8-9-1776 com Fernando Lobo de Vilas Boas, sr. da Casa das Leiras, em Caminha, f.^o de Fernando Leite Lobo, Cav.^o de Cristo, Dez.or dos Agravos e de sua m.er e sob.^a de D. Maria Rosenda de Villas Boas. C. G. (Coelho de Vilas-Boas da Casa da Boa Viagem em Viana, Coelho Vasconcelos Porto, Schroeter de Carvalho, Castelo-Branco, Carteador Monteiro, Viscondes da Granja, Vilas Boas Faria, Soares Franco, Mexia, Teixeira Botelho de Queiroz, Pinto de Mesquita, Taveira de Carvalho, etc., etc., etc.). o) *Paulo*, cônego na Colegiada da Oliveira, n. a 29-2-1856, afilhado de Paulo de Melo Machado Pereira de Sampayo e de D. Mariana Josefa de Castro (v. nota 481) e, finalmente, p) *D. Ventura*, n. a 27-4-1757 e † na mesma casa (na rua de S.ta Maria, onde nasceram todos) a 9-4-1766.

(480) O Oliv.^a, Arq. Mun. A. Pimenta.

giada, em Guimarães, Cavaleiro de Cristo, por graça régia ao Cabido no correr do ano de 1814 ⁽⁴⁸¹⁾.

Por ter casado com Dona Brízida Maria de Barbosa e Lima, Senhora da Casa de Vila Boa, em Joane, já passou o mais velho, João Filipe de Mello Pereira de Sampayo, por um nosso estudo, onde se ouve o cantar da pedra no levantar das obras na época do renascimento, o rumor duma família de artistas a deixar marca ⁽⁴⁸²⁾. Dos seus filhos só aqui citamos ⁽⁴⁸³⁾ Paulo Januário de Mello, Moço

⁽⁴⁸¹⁾ Era cónego da prebenda n.º 3; tinha renunciado «a 1.ª vez em seu sobrinho João de Mello Pereira de Sampaio e passando este ao estado de casado, de quem houve o Ex.mo Barão de Pombeiro, renunciara 2.ª vez em seu sobrinho Luís de Mello Pereira de Sampayo, irmão daquele, que veio a ser o último possuidor desta conezia, que fôra também ocupada pelo autor das *Várias Antiguidades de Portugal*, Gaspar Estaço de Brito. Faleceu ao meio dia de 6-9-1838». João Lopes de Faria — *Ephemerides Inéditas, in Independente*. A graça foi concedida a todo o Cabido a 30-10 (in *Famílias Titulares*). Não eram Excelentíssimos; o tratamento de Excelência, e só para os Dons Prioros, foi concedido a 4-11-1823 por D. João VI, v. Manuel Alves de Oliveira — *História da Real Colegiada de Guimarães*, p. 118.

⁽⁴⁸²⁾ A ascendência de D. Brízida Maria de Barbosa e Lima, Sr.ª da Casa de Vila Boa, já foi estudada no meu *Gonçalo Lopes, Mestre de Pedraria*. N. em G.es, como aí se diz, a 11-5-1758, f.ª do Doutor Luís Caetano de Barbosa e Lima e de sua m.er D. Maria Teresa de Carvalho e Abreu, os seus pad.ºs foram Francisco de Sousa Crasbeck de Carvalho, Chanceler e Gov.or das Justiças da Relação do Porto, e N. Sr.ª da Oliveira. Seu pai descendia, na varonia, de João Lopes de Amorim, arquitecto, mestre de pedraria, genro de Gonçalo Lopes (v. obra citada). A avó pat., D. Brízida Bandeira da Costa, era f.ª de Manuel Barbosa da Costa, Inquiridor Eclesiástico de Braga, e de sua m.er D. Dionísia de Matos Bandeira. O avó materno, o Licd.º Alexandre Duarte de Carvalho, Lic. em Direito (U. C.), Correg.or em Santarém, Prov.or em Viana e Dor. no Porto, era nat. de Mancelos (Amarante), descendia duma família de lavradores, v. *Carvalhos de Basto*, vol. III, & 8.º/c Quinta da Quebrada do Padrão em Mancelos, Amarante e § 8.º/d Casal de Manhufe na mesma freg.ª. A avó mat., D. Isabel de Oliveira Bernardes, descendia, por sua avó pat., do Casal da Portela em S. Jorge do Selho, dos Bernardes, tronco comum de muitas famílias de Guimarães, v. o meu *Velhas Casas* (VI), *Casa da Veiga*, nota 73. João Felipe de Mello Pereira de Sampayo, suc. a seus pais, foi Moço-Fid. da C. R., Superintendente das Coudelarias de G.es, Provedor da Misericórdia em 1766 e + na casa da Rua de S.ª Maria a 14-8-1795.

⁽⁴⁸³⁾ Foram: a) *D. Maria Saturnina Francisca*, n. a 29-11-1780, x em S. Miguel do Castelo a 19- -1799 com seu primo co-irmão, Álvaro Jácome Ferreira de Carvalho, nat. de Évora (f.º de sua tia D. Antónia Margarida, nota 481) c. g.; b) *D. Francisca Sabina*, n. a 28-10-1782, + a 19-11-1858; c) *Paulo Januário*, no texto; d) *D. Ana Tomásia*, n. a 7-3-1787; *D. Antónia Joana*, n. a 26-7-1788, x 9-8-1812 com João José d'Almeida Cardoso do Vale Mexia, c. g. (MEXIA); e) *D. Joana*, n. a 17-10-1789; f) *D. Luísa Isidora*, n. a 2-1-1791; g) *Luís*, +m.; h) *João de Mello Pereira de Sampayo*, suc. a seu irmão, no (texto) n. 4-8-1793; e i) *Luís* de Mello Pereira de Sampayo, cónego na Colegiada, n. a 2-11-1794 (ainda não tinha um ano à morte do pai), no texto.

Fidalgo com exercício, Coronel do Regimento de Milícias de Barcelos (aparece na pintura fardado com 2 medalhas), falecido solteiro⁽⁴⁸⁴⁾, João, sucessor a seu pai, e Luís de Mello Pereira de Sampayo, também retratado, cónego da Real Colegiada por renúncia de seu irmão João. Começamos por falar do mais novo; somente três acontecimentos, para não alongar muito este trecho sobre os Mellos Sampayos.

O 1.º: — Praça de Nossa Senhora da Oliveira, seis da manhã do dia 5.6.1823. Aos vivas, aos brados, meia dúzia de fidalgos e o cónego João Baptista Gonçalves⁽⁴⁸⁵⁾, crucifixo na mão, aclamam El-Rei Dom João VI «novamente restituído aos seus direitos»⁽⁴⁸⁶⁾. Passam ao Tournal; «junta se-lhes imenso povo que de todas as partes corria». Num crescer, sempre mais gente, avançam para o Terreiro do Cano «donde sahio o honrado Gaspar Leite de Azevedo⁽⁴⁸⁷⁾ nos braços do imenso povo», em triunfo. Voltam jubilosos à Oliveira. Ao púlpito sobe o cónego Baptista; reza a Acção de Graças. Levantam bem alto as Bandeiras; Vicente Machado e Fortunato Cardoso, nomeiam-se novos camaristas, soltam dois presos da Cadeia, passeiam-se com delírio os Reais retratos. Tão grande é a alegria, tão festivos os vivas «ao nosso adorado Rei Dom João VI, à nossa Rainha e à sua constância, ao nosso Infante Dom Miguel a toda a *Família Real*»; *ninguém fica em casa. É só olhar para a Praça, para Guimarães inteiro num «entusiasmo tão geral e explicável ao mesmo tempo hum sossego para tudo o que não erão vivas aos nossos Augustos Monarcas, sem se poder pintar o prazer que em todos se observava. O gozo fazia rebentar as lágrimas do prazer, e cada hum demonstrava como podia: por vozes, acções e gestos o que na alma*

(484) N. a 19-9-1783 e † solt.º, em Barcelos, a 18-5-1812. Suc. a seu Pai, foi M. Fid. da C. R., Cav.º Prof. na O. de Cristo e Cor. do Regimento de Milícias de Barcelos.

(485) Esta aclamação foi feita pelo cónego João Baptista Sampayo (irmão dum meu 4.º avô), Fortunato Cardoso de Menezes Barreto, Vicente Machado de Melo e Luís do Couto Ribeiro, que antecipadamente combinaram tudo com José Maria Crivas, Cap. do Reg.º 15, Vitorino José da Silva e José Guedes Quinhães, Tte.s do mesmo reg.º, e o R.el José Leite Duarte. Logo se lhes juntaram Joaquim José Peixoto Costa e seus f.os, Frei Alexandre, Rel.º de S. Francisco, João Machado de Miranda, João do Couto Ribeiro e a engrossar o resto da multidão. Notas 486 e 488.

(486) Estas festas realizaram-se em Guimarães a seguir à Vila-Francada. V. texto e notas 426 e 427.

(487) Sr. da Casa do Salvador ou Cano. V. o meu *Velhas Casas* (VIII) onde estão os seus dados biográficos.

sentião, voavão chapéus aos ares, em nada se reparava...» Nos dias, nas noites a seguir, mais procissões, mais flores, mais lumes, todas as portas enfeitadas com lenços. Como todos «a desfazer-se em vivas», está também Luís de Mello Pereira de Sampaio, irmão mais novo de João de Mello, assinatura a acompanhar a representação sobre o acontecido ⁽⁴⁸⁸⁾ feita a El-Rei.

O 2.º: — «5.6.1836: «entrou no Campo Santo desta vila, a cavalo, o conego Luís de Mello Pereira Sampaio, correndo algumas ruas do mesmo para ver uma flor que lhe tinham dito haver naquele santo lugar. Desta maneira, entrou num recinto respeitavel por todas as nações, ainda as mais barbaras; este presumido fidalgo e estúpido bacharel formado, que pela sua ignorancia não atingiu que ia cometer uma acção que seria taxada de criminosa, ainda mesmo a um homem que nenhum vulto fizesse na sociedade» ⁽⁴⁸⁹⁾.

O 3.º: — 3.7.1864: Rola, cai desamparado pelas escadas abaixo, na Casa de Sezim de seu sobrinho o Barão de Pombeiro de Riba Vizela, «o Excelentissimo Luis de Mello Pereira de Sampaio, Conego na Insigne Colegiada desta Cidade». Um pé desfiado ⁽⁴⁹⁰⁾, ais, suspiros, forçado descanso na varanda da Casa, o cheiro a balsamo a estender-se pelos ares. Na força da vida, na idade madura, no triste declinar, três sucessos, agarrados aqui e ali, no correr do tempo. Tornará a aparecer. Já tarda mostrarmos João de Mello Pereira de Sampaio, sucessor da Casa, olhos pequenos, rasgados, olhar a fugir, Comenda de Cristo, cabelos escuros, fato preto, Livro de Leis na mão, pai do Barão de Pombeiro, a fechar esta longa série de retratos, dos Mello Sampaio, Senhores de Pombeiro e de Sabadão.

Aos dezoito anos entrara João de Mello Pereira de Sampaio, por renúncia de seu tio Paulo, para cónego da Real Colegiada. Chamado à sucessão da Casa desiste a favor de seu irmão mais novo, Luís, mencionado acima. Bacharelara-se em Direito em Coimbra,

⁽⁴⁸⁸⁾ «Representação dirigida a El-Rei D. João VI», a 26-6-1823. Tab. José Leite Duarte. Publicada no *Independente* (nota 426) com o n.º XIII.

⁽⁴⁸⁹⁾ Efeméride de Pereira Lopes nas *Velharias Vimaraneses*, in *Gil Vicente*, XII vol, n.ºs 5-6.

⁽⁴⁹⁰⁾ Notícia no *Religião e Pátria*, de 13-7-1864. O cónego Luís de Mello † a 1-5-1868. Fez testamento (L.º de Test.ºs n.º 47 (14-5-56) Arq. Mun. A. Pimenta) deixa por herdeiras as irmãs, várias legados aos sobrinhos e termina. «Adeus minhas caras manas e sobrinhas e sobrinhos e amigos e familiares pesso perdão de todas as minhas faltas e desejo sejam felizes, quanto se pode ser neste mundo que nada vale, e pesso vivão sempre em harmonia e sem ambição profana».

jurara obediência à Junta Provisional do Reino⁽⁴⁹¹⁾, era Moço Fidalgo com exercício, Cavaleiro na Ordem de Cristo, Senhoria por Alvará de 3.8.1823, e a 26.10. fora agraciado no mesmo ano com a Medalha da Realeza. Quando o vimos, na antiga capela de Sezim, receber a sua prima, Dona Ana Margarida, já ocupara os cargos de Juiz de Fora, em Montemór o Novo e Viana do Castelo, e tinha sido, há pouco, despachado Corregedor para Valença⁽⁴⁹²⁾. Do seu inflamado ardor pela Causa do Liberalismo, das suas ligações à Maçonaria ainda ficam na memória, em alguma documentação⁽⁴⁹³⁾, as provas, a distanciar-lo muito nos ideais de seu cunhado e primo o Senhor de Sezim, uma grande brecha aberta, escancarada, entre as duas Casas, a reunir na próxima geração, a do Barão, numa só.

Aos então Senhores de Pombeiro nasceram quatro filhos⁽⁴⁹⁴⁾. Na sua casa, na rua de Santa Maria, havia festas, saraus, bem estar. Em Maio de 1841 abriram mais uma vez as suas portas para uma «brilhante companhia»; à uma da noite começara a retirada dos convidados. Contentes, depois de uma agradável noite, despediram-se também o Barão do Costeado, a Baroneza, sua sobrinha e uma cunhada. Ao passarem na viela das Dominicais, soara o tiro, a acertar em cheio no coração da suave Dona Maria Júlia da Luz, a menina do Costeado, assassinada nos seus quinze inocentes anos⁽⁴⁹⁵⁾. Da dor

(491) «Auto de juramento de fidelidade à «Junta Provisional do Governo Supremo do Reyno e futura Constituição», a 30-8-1820. L.º das Vereações da Câmara de G.es, de 1818-22, Arq. Mun. A. Pimenta. Está publicado no *Independente* (nota 426) com o n.º I.

(492) Nota 472, último l.º af citado, p. 301.

(493) Encontra-se no Arq. de Sezim um único papel a provar que João de Mello pertenceu à Maçonaria. O resto, segundo é tradição na Casa, foi queimado no princípio deste século.

(494) Foram: *D. Brízida Augusta*, n. a 26-12-1831 e foi b. a 6-1- por Frei João de Mello Palhares, Freire na O. de Cristo: os pad.ºs foram seu tio o Rev.dº cônego Paulo de Mello Pereira de Sampayo, e a avó pat. (N. 14, Oliv.ª); *D. Antónia Margarida*, n. a 16-11-1834, b. a 27, afilhada de N. Sr.ª do Rosário da Igr.ª de S. Domingos e do tio materno, Manuel de Freitas do Amaral e Mello; *Paulo*, n. a 17-11-1837, b. a 26 pelo Rev.º Paulo de Castro Abreu Magalhães, abade de Cerva, seu primo; os pad.ºs foram o tio pat., o cônego Luís de Mello, e a tia mat. D. Maria Bernardina da Silva Souto e Freitas; *D. Ana Amália*, n. a 28-3-1840, b. a 5-4- pelo rev. cônego Francisco Lobo de Mello Vilas Boas, seu primo: foi afilhada de seu primo Domingos Augusto da Silva Souto e Freitas e de sua tia, Dona Francisca Sabina de Mello Pereira de Sampayo. (N. 15, Oliv.ª). Todos nasceram na Rua de St.ª Maria e foram bapt.º no oratório particular da Casa.

(495) João de Meyra — *Velho Crime*, in *Independente*, de 1-4-1906. *Velharias Vimaranenses*, in *Gil Vicente*, vol. XVII, n.ºs 5 e 6. O meu *Velhas Casas* (III) *Casa do Costeado*, 1971, e Bernardo Ferrão de Tavares e Távora — *O Costeado, a sua gente e os jarrões da «menina» assassinada*, 1973.

e do espanto é acordada a casa dos Mellos Sampayos ao hospedarem no seguinte mês «o seu parente» Dom Pedro Paulo de Figueiredo, Arcebispo Eleito de Braga; dias passados em cerimónias, homenagens, Te Deum Laudamos «por o Papa Gregório XVI ter reconhecido o Governo da Rainha» (496). No luzido cortejo para a entrada solene na sua cidade vai também João de Mello Pereira de Sampayo, a reverenciar o «primo». A 2.7.1842 é nomeado Governador Civil de Braga «pede escusa por estar a remédios», concedem-na a 11 (497). Está doente, muito doente, não pode ocupar o cargo.

Dos olhos de Paulo de Mello Sampayo, futuro Barão de Pombeiro, então menino de sete anos, não se apagará nunca esta imagem: a igreja do Carmo, em Braga, «armada com toda a grandeza», coberta de crepes. Em pomposa essa, vestido de Cavaleiro da Ordem de Cristo «o mais rico possível», tudo por ordem do Arcebispo Primaz, o cadáver de seu pai, João de Mello Pereira de Sampayo, falecido no Paço Prioral, onde se hospedava, a 7.8.1844. Na madrugada do dia 9 saiu o enterro para Guimarães. À frente, 12 clérigos com tochas acesas; atrás 12 lacaios, o vento a bailar as chamas. Depois os ofícios na Colegiada da Oliveira, a sepultura a fechar-se na nave do Senhor da Agonia, «defronte ao altar fronteiro ao de Nossa Senhora da Conceição». Os choros, a igreja cheia. E a visita do Senhor Arcebispo, de «cruz alçada e pouco ou nenhum estado», a sua casa no dia 28, a dar os pêsames a sua mãe e restante família. Não poderá Paulo de Mello esquecer a figura do Arcebispo, depois de ter sido recebido pelo Cabido em grande cerimonial, ajoelhado sobre o tumulo «de seu primo e grande amigo», voz embargada, sem poder recitar as palavras do responso. Nem tão-pouco a paragem em Santo António das Taipas ao retirar-se para Braga na madrugada do dia 31, acompanhado até aí pelo Cónego Luís de Mello Pereira de Sampayo, «por mais dous conegos e algumas pessoas de qualidade»; os pobres ao redor da Capela à espera das esmolas; «os eclesiásticos de Braga» a aguardá-lo; a liteira donde se apeia o Senhor Arcebispo Primaz (498). Morrera João de Mello, ficaram os Morgadios para seu filho menino, a perder, quase logo, a 18.4.1845, sua mãe Dona Ana Margarida Freitas do Amaral (499).

(496) «*Velharias Vimaranenses*, in *Gil Vicente*, vol. XVII, n.ºs 5, 6, 7 e 8. O Arcebispo chegou a Guimarães a 13-6., retirou a 3; a entrada em Braga foi a 11-8.

(497) *Id.*, vol. XVIII, n.ºs 9-10.

(498) *Id.*, vol. XX, n.ºs 3, 4, 5 e 6.

(499) *Id.*, vol. XXI, n.ºs 3-4, foi sep.^a com grande pompa.

Depois do luto, voltamos a Sezim, onde tínhamos deixado já homem, já formado, o Barão de Pombeiro de Riba Vizela. Escolhe noiva: Dona Maria Henriqueta Freire de Andrade, com quem casa a 20.1.1862⁽⁵⁰⁰⁾. Para conhecermos um pouco a origem de sua família vamos dar uma volta, pelo Porto, por Braga, por ruas e casas bonitas. Lá vamos! Na antiga rua dos Conegos, depois Traz da Sé, agora de D. Hugo; no Porto mágico das ruelas e becos, fica a casa dos Freire de Andrade, esquartelado brasão de Coutinhos, Pereiras, Andrades e Bandeiras, timbres de Coutinhos. Mandada construir por António Mateus Freire de Andrade Coutinho Bandeira, Fidalgo da Casa Real, Morgado de Leomil, Membro da Junta Provisional do Governo Supremo da Cidade do Porto, bisavô, na varonia, de Dona Maria Henriqueta, estende a fachada lisa e harmoniosa ao longo da rua. Deixou António Mateus uns manuscritos, encantadores de minúcia, impressos, coligidos e anotados pelo Conde de Campo Bello em 1945⁽⁵⁰¹⁾. Não podemos deixar de os ler, de assim entrar na intimidade destes fidalgos, no Porto.

Descreve António Mateus Freire de Andrade as suas pratas, as contas correntes (as casacas, as botinas, o tabaco, as meias, os lenços), as colchas de borbotos e acolchoadas, o balanço geral de sua casa (algum milho, algumas pipas, algum centeio), o seu sentir. Faz-nos andar num encanto, a pegar num castiçal, num «assucareiro feito em Inglaterra», a espreitar de caixa em caixa, a correr a sua casa. Lega-nos nos seus escritos tão vivos, a maior joia, o testemunho da ocupação francesa no Porto, da guerra da província, das horas de receio, das horas de ânimo, num grande relato de quem viu e sentiu. Ao anotar estes apontamentos traça o Conde de Campo Bello a sua biografia mostra a sua árvore genealógica, as raízes a virem dos começos da nacionalidade portuguesa: Freires de Andrade a acompanharam a História, por todos os lados onde foi Portugal. Fala também dos Bandeiras, oriundos dum herói de Toro, família da avó paterna e dos amores de Luís de Magalhães, Arcediago de Oliveira, com a inglesa Joana Maria de Temery, os avós maternos. Cita o nome de sua mulher, Dona Tomázia Joaquina de Mendonça Cardoso Figueira de Azevedo, da Casa de S. Cosmado, e o de seu filho mais velho, Henrique Carlos Freire de Andrade Coutinho Bandeira, suceso-Deputado da Companhia Geral do Alto Douro, casado com

(500) O dote encontra-se no Arq. Part. de Sezim. Foi feito a 5-1-1862 nas notas do Tab. de Braga, Joaquim Penha Fortuna.

(501) L.º citado na nota 300.

Dona Maria José Araújo Coutinho. São estes os pais de Henrique Freire de Andrade Coutinho Bandeira Figueira de Azevedo, sucessor a seus maiores, Tenente dos Voluntários Realistas do Porto, recebido a 2.7.1836 com Dona Maria Felizarda Pereira do Lago Pimentel Portocarrero, herdeira, pais, por sua vez, de Dona Maria Henriqueta, Baronesa de Pombeiro pelo seu casamen'õ.

Para a família de Dona Maria Felizarda, mãe da Baroneza, é consultar os Costados de Canaes⁽⁵⁰²⁾. Senhores do Morgado de Semelhe, da quin'a de São Frutuoso e dos vínculos de Santo Adrião, em Braga, Vila Franca, em Viana, e Souto Mendinho, em Guimarães; e seguir as linhas destes Morgados, das suas muitas alianças, abri-las como um leque: os Pereira do Lago, na varonia, os Pita Ortigueira e Alpoins, de Viana, os Tinocos, os Carneiro Meyra Abreus, de Souto Mendinho, os Rocha Pimentais, de Semelhe, os Paiva Marinhos, os Leite Brandões, os Robys, os Vasconcelos, da Veiga do Penso, os Moreiras, os Macedo Portugais, portais brasonados, milho a secar nas eiras, sinos a repicarem na Sé Primaz. Depois de visto, abanado, fechar com rapidez o leque; guardá-lo. Acabada a geração masculina⁽⁵⁰³⁾ deixar cair os vínculos representados por Henrique Freire de Andrade e sua mulher (desígnios de Deus a expandir umas gerações, a estancar outras) nos netos dos 1.^{os} Barões de Pombeiro de Riba Vizela.

Para ter um arrendamento superior «ao ultimamente determinado pela lei de 30.10.1860» vão unir, a 7.1.1863, os Barões de Pombeiro todos os seus vínculos num só⁽⁵⁰⁴⁾. É em sua casa, na Rua de Santa Maria. Ali se encontra também seu tio o «ex.mo Luis de Mello Pereira de Sampayo, Conego Prebendado na Igreja e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, morador nas suas Casas do Largo do Priorado nesta mesma Rua de Santa Maria». Figura «em nome e como Tutor de sua 2.^a sobrinha Dona Maria Ana do Patrocinio, impubere filha dos ditos Ilustrissimos e Ex.mos Barão e Baroneza». O vinculo de Sabadão, no concelho de Ponte de Lima, dos Mellos, de Pombeiro de Riba Vizela «ins'ituido por Dona Maria de Mello

(502) Costado 49.

(503) D. Maria Henriqueta Freire de Andrade teve 1 irmão suc. a seus pais: José António Freire de Andrade Coutinho Bandeira, c. c. Edith Mabel Howard Wright, s. g. Por sua morte passaram as representações para a descendência de D. M.^a Henriqueta.

(504) «União dos vínculos que faz o Ill.m^o e Ex.m^o Barão de Pombeiro de Riba Vizela, desta cidade», a 7-1-1863. Tab. Francisco José da Silva Basto, (13-1-53) Arq. Mun. A. Pimenta.

com diversas anexações feitas por sucessores da instituidora», nos quais «ele outorgante sucedeu por morte de seu pai como unico varão», «o vinculo de Sezim em Santa Eu!ália de Nespereira instituido por Afonso Vasques Peixoto» com as várias anexações «ao qual o Ill.mo e Ex.mo José de Freitas do Amaral quando vivo anexou o vinculo de S. Braz instituido por Diogo Pires e o de Casa Nova em Basto, instituido por Martim Lourenço», herdados es'es por morte de sua tia Dona Maria Rita Freitas do Amaral, última administradora, «de cujos vinculos é imediata sucessora a dita Ex.ma Dona Maria Ana do Patrocínio por ser a unica filha que actualmente tem», ficam todos juntos. Passam a denominar-se: Vínculo ou Morgado dos Mellos de Pombeiro de Riba-Vizela e Sabadão, e assim ficam regis'ados.

Dona Maria Ana do Patrocínio não fica só durante muito tempo no quarto de brinquedos da casa da rua de Santa Maria, em Sezim, nas idas ao Porto. O primeiro ano, e já uma mana: Dona Maria Brízida; depois Dona Maria Henriqueta, Dona Maria Margarida. Por fim, um rapaz ⁽⁵⁰⁵⁾. A 4.6.1869, dia do terrível incêndio a devorar as casas do lado norte da Praça do Toural — nasce na rua de Santa Maria João de Mello Pereira de Sampayo para continuar a Casa. Vamos aproveitar estes anos de felicidade para falarmos duma das grandes paixões do Barão do Pombeiro: o teatro. Entusiasta, animador, ensaiador e accionista do Teatro D. Afonso Henriques ⁽⁵⁰⁶⁾, não pretendemos acompanhá-lo cada vez que lá entra a subir ao palco, a declamar, a compor um cenário, a dar uma sugestão. Nem sequer no grande «meeting» por ele encabeçado, mãos a gesticularem, voz a encher o teatro, a pedir ao governo a concessão do prolongamento da linha ferrea da Póvoa a Chaves por Famalicão, Guimarães, Fafe, Arcos e Vidago, contra a qual se insurgiam os bracarenses ⁽⁵⁰⁷⁾. Menos ainda nas récitas em casas de amigos e parentes, bules de prata a despejarem chá, ricos tabuleiros de doce, prendadas meninas ao

(505) *D. Ana Maria do Patrocínio*, n. a 9-11-1862, *D. Maria Brízida*, n. a 4-12-1863, *D. Maria Henriqueta*, n. a 5-1-1865, *D. Maria Margarida*, n. a 10-9-1867, e *João de Mello Pereira de Sampayo*, n. na Rua de St.^a Maria a 4-6-1869 e foi b. na Igreja do Salvador de Joane (freg.^a da Casa de Vila Boa).

(506) O Teatro D. Afonso Henriques inaugurado a 12-8-1855 teve no Barão de Pombeiro um grande entusiasta. A 4-1-1864 com os mais accionistas reuniu-se a fim de serem reformados os estatutos; presidia à Comissão. In *Velharias Vimaranenses*, in *Gil Vicente*, vol. XV, 2.^a série, n.ºs 1-2.

(507) Manuel Alves de Oliveira — *Lá vem o comboio novo!*..., p. 51.

piano. Seria muito longa a lista de palmas, dos cumprimentos. Mas uma vez...

Inaugurara-se nesse dia, 9.3.1882, a Sociedade Martins Sarmiento. À noite, no Teatro D. Afonso Henriques, houve récita de gala em seu benefício. Sala cheia, representam «primorosamente ensaiados pelo Barão de Pombeiro um grupo de rapazes entusiasmados pelo culto da arte scenica». «As chamadas ao ensaiador, aos actores, os ramos e coroas, o palco juncado de flores, o revoltear de poesias impressas, as inspiradas recitações de Alfredo Campos, Freitas Cos'a, Adolpho Salazar, Barbosa, Custódio de Freitas ora chamando os aplausos para o Dr. Sarmiento, ora dirigindo-os para o brioso grupo de amadores, o som dos bravos intensos, das palmas prolongadas formaram uma corrente d'entusiasmo tão enérgica, tão exuberante de agitação febril, d'eletricidade, que não havia firmeza d'espírito que se não perturbasse, não houve temperamento apathico que resistisse à dinamica, ao contagio daquela febre. Os mais frios aqueceram, os velhos sentiram o phrenesi da mocidade e o palco foi afinal invadido, barão de Pombeiro erguido em triumpho e dalli os actores e espectadores numa confusão indescriptivel de bravos, de palmas, de vivas, formaram a espontanea e inesperada ovação a Francisco Sarmiento». Para culminar, recita o Barão de Pombeiro — largo o gesto, alta figura, voz modulada, o monólogo — «A Mosca». Entusiasmado, «terminada a recitação», salta José Freitas Costa do seu camarote, e num improvisado dedica ao Barão um soneto ⁽⁵⁰⁸⁾.

(508) Homenagem ao «Dr. José de Freitas Costa», in *Revista de Guimarães*, vol. XXII, n.º 3-4, 1905. Eis o soneto dedicado ao Barão de Pombeiro:

«Também teu nome é grande incitamento
A quem no templo da Arte as artes presa;
Também aqui se pode ter nobreza,
Também se é nobre aqui pelo talento;

E tu, que muito és por nascimento,
Como pelo teu culto à realza
Do génio e do saber, oh! com certeza
Que és mais fidalgo assim neste momento,

Eu quero muito à velha fidalguia!
D'ella nos vem a glória que ennobrece
O berço, sim, da nossa monarchia;

Mas quero mais à luz que nos aquece,
Quero quem ame os louros d'este dia
Não quem à sombra dos outros adormece».

Esvazia-se o Teatro. A vida na cidade não pára. Tertúlias, cavaqueiras, agitam o dia a dia, seguem-se as conferências, as realizações. Martins Sarmento, Alberto Sampayo, muitos outros; é a geração dourada de Guimarães no saber e nas letras. Máquinas a chegarem, máquinas a mexerem-se, suor e força de braços a procurarem trabalho. Aos silvos, aos apitos, aos roncões irrompe a era da indústria, da mecanização. — Guimarães tem que mostrar o que vale! Guimarães tem que mostrar o que pode! — E mostra.

Na Sociedade Martins Sarmento, numa assembleia presidida pelo Conde de Margaride resolve-se fazer a I.^a Exposição Industrial de Guimarães. Constitue-se logo a Comissão Central, a que preside o Barão de Pombeiro. Incansável, nunca mais pára. Está tudo preparado. Presidente da Comissão Promotora da Exposição, aguarda com certo nervosismo a estender-se por todos a 14.4.1884, a chegada do primeiro comboio a Guimarães ⁽⁵⁰⁹⁾. Ele lá vem! Ele lá vem! Entra a máquina a resfolesgar, a soprar, envolta em fumo. A multidão abraça-se, os graves senhores de sobrecasaca e cartola riem-se felizes. Chegou o comboio, chegou o progresso. E logo, às 11 da manhã de 15.6 é inaugurada a Exposição no Palácio de Vila Flor ⁽⁵¹⁰⁾.

«— As Exposições são um dos mais fortes elementos para rejuvenescer e aperfeiçoar as indústrias. Guimarães uma das terras mais industriais de Portugal e que se ufana de contar já em remotas eras...» discursa o Barão de Pombeiro ao usar da palavra na inauguração ⁽⁵¹¹⁾. Tudo se olha, tudo se vê, tudo se comenta. Os couros curtidos e aparelhados, o calçado, as indústrias de papel, a fotografia, chapelaria, tipografia, sirgaria, alfaiataria, confecções, encadernação, ourivesaria, relojoaria. O linho, o algodão, a seda em fio, em peça, já prontos. A colchoaria, cutelarias, pentes e outros artigos de chifre, e porcas e freios, correeiros, latoeiros e funileiros. Os produtos alimentares e florestais as águas minerais. Carruagens. Serralharia, carpintaria e fundição. Olaria, indústria de sabão, sebo, velas. Tudo se vê, tudo se admira. Estava inaugurada a 1.^a Exposição Industrial de Guimarães. Era um sucesso! Porque não surpreender, depois da luta de tantos

(509) Nota 507. No centenário da inauguração do caminho de ferro em Guimarães a «*Muralha*, Associação de Guimarães para a Defesa do Património, editou um folheto com colaboração de Manuel Alves de Oliveira — *No Centenário da Inauguração do Caminho de Ferro* e minha — *Cá está o comboio* onde se descrevem estes acontecimentos.

(510) Manuel Alves de Oliveira — *A Exposição Industrial de 1884 e as suas repercussões*, Guimarães, 1984.

(511) *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães*, Porto, 1884.

dias, da fadiga das cerimónias, o Excelentíssimo Presidente da Comissão, o Barão de Pombeiro, a ir até à sua Casa de Sezim, a afrouxar, nesse caloroso junho, o colarinho da sua tesa e engomada camisa? E vê-lo a lançar de quando em quando olhares para o seu bonito relógio de ouro, preso por grossa corrente ao bolso do colete? Que canseira!

Chegara o progresso! Entrara nas propriedades, na vida, nos monumentos! Até nos mais pequenos pormenores. A 25.6.1888 contratam os Barões de Pombeiro com o «Conselho Administrativo do Regimento de Infantaria n.º 20 a colocação de um pára raios no Castelo da Cidade de Guimarães⁽⁵¹²⁾». No alto da torre da remota Mumadona, pertença do Regimento, o altivo pára raios a proteger das faíscas as casas ao redor. À volta do Castelo, no terreno dos Barões, rente à terra, com licença destes, o cano e a conduta do aparelho, a mergulharem fundo no chão. É uma época de sossego. Em Sezim, com paciência, arruma, cataloga, pesquisa todos os papeis, escrituras e pergaminhos o Abade de Tagilde⁽⁵¹³⁾, grande amigo do Barão.

A 10.1.1891 a primeira filha dos Barões a casar! «... na quarta feira a tarde na capella particular do palacete dos Barões de Pombeiro realiza-se o consorcio da sua gentilissima filha D. Maria Margarida com o Ex.mo Sr. Pedro Lobo Machado Cardoso de Menezes, filho mais novo do Exmo Visconde de Nespereira. Presidiu ao solene acto o Dig.mo Abade de Tagilde e foram padrinhos os Ex.mos Viscondes de Pindella, D. Antónia de Mello Sampayo, Conselheiro João Lobato Pereira Soares de Azevedo e Visconde de Paço Nespereira, João. Em seguida à cerimónia e depois de um lanche oferecido pelos nobres pais da noiva, os noivos retiraram para a formosa quinta de Sezim aonde vão passar a lua de mel. Foi um auspiciosissimo consorcio ao qual desejamos mil venturas e felicidades»⁽⁵¹⁴⁾. Doze anos depois

(512) Arq. Part. da Casa de Sezim.

(513) João Gomes de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde (1853-1912) insigne historiador, a quem, além de muitos trabalhos, se deve a organização do *Vimaranis Monumenta Histórica*. Grande amigo e corregilionario político do Barão de Pombeiro, catalogou e arrumou todo o Arquivo de Sezim; a ele se deve esse grande serviço à história da Casa.

(514) *Jornal Religião e Pátria*, de 10-1-1891. Pedro Lobo de Sousa Machado Cardoso de Menezes, n. em G.es a 17-12-1869, era f.º mais novo de Gaspar Lobo de Sousa Machado e Couros, 1.º Visconde de Paço de Nespereira, F. C. R., e de sua m.er D. Maria Amélia do Carmo Cardoso de Menezes Barreto do Amaral, Herd.ª, neto pat. de Rodrigo Lobo de Sousa Machado e Couros, F. Cav.º da C. R. (Alv. de 12-11-1811), Sr. da Qt.ª do Assento, em Santão (Felgueiras), e da Casa dos Lobos na rua da Rainha em G.es, e de Clara de Faria, e mat. de João Machado Pinheiro Cor-

morre Pedro Lobo «feretro acompanhado até ao cemitério por 31 carros conduzindo grande numero de amigos que ali lhe foram dizer o ultimo adeus»⁽⁵¹⁵⁾. Não muito mais vive Dona Maria Margarida; Deus chama-a a Si a 2.3.1910. Ficam três filhos, Dona Maria da Conceição, Paulo e Rodrigo, mais tarde a partilharem entre eles os bens herdados dos seus avós, os Viscondes de Paço de Nespereira e os Barões de Pombeiro, a tocar-lhes nessa herança a Casa de Sebadão. Floresce aqui um pouco do Alto Minho, ao casar Dona Maria da Conceição para a Casa de Paço Vitorino. Paulo e Rodrigo casam em Casas Vimaraneses: a dos Viscondes de Viamonte da Silveira e a dos Pintos de Carvalho Freitas do Amaral⁽⁵¹⁶⁾.

De quem são estes broches, estes adereços de ametistas, estas pratas, estes cristais? Mais presentes de casamento⁽⁵¹⁷⁾, outra filha a casar. «Na capela de Nossa Senhora da Assunção da Casa de

reia de Mello, 1.º Visconde de Pindela, 12.º adm. do vínculo de Pindela, 8.º Padroeiro do Mosteiro de Arnoso, 6.º adm. do vínc. dos Guerras, etc., e de sua 1.ª m.er D. Maria do Carmo Cardoso de Menezes Barreto do Amaral, 10.ª sr.ª do morgadio de Paço de Nespereira, sr.ª da Casa do Proposto, em G.es.

⁽⁵¹⁵⁾ Jornal *Independente* de -6-1903 e -7- do mesmo ano.

⁽⁵¹⁶⁾ D. Maria da Conceição Lobo Machado de Melo Sampayo, Sr.ª da Casa de Sebadão, n. a 23-10-1891, Condessa de Paço de Viterino pelo seu 2.º casamento † a - - -, x 1.º com José de Abreu Calheiros de Noronha Pereira Coutinho, † a 15-11-1915, s. g., e a 2.ª a 21-12-1922 com seu cunhado Francisco de Abreu de Lima Noronha Pereira Coutinho, 2.º Conde de Paço Vitorino, c. g. (Condes de Paço de Vitorino); Paulo Lobo Machado do Amaral Cardoso de Menezes, n. a 11-7-1895 e † a 19-9-1930, x com D. Joana de Almada de Viamonte da Silveira, f.ª dos 1.ºs Viscondes de Viamonte da Silveira, c. g. (Viamonte da Silveira Lobo Machado), e Rodrigo Lobo de Sousa Machado Cardozo de Menezes, n. a 9-7-1897 e † a 6-12-1941, x com D. Maria Arminda de Freitas do Amaral, f.ª do Cor. Duarte do Amaral Pinto de Freitas e de sua m.er D. Ana Mendes Ribeiro de Oliveira, e bisneta de D. Maria da Alegria Peixoto do Amaral e Freitas, nota 366. c. g. (Freitas do Amaral Lobo Machado).

⁽⁵¹⁷⁾ Foram: dos pais da noiva, 1 broche de brilhantes; do noivo, 1 broche de diamantes e 1 adereço antigo de ametistas; das irmãs dela, 1 broche de ametistas cercado de brilhantes; da irmã D. Margarida e cunhado Pedro Lobo 1 centro de mesa e serpentinas de cristal; do irmão, um serviço de porcelana, da tia D. Antónia (entre outros), 1 tinteiro e fosforeira de prata; do avô, Henrique Freire, 1 espelho para sala; da tia, D. Ernestina Freire, 1 colher para peixe; de D. Maria Sarmento (entre outros), 1 estojo de colheres de chá, 1 carteira e bolsa de prata; das primas, D. Maria e D. Francisca de Noronha, 1 par de argolas para guardanapo; de D. Maria Cláudia Queiroz Mesquita, 1 par de brincos de safiras; de D. Mariana Brandão, 1 palmatória de prata; da Viscondessa de Pindela (D. Eulália), 1 moldura de prata; de D. Ana Freitas, 1 caixa de lenços; dos Viscondes de Pindela, 1 par de candieiros de Gagneau; de D. Matilde e Bernardo Pindela 1 broche de safiras; do Visconde de

Sezim, Luís Fernando Coelho de Melo Mexia, de 28 anos, solteiro, empregado publico, natural da freguesia da Santa Sé da cidade de Évora, filho legítimo de João de Mello Mexia de Almeida Cardoso do Vale natural de Nossa Senhora dos Martires de Arraiolos e de sua mulher Dona Jeronima Coelho de Vasconcelos Mexia, de Santa Maria Maior, Viana do Castelo», recebe a 28.11.1891 por mulher a sua prima em 3.º grau canónico ⁽⁵¹⁸⁾. Dona Maria Brízida de Mello Sampayo ⁽⁵¹⁹⁾. «Capela e palacete de Sezim, primorosamente ornamentados a cerimónia de carácter íntimo e familiar realizou-se com a solemnidade e nobreza que os disintos paes da noiva costumam no meio da sua simplicidade dar às suas festas» ⁽⁵²⁰⁾.

Largamos os suaves verdes, a terra em socalcos a dar couves, feijões, abóboras, tudo coberto por frescas ramadas carregadas de cachos a pintar. Deixemos esta terra de regatos, de água a sair das rochas, de casas de granito a acompanharem o chão. Estendamos os olhos para outras paragens mais duras, mais ricas, mais fortes. Ali Campo Maior, o Castelo a aguentar a raia, séculos de heroicidade. Vila nascida na imensa planura, a ondular, a perder a vista. Mexias Vicentes, Foutos, Centenos, nomes de Castela, nomes de Portugal, de um, de outro lado a baterem se nas guerras na árvore de D. Martim

Paço de Nespereira, 1 estojo de prata para escrevaninha; do Conde de Margaride, 1 lamparina de prata; de D. M.^a da Conceição Martins Minotes, 1 par de biscoiteiras; de D. Delfina Martins Carneiro, 1 estojo de colheres para gelo; de D. Camila Martins, 1 licoreira; de D. Maria do Carmo Martins Minotes, 1 par de floreiras para toilette; de D. Luísa Margaride, 1 espelho com moldura antiga; de D. Maria Freitas Costa, 1 talher de prata; de D. Amélia Calheiros, 1 jogo de copos antigos; de Henrique Margaride, 1 colher para pastéis; de Luís Margaride, 1 estojo de lava para escrevaninha; de Luís Martins de Menezes, 1 leque; do Abade de Tagilde, 1 candeeiro para sala de jantar; de D. Rita Clementina Neves, 1 serviço de cristal para mesa. Assistiram à cerimónia: os pais, irmãs, cunhado, D. Amélia Augusta de Sousa Calheiros, D. Luísa Margaride, D. Maria do Carmo Minotes, D. Antónia de Mello Sampayo, D. Maria de Freitas Sarmento, o Reitor de Nespereira, o Abade de Tagilde, Tab. João de Oliveira Bastos, o irmão da noiva e o Juiz Caetano Pereira do Couto Brandão, primo do noivo, v. nota 520.

⁽⁵¹⁸⁾ A avó pat. do noivo, D. Antónia Joana de Mello Sampayo, era irmã do avô pat. da noiva, João de Mello Pereira de Sampayo, v. nota 483. A mãe do noivo também descendia dos Mellos Sampayos, era neta, por seu pai João Coelho de Castro Villas Boas e Sá de D. Francisca Rita de Mello Pereira de Sampayo, f.^a de Paulo Luís de Mello Pereira de Sampayo (nota 479). Por esse lado tinham os noivos um 4.º avô comum.

⁽⁵¹⁹⁾ *L.º C Nespereira 1762-1899, Conservatória do Registo Civil de Guimarães.*

⁽⁵²⁰⁾ Notícia no jornal *Religião e Pátria* de 15-12-1891.

Afonso Mexia, Beneficiado de Elvas, Chantre de Guimarães⁽⁵²¹⁾, Prelado de Tomar, Bispo de Leiria, Elvas, Coimbra, Secretário de Portugal, Governador do Reino⁽⁵²²⁾ a dar esplendor à linhagem dos Mexias⁽⁵²³⁾. São olivais, sobreiros, brancos montes a alvejarem de onde a onde. Terra a dizer monda, a falar das ceifas, da fartura, do pão. Arraiolos branquinho à volta do Castelo. Santiagos, Giões, Vales, Cardosos, Golayas, mais Mexias, mais Centenos, famílias alentejanas⁽⁵²⁴⁾ já ligadas aos Mellos de Pombeiro. Do casamento de Luís Fernando Coelho de Mello Mexia com sua prima Dona Maria Brízida de Mello Mexia dois filhos: João Paulo de Mello Mexia e sua irmã Dona Maria Henriqueta. Que belo rapaz! Que lindíssima Senhora!

A Companhia de Caminho de Ferro de Guimarães, Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada com o capital de 500.000\$000, expropria ao Barão de Pombeiro 3.097 m² de mato. Paga-lhe 1.858\$500, a 24.3.1904⁽⁵²⁵⁾. Corre a máquina a espalhar faúlhas.

(521) Numa carta em pergaminho de El-Rei D. Filipe ao Cabido de Guimarães, escrita em Valhadolide a 20-8-1603, vem a notícia da ordem real para o Doutor Martim Afonso Mexia vir de Roma para servir de Secretário de Estado, e a sua nomeação para Chantre e Cónego na Igreja de Guimarães. Outra carta de 30-3-1605 dá conta da sua nomeação para Bispo de Leiria. *Cartas de Reis*, pub. no *Boletim de Trabalhos Históricos*, 2.º, pp. 6 e 7. Nos *Elementos para um Cathalogo...*, mesmo *Boletim*, vol. VII, n.º 3. citam-se estas cartas e lê-se: «O Chantre Martim Aff.º Mexia nem servio nem venceo nada ainda q tomou posse em 21 de Janr.º de 1603».

(522) L.º citado no 1.º parágrafo da nota 463.

(523) D. Martim Afonso Mexia era f.º de Martim Afonso Fouto, que viveu em Campo Maior no tempo d'el Rei D. João III, e de sua m.er Maria Lourenço, neto pat. de Martim Afonso Fouto e de sua m.er D. Isabel Frz do Campo Mexia. Instituiu 2 Morgadios; num sucedeu seu irmão Pedro Mexia Fouto e no outro seu irmão Manuel Mexia Fouto, 7.º avô de Luís Fernando Coelho de Mello Mexia, por 2 linhas (bisavós pats.).

(524) Segundo os nobiliários procedem os Mexias de «D. Diogo Ouveques Cavalheiro de Sangue Real, por ser descendente, ou de El Rey D. Palayo por sua f.ª Falquila Paes m.er de Esberianes Mexia Sr. da Torre e Casa de Mexia, ou de Galdim, f.º de Gumbabundo Rey do Reino de Mexia» !!! Dizem terem vivido em Ubeda. A origem é Galega (Mejia) estendendo-se pelo resto da Península. Passaram a Portugal (Portalegre, Campo Maior no séc. XVI (reinado de D. Fernando) espalhando-se pelo Sul. Os Santiagos (varonia de Luís Fernando Mexia) eram de Arraiolos e dizem ter sido um deles pagem da Duquesa de Mântua. Gião é um apelido muito conhecido no Alentejo, estes Cardosos e Vales e Vicentes são da mesma província. Os Golaya eram «gente honrada» (espanhóis?). Os Centenos vieram de Castela para Campo Maior na pessoa de João Centeno que aí foi muitas vezes «juiz e vereador; os Fouto repetindo os nobiliários foram Fidalgos da Casa, de D. João II. De todas estas famílias descende, por várias, linhas Luís Fernando Mexia. V. Gayo, Tomo XX, Mexias.

(525) Arq. Part. da Casa de Sezim.

Em 1907 é inaugurada a linha Guimarães-Fafe. Correm os anos; trazem alegrias, espalham dores.

João de Mello Sampayo, o único filho varão dos Barões de Pombeiro, aluno do Colégio de Campolide, forma-se em 1892, em Coimbra, Bacharel de Filosofia. Deputado pelo círculo n.º 8 de Celorico de Basto, casára no Porto, a 29.8.1904, com sua prima Dona Maria José Álvares Ribeiro de Faria⁽⁵²⁶⁾; também no Porto lhe nascera uma filha: Dona Júlia Maria Henriqueta. A 6.12. desse mesmo ano levára-o a morte. Seis meses depois, a 16.6.1907, nasce um rapaz, seu filho póstumo, Paulo Henrique de Mello Sampayo, 2.º Barão de Pombeiro de Riba Vizela, educado em França, onde se refugia sua mãe depois da República⁽⁵²⁷⁾, a suceder-lhe na sua prematura morte, em toda a representação do Morgadio de Pombeiro e seus vínculos, de Sezim e mais casas; no título, sua irmã, Dona Júlia Maria Henriqueta, actual Baronesa de Pombeiro de Riba Vizela⁽⁵²⁸⁾.

Deixa o 1.º Barão de Pombeiro de Riba Vizela, ao falecer a 4.3.1913, depositado na Misericórdia de Guimarães, «sem armação de qualidade alguma, Cristo crucificado no trono do altar mor com o

(526) F.ª de Henrique Ribeiro de Faria, Bach. em Direito, e de sua m.er D. Júlia Emília Álvares Ribeiro Cabral, neta pat. do Dr. Francisco Ribeiro de Faria, F. C. R., e de sua m.er D. Rosa Margarida de Barros Lima, e mat. de Joaquim Torcato Álvares Ribeiro, F. C. R. Lente da Academia Politécnica do Porto, etc., e de sua m.er D. Jerónima Júlia do Vale Pereira Cabral. Era bisneta, na varonia, de Manuel Ribeiro de Faria, já mencionado na nota 397 daí o parentesco de D. Maria José com seu marido.

(527) Os dados biográficos do 2.º Barão de Pombeiro encontram-se no prefácio feito pelo Conde de Campo Bello no 1.º citado na nota 300, † a 30-9-1941, viveu em França desde os 3 anos e era formado pela École Libre des Sciences Politiques, de Paris.

(528) D. Júlia Maria Henriqueta de Mello Sampayo, 3.ª Baronesa de Pombeiro de Riba-Vizela, sr.ª do Paço de Pombeiro e actual representante desta Família, x em Lisboa a 29-1-1945 com D. Caetano Jerónimo de Jesus Maria José Henriques de Lancastre dip. pela Escola Superior Colonial Grã-Cruz de Honra e Devoção da O. de Malta, n. em Vila Franca de Xira a 30-9-1906 e † - - - , f.º dos 40ª. Condes das Alcáçovas. Tiv.: a) D. Maria José de Lancastre de Mello Sampayo, Lic. em Línguas e Literatura Estrangeiras pela U. de Pisa, Professora na mesma U., autora de *Fernando Pessoa, uma fotobiografia*, c. c. António Tabuchi, Lic.º pela U. de Pisa, Prof. de Literatura Portuguesa nas Univs. de Génova e Roma, c. g.; D. João, q. s.; D. Maria Teresa de Lancastre de Mello Sampayo, x com André de Seabra Ponce Álvares, Piloto-Aviador, c. g. — D. João de Lancastre de Melo Sampayo, Lic.º em Eng.ª Química-Industrial (I.S.T.) c. c. D. Maria Alexandra de Vilhena Cid dos Santos, tiv.: D. Paulo, D. Gonçalo e D. Marta.

numero suficiente de luzes devido a Sua Majestade e grandeza»⁽⁵²⁹⁾, a terça a suas filhas vivas. Nela incluída «emquanto vivas as três a Casa de Sezim com todas as suas pertenças e a raiz à que sobreviver às outras duas». Para as solteiras vão a mais os moveis: «a mobilia do quarto chamado dos armários em Sezim (cama antiga de talha com armas e respectivo cortinado, os cortinados da janela...), a mobilia de pau preto da sala verde, cadeiras, escadinhas, a mesinha redonda de nogueira do quarto do torreão do lado do jardim, a mezinha bordada e 3 cadeiras estofadas tudo de madeira a imitar bambu», quantos mais. E a Casa prossegue nas mãos das três: Dona Maria Ana do Patrocínio, Dona Maria Brízida e Dona Maria Henriqueta, chamadas às «Senhoras Pombeiros, as Baronesas», senhoras, entre muitas outras propriedades, da Casa de Sezim.

Viveram largos anos na casa da rua de Santa Maria, esquina para o Carmo. Longos, longos anos, a viuva a rever-se nos filhos, nos netos; as solteiras nesses sobrinhos. No verão iam até Sezim. Longos anos: Missas, devoções, criadas a servirem-nas com dedicação. Visitas, deixar bilhetes, cumprimentos de chegada, de despedida. Afrontados ahs! de espanto, de escândalo, um ou outro sorriso de indulgência, quase uma desculpa às novas chegadas de fora, a um boato a correr. Dignas, direitas, muito lucidas, vivas, espreitavam o mundo no seu protegido viver, das suas salas, no seu tom cerimonioso.

Foram as três até à capela de S. Braz, mexida, revolta para as obras do futuro Museu. O chão está levantado, sepulturas desenterradas, tudo sem ninguém lhes perguntar seja o que for. Alfredo Guimarães⁽⁵³⁰⁾ mostrar-lhes, radiante, umas tábuas, pintadas, descobertas por ele na limpeza da capela, cobertas por espessa camada de poeira. Ao limpá-las verificou tratar-se duma pintura gótica: um tríptico. Estupefactas ficam as filhas dos Barões de Pombeiro. A capela é sua (ou da filha de seu irmão?) e tudo quanto nela está pertence, desde a era de quatrocentos, à sua família. Querem o quadro. Começa a polémica. A 11.3.1933 Alfredo Guimarães oficia ao Director Geral do Ensino Superior e de Belas Artes⁽⁵³¹⁾. Contesta a posse da

(529) «Registo do testamento do Ex.mo Barão de Pombeiro», L.º 132 (15-5-27), Arq. Mun A. Pimenta. Feito dias antes de morrer nele favorece as f.ªs que com ele viviam.

(530) Criador e 1.º director do Museu Alberto Sampaio, em Guimarães (1882-1955).

(531) Neste ofício alega-se que tendo o Estado inventariado em 1912 a Capela como propriedade sua o Barão de Pombeiro de Riba Vizela, então vivo, não impug-

capela de S. Braz, expõe razões nem sempre fundamentadas. A magnífica pintura do século XVI, — o tríptico aberto: no 1.º volante S. Braz vestido de Bispo com um devoto; no painel central a Deposição no túmulo: Jesus morto rodeado por Nossa Senhora, as Santas mulheres, outras figuras; no 2.º volante: S. Jerónimo a mostrar a chaga do peito, na mão, uma pedra. O tríptico fechado: um anjo no volante esquerdo; Nossa Senhora da Anunciação, de joelhos, no direito ⁽⁵³²⁾ —, pese a Dona Maria Ana do Patrocínio, Dona Maria Brízida e Dona Maria Henriqueta, fica a pertencer ao Museu Alberto Sampaio.

Única senhora de Sezim por morte de suas irmãs, chega aos cem anos Dona Maria Ana do Patrocínio. Cem anos ⁽⁵³³⁾, ainda agarrados à vida, apenas sacudidos pela morte de seu sobrinho e herdeiro João Paulo de Mello Sampayo Mexia ⁽⁵³⁴⁾, a sua luz, o seu enlevo. Fica então Sezim e toda a sua fortuna para a sobrinha Dona Maria Henriqueta de Mello Sampayo Mexia. Com mais esta Senhora da Casa, voltamos atrás no tempo, percorrendo um caminho já muito conhecido num dia quente, a procurar abrigo na sombra das árvores. 19.6.1916. Estão abertas, de par em par, as portas da capela da Casa de Sezim!

Sai Dona Maria Henriqueta de Mello Sampayo Mexia, tão bonita, tão distinta, pelo braço de seu marido o Dr. Simeão Pinto de Mesquita de Carvalho Magalhães, Bacharel em Direito, Advogado no Porto, Alferes Miliciano prestes a partir para Moçambique (Grande Guerra: expedição de 1917-18 ⁽⁵³⁵⁾). Juntos vão percorrer um longo

nou o arrolamento; que durante os sécs. XVI e XVII estiveram instaladas na capela de S. Braz a Misericórdia e a Confraria de N. Sr.^a do Serviço, etc., etc. L.º n.º 1 da correspondência do Museu Alberto Sampaio.

⁽⁵³²⁾ É um lindo quadro a óleo em madeira de castanho; está em exibição no Museu Alberto Sampaio (actualmente no Instituto José de Figueiredo para restauro).

⁽⁵³³⁾ Faleceu em Guimarães a 3-3-1963 (cem anos e 4 meses), D. M.^a Henriqueta, também solteira, tinha † a 27-7-1949; D. Maria Brízida † viúva a 14-2-1958.

⁽⁵³⁴⁾ N. em Guimarães, freg.^a da Oliveira, a 6-3-1893 e † a 18-4-1958, c. c., D. Aida Santos Cunha, que em sua memória instituiu a «Fundação João Paulo Mexia».

⁽⁵³⁵⁾ Sr. da Casa de Vila Verde n. a 16-4-1889 no Porto, freg.^a de St.º Ildefonso, f.º do Dr. António Pinto de Mesquita de Carvalho Magalhães, Bach. em Direito, Adv.º, Proc. à Junta Geral do Distrito do Porto, Gov. Civil do Porto, Sr. das Casas de Vila Verde e do Paço de Carvalhosa, e de sua m.er D. Felismina do Carmo Barbosa, neto pat. do Dr. Simeão Pinto de Mesquita de Carvalho Magalhães, Fid. da C. R., Bach. em Direito, Pres. da Câmara de Baião, Sr. das Casas de Vila Verde, Paço de Carvalhosa e Diagares e da Cheira, e de sua m.er D. Margarida Balbina de

caminho, mais de cinquenta anos, até morrer Dona Maria Henriqueta⁽⁵³⁶⁾. Vamo-nos limitar a registar o nascimento de seus filhos⁽⁵³⁷⁾ nesses anos felizes. Deixamos as árvores das terras de Sezim encherem-se do tenro verde, dos calmos frutos nos verões, dos tons maduros do outono, do frio gélido da nudez, o tempo passar. O resto da história, a vida dos Senhores da Casa não diz respeito a estas páginas.

É do Dr. Simeão Pinto de Mesquita de Carvalho Magalhães, do seu espírito cheio de juventude apesar dos anos, do seu encanto, da sua cultura. Da sua estirpe remota e fidalga, a vir das terras de Basto, seu 8.º avô na varonia, Simeão Pinto, filho segundo⁽⁵³⁸⁾. Inquiridor, a casar em S. Romão do Corgo, a 23.9.1584, com Ana de Mesquita, dos Mesquitas Sobrinhos⁽⁵³⁹⁾, a atravessar os anos, as alianças a

Araújo Borges Pinto da Fonseca, Sr.^a da Casa do Balde, em Baião, mat. de Aleixo José e de sua m.er D. Ana Rita Barbosa V. *Carvalhos de Basto*, fasc. 47, § 16 — Casa de Vila Verde, em Caíde d'el Rei, Lousada.

(536) † no Porto a 28-4-1975.

(537) São: o Dr. António Pinto de Mesquita de Melo Mexia e Vasconcelos (nota 541); Luís Fernando Pinto de Mesquita de Mello Mexia, n. no Porto a 1-12-1919, Lic.do em Eng.^a Civil e de Minas, Eng.^o de Minas da Junta da Energia Nuclear e Insp. Sup. de Minas do ex-Ministério do Ultramar, etc., c. c. sua prima D. Maria Isabel de Portugal Lobo de Vasconcelos Trigueiros de Aragãos, c. g. (uma sua f.^a, a Dr.^a D. Ana Trigueiros Pinto de Mesquita, c. na capela da Casa de Sezim a 20-8-1977 com o Dr. Francisco Eduardo Pinto de Lima Dias Costa, c. g.). Paulo de Mello Mexia Pinto de Mesquita, n. 23-4-1921, c. c. D. Isabel Maria Leite de Antas de Oliveira, s. g.; D. Maria Margarida Brízida, n. a 27-6-1923, sr.^a da Casa de Vila Boa, em Joane, c. c., o Dr. Hugo Cabral de Moncada, Lic.do em Direito (U. C.), Doutor em Direito, Vice-Reitor da U. C., etc, c. g.; (também uma das suas f.^{as} D. Isabel Maria Pinto, de Mesquita Cabral de Moncada c. em Sezim, a 6.9. 1980, com Manuel Luís Gavião Peixoto de Carvalho Costa, Lic.do em Direito, c. g.); D. Maria Ana, n. a 27-6-1923 e † a 16-10-1947, solt.^a, D. Maria José, n. a 2-9-1932, x com D. Luís Filipe da Silveira de Vasconcelos e Sousa (Castelo Melhor), c. g.

(538) De Lançarote Pinto Machado «Moço de Camera de El Rey d. João 3.º como consta da Carta de Legitimação do mesmo Rey que tem seus descendentes», f.º de Lançarote Pinto, abade de Jacente, f.º este de António Dias Esteves, dos Esteves Rebelos, e de sua m.er, D. Brioljanja Pinto (f.^a de Ayres Pinto, Pintos § 1, n.º 7). Lançarote Pinto Machado c. c. Violante de Freitas (f.^a de Manuel Dias Ribeiro, viveu na Qt.^a de Pousada, em St.^a Cruz do Riba Tâmega, e m.er D. Joana Ferreira), sua mãe chamava-se Maria Colaça. É esta varonia desta família, segundo *Gayo*, Tomo XXVIII, Vasconcelos, § 65 e 146, donde copio sem verificar.

(539) Ana de Mesquita era f.^a de Miguel Sobrinho de Mesquita, (Armado Cav.^o em Ceuta, F. C. A. (1585): Mesquitas, Machados, Rabellos e Sobrinhos e f.º de João Lopes de Mesquita (q viveu no Casal de Porto de Lobos, freg.^a do Salvador de Briteiros) e de sua m.er Ana Rz Sobrinha, e neto de Lopo de Mesq.^a e Violante Machado e neto materno de Franc.^o Rabello e m.er Maria Sobrinha. Nota

aumentarem a Casa. Casa de Vila Verde, em Caíde d'el Rei, Paço da Carvalhosa no Marco de Canavezes, Quinta de Diagares, em Valadares, Baião, Casa da Chieira em Alvarenga, Arouca, Casa do Balde, em Baião, e ainda outras, longa fila de Avós, Senhoras de Casa, mulheres de Capitães de Auxiliares, de Bachareis em Direito, de Fidalgos Cavaleiros, os Pinto de Mesquita Carvalho Magalhães⁽⁵⁴⁰⁾ actual varonia de Sezim.

É de seu filho segundo Luís Fernando Pinto de Mesquita de Melo Mexia, Engenheiro Civil e de Minas, breve Senhor de Sezim, por partilhas feitas a seguir à morte da Mãe, acordos depois desfeitos e mudados.

É do primogénito, o Dr. António Pin'õ de Mesquita de Mello Mexia e Vasconcelos, hoje Senhor de Sezim, Diplomata, Embaixador de Portugal na Noruega, na Turquia e na Polónia⁽⁵⁴¹⁾ agora a viver na Casa dos seus maiores. É de sua mulher Dona Maria Francisca Faria de Melo Archer⁽⁵⁴²⁾, do seu dinamismo, do futuro dos seus

dos editores de *Gayo*, Tomo XX, Mesquitas, § 23) e de sua m.er Catarina Vaz, com quem casara em G.es indo depois para Basto onde viveram. Além da f.^a aqui citada tiveram muitos mais, entre os quais destacamos: o Dr. Paulo de Mesquita Sobrinho, D.zor da Relação de Braga, Provedor da St.^a Casa da Misericórdia de G.es em 1656 (*Bol. Trabalhos Históricos*, vol. IV, p. 123), inst.or em 1653 de um recolhimento e capela para as Beatas Trinas com várias obrigações dando nome à rua (P. Torcato — *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, p. 330; P.^o Caldas — *Guimarães*, p. 160, vol. II), Pedro de Mesquita Sobrinho, cónego na Colegiada de G.es, Manuel de Mesquita Sobrinho, Cap. Mor em Basto, e Francisca de Mesquita, m.er do Lic.do Luís de Sousa, pais do cónego da Colegiada António de Mesquita de Sousa, que fez as Inq. de Genere em Jan. de 1639 (*Bol. de Trabalhos Históricos*, I vol., 3.^o).

⁽⁵⁴⁰⁾ Para todas essas alianças v. *Gayo*, nota 538, *Carvalhos de Basto*, nota 535, Álvaro de Azeredo — *Azereados de Mesão Frio*, pp. 186 a 191 e *Casas de Baião*, pp. 41, 42, 189 e 190.

⁽⁵⁴¹⁾ N. no Porto, freg.^a de Cedofeita, a 13-5-1917, Lic.do em Direito (U. C.) (1941), ad.^o no Ministério dos Negócios Estrangeiros em 1945, Cons. na Emb.^a de Portugal no Rio de Janeiro (1960), Cônsul Geral no Rio de Janeiro (1961), Chefe do Protocolo (1962), Embaixador de Portugal na Noruega (1965), na Turquia (1971), na Polónia (1977), Advogado, Grã-Cruz da O. de St.^o Olavo da Noruega, de Cisneros de Espanha, Grande Oficial da O. do Infante D. Henrique, Com.or de diversas Ordens estrangeiras, entre as quais a do Cruzeiro do Sul, do Brasil.

⁽⁵⁴²⁾ Casaram a 7-10-1946. Sua arvore: I D. Maria Francisca, n. na Agueira a 13-1-1925, f.^a de II José Luís Archer, Lic.do em Ciências Políticas e Sociais, adido em Berlim, cônsul em S. Paulo, Antuérpia, Cantão, Vigo, Cônsul Geral em Paris, Nova Iorque, Rio de Janeiro. Administrador da Zona Internacional de Tânger, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em Berne, Presidente de várias delegações, Embaixador, Secretário Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, etc., etc., e de sua m.er III) D. Rosa Branca Faria de Melo. Neta de: IV) Alfredo Jun-

filhos⁽⁵⁴³⁾, da terra que é sua a produzir o bom vinho, dos trabalhos pastos a darem fartura, das máquinas modernas a sulcarem o chão, das adegas a parecerem laboratórios, do mundo da agricultura a renovar-se. E é também, para quem a estudou, a Casa de Sezim, caiada de cor de rosa, na imponência do seu portal armoriado, um murmúrio, um cantar a começar muito longe. «Em Maria Mendes Sarrazinha, nome fresco, alegre, a vir de tempos remotos».

Maria Adelaide Pereira de Moraes

queira de Figueiredo e de sua m.er V) D. Maria Henriqueta Archer Crespo; VI); Carlos de Faria Milanos; 2.º Barão de Cadoro, e de sua m.er VII) a Baronesa D. Branca de Carvalho Alves. Bisneta de VIII)

e sua m.er IX)

X) Lúcio Albino Pereira Crespo, cap. de Fragata, Gov.or de Moçâmedes e de sua m.er XI) D. Maria Francisca Archer; XII) Carlos Faria de Melo, I Barão de Cadoro, Cônsul Hon. de Espanha em Aveiro, etc. e de sua m.er VIII) a Baronesa D. Rosa Eloísa de Milanos Y Rossi, nat. do Puerto de Santa Maria, Espanha; XIV) Carlos José Alves e sua m.er XV) D. Maria Beatriz de Carvalho.

⁽⁵⁴³⁾ Um pequeno apanhado numa tarde dum sábado qualquer. A alegria, a algazarra de Tomás, João e Francisco Jervell, a calma e linda tranquilidade de sua irmã Maria Inês a correrem pelo terreiro de Sezim, casa de seus avós, filhos da primogénita dos Sr.s da Casa, D. Rosa Maria Archer Pinto de Mesquita e seu marido Tomaz Jervell. Uma carta a chegar de França do filho, o mais velho dos rapazes, o Dr. Simeão Archer Pinto de Mesquita, Lic.do em Ciências e Política Ultramarina Funcionário Consular, Cônsul de Portugal em Clermont-Ferrand com novas de seus filhos António e José Luís Pinto de Mesquita. Um carro a entrar, mais outro que chega; são os dois mais novos: António Pedro Archer Pinto de Mesquita (x com Chantal Triballat (div) e tiv.: Marie Francisca e Fleur) acompanhado de sua m.er D. Maria Isabel Ferreira Porto (rec. no Catedral de Santiago de Compostela a 24.7.1985) e José Paulo de Mello Archer Pinto de Mesquita, todo o futuro da Casa de Sezim em grande movimento. Para datas e mais dados v. *Carvalhos de Basto*, fasc. 48, § 16.º, a.